

GRÊMIOS ESTUDANTIS

DE PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA A
DEFESA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA



MIREVEJA
EDITORA

ORGANIZAÇÃO
FLÁVIA DA SILVA FERREIRA ASBAHR

GRÊMIOS ESTUDANTIS

DE PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA A
DEFESA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA

GRÊMIOS ESTUDANTIS

DE PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA A
DEFESA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA

Flávia da Silva Ferreira Asbahr

ORGANIZADORA

1ª edição

2022

MIREVEJA
EDITORA

Copyright ©2022 by Editora Mireveja

Direção editorial: Fabiana Biscaro e João Correia Filho

Edição: João Correia Filho

Capa e projeto gráfico: Cintia Belloc

Preparação e revisão: Fabiana Biscaro

1ª edição

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Grêmios estudantis: de projeto de extensão universitária a defesa da gestão democrática na escola / organizado por Flávia da Silva Ferreira Asbahr. – Bauru, SP: Mireveja, 2022.

286 p.

ISBN 978-65-86638-20-2

1. Educação 2. Associações estudantis 3. Política e educação 4. Educação e sociedade I. Asbahr, Flávia da Silva Ferreira

22-1455

CDD 371.59

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação

Todos os direitos desta edição reservados a Editora Mireveja Ltda.

Rua Maria Cecília de Oliveira Maciel, 1-13

Jd. Colonial – Bauru-SP – CEP 17047-625

Fone: (14) 99148 0190

www.editoramireveja.com

Apoio



DEPARTAMENTO DE
psicologia
UNESP BAURI



unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



CONSELHO EDITORIAL E CIENTÍFICO

Prof. Dr. Afonso Mancuso de Mesquita
Universidade Estadual de Feira de Santana – BA

Prof^a. Dr^a. Andréa Maturano Longarezi
Universidade Federal de Uberlândia – MG

Prof^a. Dr^a. Carolina Picchetti Nascimento
Universidade Federal de Santa Catarina – SC

Prof^a. Dr^a. Elaine Sampaio Araújo
Universidade de São Paulo – SP

Prof^a. Dr^a. Elizabeth da Penha Cardoso
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP

Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – MS

Prof. Dr. Fernando Ramalho Martins
Universidade Estadual Paulista – SP

Prof^a. Dr^a. Flávia da Silva Ferreira Asbahr
Universidade Estadual Paulista – SP

Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier
Universidade Estadual Paulista – SP

Prof. Dr. Wellington Lima Cedro
Universidade Federal de Goiás – GO

SUMÁRIO

- 11** **Apresentação: Grêmios estudantis: de projeto de extensão universitária a defesa da gestão democrática na escola**
Flávia da Silva Ferreira Asbahr
Cássia Aparecida Magna Oliveira
Rebeca Isabelle Müller

Parte I • Reflexões iniciais

- 27** **Capítulo 1: O grêmio estudantil como instrumento de participação: é preciso formar para participar**
Cássia Aparecida Magna Oliveira
Flávia da Silva Ferreira Asbahr
- 41** **Capítulo 2: A importância dos grêmios estudantis para a Secretaria Municipal de Educação como política pública do município de Bauru**
Rose Teixeira Gaido
Kelli Cristina do Prado Corrêa
Fernanda Costa Garcia
Flávio Ismael da Silva Oliveira

Parte II • Relatos de experiência sobre a formação do grêmio nas escolas municipais

- 69** **Capítulo 3: Atuação do grêmio estudantil: um relato de vivência**
Wanessa Cavaglieri Santos Pini

- 75 **Capítulo 4: Relato de experiência: a construção, capacitação e atuação do grêmio estudantil na EMEF José Francisco Junior “Zé do Skinão”**
Alessandra Karina Bueno de Oliveira
Andreia Matilde Augusto
Sandra Regina Simões Bernardino da Silva Pereira
Silvana Postigo Prudente
- 83 **Capítulo 5: Relato de experiência sobre o grêmio estudantil: atividades para desenvolver protagonismo e autonomia com alunos dos anos finais do ensino fundamental**
Jesuína Santos Carrilho Lucon
Cássia Aparecida Magna Oliveira
- 107 **Capítulo 6: Grêmio estudantil e construção da cidadania: a representação dos estudantes da EMEF**
Thereza Tarzia
Andréia Fernandes Prado
Fabiana de Almeida Machado
- 115 **Capítulo 7: Grêmio estudantil: uma experiência de estágio em Psicologia Escolar**
Rebeca Isabelle Müller

Parte III • Pesquisas sobre o grêmio e participação estudantil

- 125 **Capítulo 8: O papel de um grêmio estudantil no desenvolvimento da participação das crianças integrantes**
Isadora De Martino Prata

- 157 **Capítulo 9: A organização das atividades de formação dos grêmios estudantis em prol do desenvolvimento infantil**
Gabriela Pinto Braga
- 199 **Capítulo 10: A avaliação de professoras sobre a participação de estudantes no grêmio estudantil**
Camilla Schultz
- 227 **Capítulo 11: Participação do aluno com deficiência no grêmio estudantil: uma revisão de materiais didático-pedagógicos**
Cássia Aparecida Magna Oliveira
Flávia da Silva Ferreira Asbahr
Vera Lucia Messias Fialho Capellini
- 255 **Capítulo 12: Grêmio estudantil e protagonismo juvenil: a experiência de estudantes egressas do grêmio**
Ana Carolina Franco dos Santos
Flávia da Silva Ferreira Asbahr
- 275 **Ponderações finais: Prospectivas para a formação de grêmios estudantis no Sistema Municipal de Educação de Bauru**
Flávia da Silva Ferreira Asbahr

APRESENTAÇÃO

Grêmios estudantis: de projeto de extensão universitária a defesa da gestão democrática na escola

Flávia da Silva Ferreira Asbahr¹
Cássia Aparecida Magna Oliveira²
Rebeca Isabelle Müller³

A proposta deste livro é sistematizar e registrar alguns dos resultados do projeto Formação de Grêmios Estudantis em Escolas Públicas Municipais de Bauru, cuja existência completou oito anos em 2020. O projeto Grêmios Estudantis, como é carinhosamente chamado, nasce de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação do município de Bauru e o Departamento de Psicologia da Unesp da mesma cidade, sob coordenação da professora Flávia Asbahr. Entre 2014 e

1 Professora doutora do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru. Coordenadora do projeto Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de Bauru, da Secretaria Municipal de Educação de Bauru/SP. E-mail: flavia.asbahr@unesp.br

2 Professora mestre e coordenadora do projeto Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de Bauru. E-mail: cassiamagoliveira@gmail.com

3 Psicóloga. Foi estudante de Psicologia da Unesp de Bauru, bolsista do projeto Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de Bauru em 2019 e 2020. E-mail: rebeca.i.muller@gmail.com

2019, o curso de Psicologia e Pedagogia da Faculdade Anhanguera de Bauru também participou da parceria, sob coordenação da professora Cássia Oliveira. Ressalta-se, ainda, que todas as escolas de ensino fundamental municipais atuam no projeto, abarcando dezesseis unidades escolares, cinco delas de ensino fundamental/anos iniciais e finais e onze apenas de ensino fundamental/anos iniciais. Ou seja, há grêmios estudantis atuantes e democraticamente eleitos na totalidade das escolas municipais de ensino fundamental de Bauru/SP.

Durante sua existência, a iniciativa foi cadastrada ora como projeto de extensão, apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão da Unesp (Proex-Unesp)⁴, ora como projeto vinculado ao Programa Núcleos de Ensino da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd-Unesp)⁵, o que permitiu que obtivesse recursos financeiros para a realização de suas atividades formativas e para a participação de estudantes bolsistas, atores fundamentais no desenvolvimento das ações propostas.

4 O projeto foi apoiado pela Proex, como extensão universitária, a partir de 2013 (excluindo-se os anos de 2015 e 2016, conforme veremos na próxima nota). Em 2013, 2014 e 2017, fez parte das ações de um projeto maior intitulado projeto Educação Sem Fronteiras (PESF) e, em 2018 e 2019, foi cadastrado como Formação de Grêmios Estudantis em Escolas Públicas Municipais de Bauru. Em 2020, foi inscrito e aprovado como Grêmios Estudantis e o Desenvolvimento da Cidadania nas Escolas Municipais de Bauru e passou a ter objetivos relacionados à participação dos grêmios no orçamento participativo do município, como veremos adiante.

5 O projeto foi financiado pelo Programa Núcleos de Ensino nos anos de 2015 e 2016.

Seus objetivos principais são contribuir para a efetiva organização dos alunos das escolas de ensino fundamental por meio da implementação de grêmios estudantis, tendo em vista a construção de uma gestão escolar democrática e participativa; fortalecer a efetiva organização dos alunos das escolas de ensino fundamental por meio da participação dos grêmios estudantis nos processos de decisão escolar; contribuir para a formação dos estudantes de Psicologia, futuros psicólogos, criando um espaço de atuação na escola, no âmbito da atuação em Psicologia Escolar; avançar no processo de formação dos tutores⁶, trabalhando termos como democracia escolar, direitos humanos, formas de controle social e protagonismo infantojuvenil.

O projeto inicia-se com a escolha, em cada escola, de um tutor, responsável por fomentar as ações de formação dos grêmios⁷. Estudantes do curso de Psicologia e Pedagogia (alunos de 3º a 5º ano, da Unesp e da Anhanguera⁸), chamados de extensionistas ou esta-

6 Profissionais da escola que atuam diretamente com o grêmio, ajudando-o a organizar suas ações na escola.

7 Dentre os tutores, temos profissionais que estão na função de coordenação pedagógica ou de vice-direção, professores e funcionários escolares, mais especificamente inspetores de alunos. Tem sido comum dois profissionais dividirem a função de tutoria de acordo com a organização da escola (por exemplo, um tutor para o período matutino e outro para o vespertino). Cada escola tem autonomia para escolher seu tutor, mas são exigidos alguns critérios: disponibilidade para acompanhar o projeto e suas reuniões; disponibilidade para acompanhar, fomentar e orientar as atividades do grêmio; facilidade de comunicação com as crianças eleitas; disponibilidade para realizar, no mínimo, um encontro mensal com o grêmio.

8 A Faculdade Anhanguera de Bauru foi parceira do projeto de 2014 a 2019.

giários, desenvolvem atividades do projeto nas escolas, atuando diretamente com os estudantes de ensino fundamental. Em cada escola atuam dois ou três estudantes de Psicologia e/ou Pedagogia, que realizam encontros quinzenais com os alunos representantes (crianças e adolescentes eleitos), ocasião em que são discutidos o papel do grêmio, seu caráter representativo, o trabalho em equipe, os principais problemas que a escola enfrenta e o papel dos estudantes frente a essas questões. O objetivo central desses encontros e a constituição do trabalho em equipe entre os alunos eleitos e a formação de sua participação na vida escolar, por meio de metodologias participativas de discussão.

Ao longo do ano letivo, a primeira ação nas escolas e a realização da eleição dos representantes do grêmio, bem como a realização de discussões políticas e pedagógicas na unidade escolar com professores e alunos. Os estudantes de Psicologia e Pedagogia participam, com os tutores, do processo eleitoral, auxiliando na construção das propostas das chapas candidatas. Depois que os representantes são eleitos, os estudantes universitários iniciam um trabalho de formação do processo grupal com os representantes escolares escolhidos, por meio de atividades educativas e lúdicas. Os gremistas participam ativamente da escolha dos temas a serem desenvolvidos em seu processo formativo e são eles que definem quais serão as propostas executadas pelo grêmio.

Também ocorre, mensalmente, um encontro geral com todos os extensionistas das universidades e os

coordenadores do projeto. Nessas reuniões, e possível ter um panorama do andamento do projeto, verificando as especificidades de cada escola e as dificuldades encontradas, mas, principalmente, trocam-se experiências sobre as ações desenvolvidas em cada unidade escolar. São realizados, ainda, encontros com os tutores das escolas com o objetivo de socializar o que está sendo feito em cada escola e discutir temas teóricos e práticos acerca da formação dos grêmios estudantis.

Oliveira (2019), em sua pesquisa de mestrado desenvolvida no âmbito deste projeto, sintetizou em um quadro o fluxo da formação de grêmios, ao longo de um ano letivo (Quadro 1).

Em termos de fundamentação teórica, o projeto tem como pilares a educação para a democracia (PARO, 2000), a formação da participação política e o papel da escola no desenvolvimento do psiquismo humano (VIGOTSKI⁹, 2001). Os princípios teóricos que norteiam a condução das atividades foram aprofundados em Asbahr et al. (2017). Destacam-se os conceitos de atividade e de consciência, advindos da teoria histórico-cultural (LEONTIEV, 2021), como centrais à organização do projeto. Neste momento, também temos trabalhado fortemente com o conceito de participação e a ideia de que participação precisa ser ensinada, tema

9 O nome do autor aparece de muitas maneiras, a depender da tradução. Neste livro usamos, no corpo do texto, a grafia Vigotski, como vemos na maioria dos textos traduzidas para a língua portuguesa e nas referências à forma que consta na obra citada.

que será desenvolvido no primeiro capítulo deste livro, “O grêmio estudantil como instrumento de participação: é preciso formar para participar”, de Cássia Aparecida Magna Oliveira e Flávia da Silva Ferreira Asbahr.

Após oito anos de atividades, temos uma história a ser contada. Parte de nosso percurso será recuperada no segundo capítulo deste livro, de autoria de Rose Teixeira Gaido, Kelli Cristina do Prado Corrêa, Fernanda Costa Garcia e Flávio Ismael da Silva Oliveira, intitulado “A importância dos grêmios estudantis para a Secretaria Municipal de Educação como política pública do município de Bauru”. Nesse período, houve mudanças de coordenação, ampliação e reformulação de objetivos, desafios a serem enfrentados nas escolas, perguntas e indagações que viraram questões de pesquisa, e o projeto tornou-se parte da formação e da atuação de profissionais da escola, de estudantes de Psicologia/Pedagogia e, especialmente, das crianças e adolescentes gremistas¹⁰. E, podemos dizer, houve diversos avanços, dos quais, por ora, destacamos dois: a incorporação da importância dos grêmios como instrumento de gestão democrática no currículo municipal de Bauru (ZONTA et al., 2016) e a possibilidade de participação dos grêmios

10 Ao longo dos oito anos de duração, fizeram parte do projeto mais de cinquenta profissionais das escolas municipais de Bauru, nove estudantes bolsistas do projeto e mais de duzentos estudantes de Psicologia/Pedagogia, que participaram de forma voluntária na condição de extensionistas ou estagiários. Se formos considerar o número de crianças e adolescentes participantes dos grêmios, a quantia é ainda mais notável, pois, por ano, foram em média 180 estudantes.

Quadro 1: Síntese anual do projeto Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de uma cidade no interior de São Paulo

Início do ano	Durante o ano	Final do ano
<p>COM TUTORES: Orientações e formação pelas IES e Secretaria da Educação: efetivação dos grêmios nas escolas, desde a mobilização das chapas até as eleições.</p> <p>COM EXTENSIONISTAS / ESTAGIARIOS (EX/ES): Orientações e organização pelas IES para atuação do EX/ES junto aos grêmios nas escolas.</p>	<p>NAS ESCOLAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tutores: articulam e executam reuniões com os grêmios nas escolas para efetivar propostas dos alunos. • EX/ES: atuam junto aos grêmios para desenvolver o grupo e as propostas. • Alunos dos grêmios: realizam propostas com demandas dos demais alunos da escola, organizando campeonatos, gincanas campanhas sociais e dentro da escola, assembleias, palestras e outras. <p>FORA DAS ESCOLAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reuniões mensais: formação com tutores, EX/ES, Secretaria de Educação e IES sobre acompanhamento das atividades desenvolvidas nas escolas e aprimoramento das práticas nos grêmios, organização de eventos/visitas. • Supervisores: orientações para os EX/ES com objetivo de reavaliar atuações nas escolas. • Reuniões periódicas: IES e Secretaria da Educação se reúnem como coordenação geral para discutir avanços e organizar eventos gerais. • Grêmios e tutores: visitam diversos espaços na cidade (universidades, câmara) e as IES, EX/ES e Secretaria da Educação organizam as visitas. 	<p>FÓRUM DOS GRÊMIOS: Espaço de encontro anual de todos os grêmios das escolas participantes para discussões políticas, troca de experiências, ações e cidadania e assembleia geral com questões trabalhadas durante o ano nas escolas, lazer e cultura. Participam também tutores, EX/ES, profissionais das IES, do Sistema de Ensino e convidados externos.</p> <p>PASSEIO: Passeio de todos os alunos dos grêmios em diversos espaços para finalizar o ano.</p> <p>REUNIÃO DE ENCERRAMENTO: Reunião geral com tutores, EX/ES, profissionais das IES e da Secretaria da Educação, para avaliação do ano vigente, projeções para o ano seguinte e confraternização.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2019), com base em Zonta et al. (2016) e Asbahr et al. (2017).

no orçamento participativo municipal¹¹. Ou seja, a formação de grêmios faz parte das políticas educacionais do município.

O acúmulo desses conhecimentos, somado às experiências adquiridas com o passar dos anos, permite retratar, neste livro, um caminho percorrido e a percorrer para que seja possível garantir o direito dos alunos de se organizarem enquanto entidade estudantil, atendendo à Lei Federal nº 7398/85, conhecida como Lei dos Grêmios Livres, e também garantir o aprendizado da participação dos alunos, sendo esse o papel fundamental da escola.

Para englobar todos esses aspectos, a obra está dividida em três partes. A primeira delas, composta pelos dois capítulos mencionados anteriormente, traz reflexões iniciais, conceituais e históricas sobre o projeto.

Na segunda parte, intitulada “Relatos de experiência sobre a formação do grêmio nas escolas municipais”, composta por cinco capítulos, tutoras e uma estagiária do projeto contam suas experiências com a condução das atividades dos grêmios. Tendo como referência o desenvolvimento do projeto em cinco escolas, fazem uma apresentação sobre a condução do processo eleitoral

11 Durante a organização deste livro (agosto de 2020), em contexto de suspensão das aulas nas escolas municipais e de outras atividades na universidade e na Secretaria Municipal de Educação por causa da epidemia de Covid-19, ainda não tínhamos os resultados concretos da implementação das propostas dos grêmios para a utilização da verba destinada pelo orçamento participativo. Portanto, o tema é mencionado, mas não desenvolvido.

em suas unidades escolares e apontam quais propostas foram desenvolvidas pelo grêmio e quais foram as atividades formativas realizadas com os estudantes. Os textos dessa parte são relatos de experiência e versões ampliadas de artigos apresentados em eventos educacionais, como a Semana de Educação de Bauru, realizada anualmente pela Secretaria Municipal de Educação, ou em congressos.

A atuação com os grêmios tem gerado muitas inquietações e produzido questões para investigação, em um movimento interessante de articulação entre a extensão universitária e a pesquisa acadêmica. Assim, os textos que compõem a terceira parte do livro, “Pesquisas sobre o grêmio e participação estudantil”, trazem o registro de parte da produção de conhecimento gerada pelo projeto. Nessa seção, há o relato de três pesquisas de iniciação científica desenvolvidas de forma integrada em uma mesma unidade escolar (capítulos 8, 9 e 10), abarcando um estudo sobre o desenvolvimento da participação das crianças gremistas, uma análise das atividades pedagógicas desenvolvidas para a formação do grêmio e um exame das concepções das professoras da escola sobre a participação das crianças no grêmio. Os dados das três pesquisas cruzam-se e complementam-se, permitindo uma compreensão múltipla dos objetos de estudo em tela.

O capítulo 11, desdobramento da pesquisa de mestrado de Oliveira (2019), uma das coordenadoras do projeto, traz um levantamento de materiais

didático-pedagógicos sobre o grêmio e os analisa na perspectiva da educação inclusiva. Por último, no capítulo 12, uma das tutoras do projeto apresenta um estudo de caso com duas alunas egressas da escola que atuaram no grêmio, analisando quais foram os impactos dessa participação na vida das adolescentes.

Como os capítulos são de diferentes naturezas (histórica, conceitual, relato de experiência ou exposição de pesquisa) e seus autores também têm formações e atuações distintas (coordenadores do projeto, profissionais das escolas com diferentes graduações e pesquisadores com vários níveis de formação), são diversos também os estilos dos textos e a extensão dos capítulos. Alguns trazem reflexão teórica e metodológica sistemática; outros se esmeram em contar como uma experiência educacional foi desenvolvida. Avaliamos que nessa diversidade está uma das riquezas do projeto, que se vê expressa na presente obra. Nos capítulos serão abordados, portanto, a vivência e a ciência na promoção da democracia na escola.

No entanto, mesmo com essas diferenças, há princípios teóricos e políticos que nos unificam e que estiveram presentes nas diversas ações de formação do projeto ao longo de sua existência. Autores como Paro (2000), Vigotski (2001) e Pistrak (2011) são referência constante nos textos, bem como são frequentes as citações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), da Lei dos Grêmios Livres, nº 7.398 (BRASIL, 1985), do currículo municipal de Bauru

(ZONTA et al., 2016) e de outros documentos legais. Além disso, sucessivamente, quase como um mantra, a importância da participação dos estudantes na vida escolar, tendo o grêmio como uma das possibilidades, é ressaltada nos textos. Termos como protagonismo, gestão democrática, autonomia e auto-organização dos estudantes são esclarecidos, retomados, reforçados.

Nesta obra, a defesa dos grêmios como entidade representativa dos estudantes e do direito ao exercício do protagonismo é linha mestra e se sustenta na necessidade de formação como garantia de participação e autonomia dos estudantes.

Sabemos que há muitos desafios ainda a serem enfrentados pelo projeto, dentre eles garantir que as formações sobre gestão democrática e participação estudantil oferecidas aos tutores possam estender-se a outros profissionais da escola, o que inclui seus gestores. Muitas das dificuldades de implementação do projeto em algumas unidades escolares ocorrem porque os professores e gestores sentem-se pouco envolvidos na proposta, apontando a nós, coordenadores, a necessidade de ampliar nossa comunicação com o chão da escola. Outra exigência é fomentar o envolvimento das famílias e da comunidade escolar com os grêmios, produzindo uma ideia mais radical de participação e de controle social na escola.

Por fim, já que estamos falando da participação e do protagonismo dos estudantes na escola e na vida, eles devem ser considerados essencialmente sujeitos

de sua aprendizagem, o que implicaria na sua participação como autores de capítulos deste livro. Ainda não chegamos a essa etapa de auto-organização dos estudantes gremistas, talvez por sua pouca idade (a maioria tem entre 8 e 14 anos), talvez porque ainda estejamos atrelados a um processo educativo de tutela, no qual os alunos não aprendem a se expressar sobre seu próprio percurso formativo. Fica aqui mais um desafio para a continuidade do projeto.

De todo modo, esperamos que a leitura deste livro possa trazer contribuições e inspirações para a luta e a consolidação da educação para a democracia e da gestão democrática escolar, temas tão caros no debate educacional atual, e tão esvaziados de sentido.

Referências

ASBAHR, F. da S. F. et al. Grêmios estudantis e a psicologia histórico-cultural: o exercício da democracia e seu papel no desenvolvimento psíquico. *In*: EUZÉBIOS FILHO, A. (Org.). *Psicologias para além do consultório: reflexões e contextos de atuação*. Curitiba: Juruá, 2017.

BRASIL. Lei nº 7.398, de 4 de novembro de 1985. Dispõe sobre a organização de entidades representativas dos estudantes de 1º e 2º graus e dá outras providências. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1985. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7398.htm>. Acesso em: 2 out. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF:

Diário Oficial da União, Poder Legislativo, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 3 jul. 2020.

LEONTIEV, A. Atividade Consciência Personalidade. Bauru: Editora Mireveja, 2021.

OLIVEIRA, C. A. M. Aluno com deficiência em grêmio estudantil: um programa de formação visando a sua participação. 2019. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019.

PISTRAK, M. M. Fundamentos da escola do trabalho. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VYGOTSKI, L. S. Obras escogidas. Tomo II. Madrid: Visor, 2001.

ZONTA, C. et al. Gestão democrática e instrumentos de representação: conselhos escolares e grêmios estudantis. *In*: MESQUITA, A. M.; FANTIN, F. C. B.; ASBAHR, F. da S. F. (Org.). Currículo comum para o ensino fundamental municipal. 2. ed. Bauru: Prefeitura Municipal de Bauru, 2016. p. 263-279.

PARTE I

Reflexões iniciais

CAPÍTULO 1

O grêmio estudantil como instrumento de participação: é preciso formar para participar

*Cássia Aparecida Magna Oliveira*¹²

*Flávia da Silva Ferreira Asbahr*¹³

A existência de grêmios estudantis no Brasil é resultado de décadas de luta de estudantes na busca de criar uma entidade representativa de seus interesses dentro das escolas. A criação dos grêmios é amparada desde a década de 1980 pela Lei nº 7.398 (BRASIL, 1985), que assegura a formação dessas entidades representativas no ambiente escolar, bem como pela LDBEN 9.394/96 (BRASIL, 1996), que tem como um dos pilares a defesa da gestão da escola pública de forma democrática.

Certamente, é um ganho democrático o amparo legal para o exercício das representações discentes, todavia, no ambiente escolar, muitos desafios estão postos,

12 Mestre, membro do grupo de pesquisa A Inclusão da Pessoa com Deficiência, TGD/TEA ou Superdotação e os Contextos de Aprendizagem e Desenvolvimento. Coordenadora do projeto Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de Bauru da Secretaria Municipal de Educação de Bauru/SP.

13 Professora-assistente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru. Coordenadora do projeto Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de Bauru, da Secretaria Municipal de Educação de Bauru/SP.

como o controle disciplinar e pedagógico sobre os estudantes. Ainda que o grêmio estudantil exista em função dos alunos, como meio de ação frente às problemáticas levantadas pelos próprios estudantes, a realidade educacional precisa ser transformada para que se consolide o direito dos alunos ao exercício da cidadania no âmbito escolar (DAL RI, 2012; ASBAHR et al., 2017).

É necessário que o grêmio seja reconhecido como um direito, independentemente da vontade dos gestores escolares, já que a lei dos grêmios garante aos alunos a possibilidade de se organizarem e agirem coletivamente de forma a representarem a vontade de todos os discentes (OLIVEIRA, 2019).

Na mesma perspectiva, Zonta et al. (2016) e Bulhões et al. (2018) afirmam que o grêmio representa a organização e o interesse dos alunos e, pela sua representatividade, tem um grande potencial transformador. Para Amaro e Quadros (2016, p. 8), o grêmio “é um elemento institucional legal, onde os estudantes da educação básica têm a possibilidade de se organizarem e desenvolverem atividades das mais variadas, visando promover o desenvolvimento intelectual, social e político de seus integrantes”.

Nesse sentido, e extrapolando a importância da educação para a democracia, uma questão fundamental é suscitar possíveis aprendizados decorrentes da atuação dos gremistas, sendo um deles a participação. Observamos, muitas vezes, alunos que chegam ao grêmio com pouca ou nenhuma habilidade em opinar,

refletir, relacionar-se em equipe e, aos poucos, se transformam em protagonistas de ações coletivas. A partir dessa constatação, cabe uma pergunta: em que medida o aprendizado da participação é inerente a essa entidade representativa discente?

Em muitos textos deste livro, defendemos que a própria existência do grêmio como entidade representativa dos estudantes é condição essencial na constituição de uma escola para o protagonismo desses jovens e verdadeiramente democrática. Ao mesmo tempo, ressalta-se a necessidade de formação para a participação e para a autonomia dos estudantes em suas ações, pois entendemos que a participação pode e deve ser ensinada.

De acordo com Araújo (2015, p. 19), pensar a participação é considerar uma formação que “[...] deve objetivar o desenvolvimento de competências para lidar com a diversidade e o conflito de ideias, com as influências da cultura e com os sentimentos e as emoções presentes nas relações do sujeito consigo mesmo e com o mundo à sua volta”. Ou seja, a participação requer ações complexas e envolve vivências que nem sempre os alunos têm, já que não nascemos autônomos, mas podemos nos desenvolver nesse sentido se condições para isso forem propiciadas.

Para Amaro e Quadros (2016, p. 7), a participação das crianças como requisito para sua formação integral é imprescindível:

A participação de crianças e jovens na rotina escolar apresenta um universo de sociabilidade,

pois na escola é que se coloca a necessidade de convivências com diferentes estudantes, com professores e demais membros do universo escolar. Os jovens precisam ser estimulados para o sentimento de pertencimento à escola, sendo protagonistas do processo educativo. O contrário disso resultará num descompromisso e descuido com o espaço escolar e na pouca participação em questões relativas à escola.

Dessa forma, a existência dos grêmios estudantis, com ações desenvolvidas a partir das necessidades dos alunos, pode promover uma troca de vivências que possibilita a compreensão de seu papel como discentes, bem como o impacto dessas trocas em sua vida. Podemos, ainda, citar documentos orientadores da educação nacional, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2016), que também aponta a necessidade de o ensino ser conduzido no sentido de fazer o aluno compreender o meio que o cerca.

Pistrak (2011) é um dos autores que defendem o papel da escola na formação da autonomia do estudante tendo como base a constituição dos coletivos infantis. O autor inicia suas discussões sobre o papel do trabalho coletivo definindo o que entende por coletividade. Não se trata apenas do trabalho comum realizado pelas crianças de uma sala de aula, pois isso a escola tradicional pode garantir ou incentivar, inclusive como forma de controle do comportamento

delas. Também não se trata apenas de realizar atividades em pequenos grupos, como defendem muitas correntes pedagógicas.

Por trabalho coletivo entende-se a “tarefa coletiva do grupo considerado como sendo uma unidade” (p. 129). O autor defende que o trabalho educativo deve ser direcionado para o desenvolvimento da responsabilidade coletiva pelo trabalho, ou seja, a responsabilidade pelo estudo não é apenas individual, mas social. A classe constitui-se como unidade e desenvolve-se o sentimento do trabalho realizado em comum: “a escola deve transformar os interesses individuais, as emoções das crianças, em fatos sociais, cimentando com base nisso o coletivo infantil” (PISTRAK, 2011, p. 146).

O coletivo é uma concepção integral e não um simples total referido às suas partes, o coletivo apresenta propriedades que não são inerentes ao indivíduo. A quantidade se transforma em qualidade. (PISTRAK, 2011, p. 145)

Temos defendido (BULHÕES et al. 2018; OLIVEIRA, 2019 e em outros textos neste livro) que o grêmio possa ser pensado na perspectiva da formação de uma coletividade infantil, estudantil. Nesse panorama, podemos considerar que o grêmio estudantil permite, de acordo com Paro (2011), que a participação dos estudantes seja direcionada não por anseios individuais, mas pelo envolvimento coletivo.

Ao participar de um grêmio, crianças e adolescentes precisam levantar demandas discentes; elaborar propostas e planos de ação para defender seus interesses no ambiente escolar; tomar decisões para a organização de suas ações, por exemplo, para promover uma campanha social, para programar um campeonato esportivo ou para viabilizar uma assembleia estudantil. Nesse processo, terão que participar de discussões coletivas sobre as temáticas em pauta, expor suas ideias e enfrentar reivindicações diversas, em um intenso exercício de auto-organização e de desenvolvimento do senso crítico e de participação. Ou seja, terão que aprender a participar da vida escolar.

Trazendo contribuições da psicologia histórico-cultural à compreensão do desenvolvimento psíquico, especialmente no que diz respeito à participação dos estudantes na vida escolar, o conceito de autorregulação da conduta de Vigotski (1995) é central. O autor analisa o processo de formação do domínio da própria conduta como uma função psicológica superior. Para Vigotski, o que caracteriza as funções psicológicas superiores é serem processos em que dominamos nossas próprias reações com a ajuda de meios auxiliares, signos e instrumentos. No caso do domínio da própria conduta, desenvolve-se a escolha consciente, o livre arbítrio.

[...] o livre arbítrio não consiste em estar livre dos motivos, mas consiste no fato de que a criança toma consciência da situação, toma

consciência da necessidade de escolher, que o motivo se impõe e que sua liberdade no caso dado, como diz a definição filosófica, é uma necessidade gnosiológica. A criança domina sua reação eletiva, mas não no sentido de que anula as leis que a regem, mas no sentido de que a domina segundo a regra de F. Bacon, ou seja, condicionando-se às suas leis. (p. 289, tradução nossa)

A análise do autor soviético nos leva a pensar sobre o papel da educação escolar na formação da autorregulação da conduta, tema que acreditamos ser merecedor de pesquisas futuras. Por ora, nos interessa pensar o quanto a participação em um coletivo estudantil, como é o grêmio, pode gerar as condições necessárias para que os estudantes aprendam a analisar a realidade escolar e a planejar ações de modificação dessa realidade, de forma consciente e orientada, requisitos centrais para o desenvolvimento da autorregulação de sua conduta no sentido da formação de uma personalidade livre.

No contexto escolar atual, os desafios a serem superados para que os estudantes possam de fato participar das decisões escolares são grandes e diversos, pois, como aponta Pistrak (2011), a participação tende a não ser vista pela escola como parte do processo de formação. No mesmo sentido, Toassa (2004), em uma análise do papel da educação escolar na sociedade de classes, discorre sobre a (im)possibilidade da criação

de espaços de participação e autonomia para os estudantes no ambiente escolar, o que dificulta a formação do livre-arbítrio e da conduta voluntária:

Com a alegação de que o aprendiz não sabe escolher, ignora-se que a liberdade humana se desenvolve na própria atividade de escolha. Na “escola-decoreba”, a imposição da mnemotécnica é toda a atividade, raramente criando-se a necessidade objetiva de que o educando pense e crie suas próprias instruções – ao invés de uma relação ativa com a própria vida, da primeira à última idade o indivíduo é dessubjetivado, passivo diante das necessidades sócio-históricas. (p. 10)

No projeto, temos defendido que o estudante precisa aprender a escolher e a participar e que devemos criar condições para que isso ocorra, inclusive articulando discussões sistemáticas sobre a responsabilidade frente às eleições das chapas concorrentes ao grêmio e sobre a seriedade exigida dos alunos ao candidatarem-se. É comum, por exemplo, que, durante o processo eleitoral dos grêmios, “certos” alunos sejam impedidos de se candidatar por serem considerados indisciplinados, ou que sejam eleitos discentes populares na escola, mesmo que estes não apresentem propostas interessantes ao corpo estudantil. Nos dois casos, temos defendido que todos os alunos, incluindo os alunos público-alvo

da educação especial¹⁴, têm o direito a candidatar-se ao grêmio e que cabe à escola promover debates sobre a importância da escolha das chapas inscritas, incentivando os estudantes a conhecer as propostas de cada chapa e pesquisar os candidatos para que possam, futuramente, acompanhar o trabalho dos alunos eleitos e verificar se o programa divulgado durante a campanha eleitoral está sendo cumprido.

Nessa linha de raciocínio, Paro (2011) disserta que o ensino como função primordial da escola não deve ser um fim em si, mas ser o caminho para promover a vivência da participação, o que inclui dar opiniões, colaborar, posicionar-se em diversas atividades, aprimorando essas capacidades de forma que possam ser estendidas para outras situações fora da sala de aula, no âmbito da vida pública.

Ainda que estejamos analisando o grêmio como entidade estudantil, assegurada por lei, é necessário estabelecer suas relações com a escola como um todo. No âmbito deste projeto, trabalhamos com alunos do ensino fundamental, tanto dos anos iniciais como finais, cujas idades variam de 8 a 14 anos. Ou seja, são discentes ainda em plena formação da autonomia e da participação, em muitos casos dependentes de adultos que os levem à escola em horário de contraturno para

14 O tema da participação do aluno público-alvo da educação especial no grêmio estudantil é debatido por Oliveira (2019) e também no capítulo 10 deste livro.

participarem das reuniões do grêmio, ou que ainda têm pouca iniciativa para apresentar propostas por conta própria e ações a serem desenvolvidas e precisam da ajuda dos adultos para que tais ações sejam viabilizadas. E este tem sido outro desafio para os profissionais envolvidos no projeto: garantir o desenvolvimento da autonomia e da participação dos alunos sem tomar decisões e organizar ações por eles.

Libâneo (2014, p. 12) nos traz algumas respostas sobre como pode ser a contribuição da escola no processo de desenvolvimento da participação, tendo como meta a democratização escolar:

Democratizar o ensino é ajudar os alunos a se expressarem bem, a se comunicarem de diversas formas, a desenvolverem o gosto pelo estudo, a dominarem o saber escolar; é ajudá-los na formação de sua personalidade social, na sua organização, enquanto coletividade.

Amaro e Quadros (2016, p. 12) defendem que somente por meio de uma “educação que promova o protagonismo as pessoas se reconhecerão como cidadãos e assumirão sua responsabilidade em participar na construção de uma sociedade que esteja à altura da dignidade humana”.

Apostamos, assim, no papel da educação escolar na formação da participação do estudante, entendendo que essa é uma dimensão essencial ao processo de

humanização e de formação de características que são tipicamente humanas, como a possibilidade de escolha consciente e de transformação da realidade por meio de nossas ações.

Finalizamos com Paro (2011), Martínez e Porter (2018) e Oliveira (2019), que defendem como fundamentais, na construção de uma educação democrática, o encorajamento e o apoio da escola para que todos os alunos participem das situações da vida escolar em um contexto de democracia participativa e inclusiva.

Referências

AMARO, K.; QUADROS, M. B. A importância do grêmio estudantil na formação cidadã dos estudantes. *In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Curitiba, 2016, v. 1. (Cadernos PDE).*

ARAÚJO, U. F. Autogestão na sala de aula: as assembleias escolares. São Paulo: Summus, 2015. (Coleção Novas Arquiteturas Pedagógicas, 4).

ASBAHR, F. da S. F. et al. Grêmios estudantis e a psicologia histórico-cultural: o exercício da democracia e seu papel no desenvolvimento psíquico. *In: EUZÉBIO FILHO, A. (Org.). Psicologia para além do consultório: reflexões e contextos de atuação. Curitiba: Juruá, 2017, p. 95-112.*

BRASIL. Lei nº 7.398, de 4 de novembro de 1985. Dispõe sobre a organização de entidades representativas dos estudantes de 1º e 2º graus e dá outras providências. Brasília, DF: Congresso

Nacional, 1985. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7398.htm>. Acesso em: 2 out. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 23, de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 3 jul. 2020.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – 2ª versão. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BULHÕES, L. F. et al. Formação de grêmios estudantis em escolas municipais: desafios e possibilidades. Revista Ciência em Extensão, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 97-113, abr./jun., 2018. Disponível em: <http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1701>. Acesso em: 10 ago. 2020.

DAL RI, N. M. Organização escolar, gestão democrática e participação dos alunos. In: PINHO, S. Z.; OLIVEIRA, J. B. B. (Org.). Políticas públicas e organização escolar: núcleos de ensino da Unesp. v. 6. São Paulo: Cultura Acadêmica, E-Livros Prograd, 2012, p. 29-52.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2014.

MARTÍNEZ, Y. M.; PORTER, G. L. Planning for all students: promoting inclusive instruction. International Journal of Inclusive Education [online], v. 22, nov. 2018. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13603116.2018.1544301>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

OLIVEIRA, C. A. M. Aluno com deficiência em grêmios estudantis: um programa de formação visando a sua

participação. 2019. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019.

PARO, V. H. Autonomia do educando na escola fundamental: um tema negligenciado. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 41, p. 197-213, jul./set. 2011.

PISTRAK, M. M. Fundamentos da escola do trabalho. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

TOASSA, G. Conceito de liberdade em Vigotski. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 24, n. 3, p. 2-11, set. 2004.

VYGOTSKI, L. S. Obras escogidas. Madrid: Machado Libros, 1995. v. 3.

ZONTA, C. et al. Gestão democrática e instrumentos de representação: conselhos escolares e grêmios estudantis. *In*: MESQUITA, A. M.; FANTIN, F. C. B.; ASBAHR, F. da F. S. (Org.). Currículo comum para o ensino fundamental municipal de Bauru. Bauru: Prefeitura Municipal de Bauru, 2016. p. 263-279. Disponível em: https://www2.bauru.sp.gov.br/arquivos/arquivos_site/sec_educacao/curriculo_ef2.pdf. Acesso em: 10 ago. 2020.

CAPÍTULO 2

A importância dos grêmios estudantis para a Secretaria Municipal de Educação como política pública do município de Bauru

*Rose Teixeira Gaido*¹⁵

*Kelli Cristina do Prado Corrêa*¹⁶

*Fernanda Costa Garcia*¹⁷

*Flávio Ismael da Silva Oliveira*¹⁸

Este capítulo tem como objetivo estabelecer as relações entre a importância do grêmio estudantil no contexto escolar e o percurso histórico de formalização dos grêmios nas escolas municipais de ensino fundamental de Bauru, aliado às experiências dos fóruns

15 Professora-especialista de educação infantil. Chefe de seção de Projetos Educacionais do Departamento de Planejamento, Projetos e Pesquisas Educacionais. E-mail: roseteixeira@bauru.sp.gov.br

16 Professora-especialista de ensino fundamental – Inglês. Diretora de Projetos e Pesquisas Educacionais do Departamento de Planejamento, Projetos e Pesquisas Educacionais. Mestre em Ciências pela USP. E-mail: kellicorrea@bauru.sp.gov.br

17 Professora especialista de ensino fundamental – Inglês. Coordenadora de área de Língua Inglesa do Departamento de Planejamento, Projetos e Pesquisas Educacionais. E-mail: fernandagarcia@bauru.sp.gov.br

18 Professor especialista de ensino fundamental – Educação Física. Coordenador da área de Educação Física do Departamento de Planejamento, Projetos e Pesquisas Educacionais. Mestre em Filosofia pela Unesp de Marília e doutor em Ciências da Motricidade pela Unesp de Rio Claro. E-mail: flaviooliveira@bauru.sp.gov.br

infantojuvenis realizados na cidade e suas implicações para a Secretaria Municipal de Educação, a partir da perspectiva dos coordenadores do projeto.

Partimos do pressuposto de que a escola é um espaço que tem como prerrogativa formar cidadãos críticos e conscientes por intermédio de uma gestão democrática que se configura pela constituição e funcionamento do conselho de escola, dos conselhos de ano e de classe, da associação de pais e mestres (APM) e pelo grêmio estudantil, como destaca o Regimento Escolar do Ensino Fundamental do Sistema Municipal da Educação de Bauru, artigo 13º, inciso II¹⁹.

Nesse sentido, o grêmio estudantil é uma importante oportunidade para que o estudante tenha voz ativa na instituição escolar, pois, de acordo com o artigo 15, parágrafo único, do Regimento Escolar,

O Grêmio é uma organização estudantil, autônoma, com finalidades educacionais, culturais, cívicas, esportivas e sociais. Sua organização, funcionamento e atividades serão estabelecidos em seu estatuto, aprovado em assembleia geral do corpo discente de cada escola, representativa dos interesses dos estudantes. (p. 11)

19 Além de constar no Regimento, a exigência da APM e do grêmio estudantil também se dá pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, Lei nº 9.394/1996).

Embora sua estrutura seja permeada pelos tutores responsáveis pelo desenvolvimento do projeto, há também o trio gestor que administra cada uma das escolas municipais e que se faz importante para a consecução dos objetivos do grêmio. Isso reforça a compreensão de Libâneo (2004), para quem o grêmio é um órgão colegiado que precisa ter autonomia para se organizar e discutir suas ações. Nesse sentido, os estudantes protagonizam ações de modo que “[...] tenham autonomia de organização e funcionamento, evitando-se qualquer tutelamento por parte da Secretaria de Educação ou da direção da Escola” (p. 131).

Caso esse tutelamento se confirme, corre-se o risco de alimentarmos um perigoso processo de alienação dos nossos estudantes. Como destaca Duarte (1993), “lutar contra a alienação é lutar por reais condições para todos os seres humanos de desenvolvimento da individualidade à altura das máximas possibilidades objetivamente existentes para o gênero humano”.

A fim de que essa alienação não se estabeleça, é imprescindível incentivar os estudantes para que discutam, reivindiquem direitos e reconheçam deveres, despertando-os para o protagonismo estudantil. Porém ainda é um desafio criar oportunidades para uma participação concreta na mudança da realidade em que vivem, já que a escola ainda traz, em seu fundamento, uma concepção tradicional de educação na qual o estudante é visto como ser passivo. Pescuma (1990) destaca isso muito bem ao afirmar que:

A escola reflete o autoritarismo da sociedade. Mas é preciso repensá-la, assim como reformular os professores, os diretores e os currículos. Os professores precisam readquirir a necessidade de pensar. O professor que pensa leva o aluno a pensar também. E o estudante precisa perceber a necessidade de mudar a escola primeiro, para depois intervir na sociedade. (p. 134)

Outro desafio que ainda temos que transpor diz respeito à formação dos servidores da educação que não estão envolvidos diretamente com as ações do projeto, pois alguns ainda demonstram resistência e descrédito em relação aos possíveis benefícios da proposta. Nesse sentido, é de fundamental importância aproximá-los do projeto, já que podem e devem estimular e criar condições que garantam a participação efetiva dos estudantes, propiciando situações para que tomem decisões e aprendam, considerando, como afirmam Freire e Scaglia (2007), que

Só se pode aprender autonomia tendo atitudes autônomas. Compete à escola criar condições ambientais favoráveis para que o aluno possa agir com autonomia. Isso nos lembra que a pedagogia escolar dá pouca importância à educação da atitude. Ora, se só é possível aprender andar andando, se só é possível aprender amar amando, que outra coisa poderia aprender sem

atitudes correspondentes? Portanto educar a atitude, para que o aluno aprenda com ela, deveria ser ponto central de toda pedagogia. (p. 116)

Diante da importância dos grêmios nas escolas municipais de ensino fundamental, caberiam ações que pudessem garantir a formalização e a confirmação de condições necessárias à organização dos estudantes para sua atuação efetiva. Assim, ciente dos benefícios, a Secretaria Municipal de Educação estimula a vivência da organização e realização de grêmios para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores de estudantes e a formação de cidadãos críticos e participativos, aptos a pensarem, discutirem e transformar o contexto em que vivem, atendendo o princípio da gestão democrática presente em sua política, que se expressa, por exemplo, no Plano Municipal de Educação (2012/2022).

Do ponto de vista histórico, traremos algumas etapas de constituição do projeto. Idealizado pela professora Solange Castro²⁰, mobilizada pelo potencial transformador dos modelos de grêmios, em 2012, nasceu o projeto Liderança Escolar. O objetivo do projeto era ampliar o espaço de participação dos estudantes. Entre as ações, destacam-se as visitas mensais ao gabinete

20 Solange da Silva Castro, diretora de escola, funcionária da Secretaria Municipal de Educação de Bauru, trabalhou no Departamento de Projetos e Pesquisas Educacionais e acompanhou diretamente as ações do projeto desenvolvidas nos anos de 2012 e 2013.

do prefeito da cidade, em que o objetivo era promover a reflexão dos estudantes sobre as relações entre Secretaria Municipal de Educação e Prefeitura Municipal de Bauru com o ambiente escolar. Naquele momento, algumas escolas começaram a realizar assembleias de classe e escolares, os grêmios foram formalmente constituídos em parte das unidades escolares e suas primeiras atuações iniciaram-se. Os estudantes representantes de classe, juntamente com os tutores, também iniciaram um trabalho em suas turmas, no sentido de auxiliar na coordenação das assembleias de classe e em outras ações de caráter representativo, conforme relato de Castro e Asbahr (2013).

Além da atuação institucional, foram necessárias parcerias que viabilizassem a realização das ações específicas e o alcance dos objetivos. Com isso, em 2013, o projeto passou a ter a colaboração, além da Secretaria Municipal de Educação, de professores do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru e a parceria do Instituto Esporte Educação, com formações específicas sobre liderança.

Nesse primeiro momento, o projeto Liderança estava vinculado ao projeto Educação Sem Fronteiras (PESF), sob a coordenação da professora doutora Marisa Eugênia Melillo Meira. Assumiu-se o objetivo inicial, segundo Castro e Asbahr (2013), de formar representantes de turma para coordenarem assembleias de classe. Como uma das ações do PESF, os estudantes participaram de palestras e atividades de discussão, levantaram

problemas que acreditavam merecer intervenção e organizaram projetos a serem desenvolvidos nas escolas, assumindo as primeiras experiências na mediação de situações inerentes ao contexto escolar no que diz respeito à ação estudantil no âmbito da gestão democrática.

Pensando em sua estrutura completa, o Sistema Municipal de Educação de Bauru é composto por dezesseis escolas de ensino fundamental/anos iniciais (1º ao 5º ano), sendo que, dessas, cinco contemplam também o ensino fundamental/anos finais (6º ao 9º ano) e, juntas, atendem a aproximadamente dez mil estudantes. Apesar de todo esse universo, em seu início, o projeto envolveu estudantes de dez escolas que aceitaram participar da proposta.

Desde 2012, a Secretaria Municipal de Educação, em parceria com o Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru e, mais tarde, também com a Faculdade Anhanguera, tem desenvolvido o projeto dos grêmios estudantis, oferecendo formação a todos os atores das escolas municipais de Bauru, como mostra a linha do tempo a seguir:

→ Em 2012, como proposta da Secretaria Municipal de Educação de Bauru (SME), iniciou-se o projeto de formação dos grêmios estudantis nas escolas municipais, intitulado Liderança, coordenado por Solange da Silva Castro, vinculada à SME. As dezesseis escolas do Sistema Municipal de Bauru foram convidadas para participar desse projeto, e envolveram-se dez unidades escolares.

→ Em 2013, com a consolidação do projeto, treze escolas aderiram à iniciativa. Firmou-se a parceria com os professores do Departamento de Psicologia da Unesp, por meio de um projeto de extensão coordenado pela professora doutora Marisa Melillo Meira, intitulado Educação Sem Fronteiras. O projeto também contou com a colaboração de Larissa Figueiredo Bulhões, que era docente substituta do Departamento de Psicologia da Unesp. Aconteceu a realização do 1º Fórum Infantojuvenil.

→ Em 2014, houve a transformação do nome do projeto Liderança em projeto Grêmios Estudantis, com a coordenação da professora doutora Flávia da Silva Ferreira Asbahr, da Unesp de Bauru, que já colaborava com o projeto em 2013 e assumiu sua coordenação com a aposentadoria da professora doutora Marisa Meira. A coordenação do projeto na SME passou para a professora Rita Regina dos Santos, coordenadora de área de Educação Física do Departamento de Projetos e Pesquisas Educacionais. A Faculdade Anhanguera de Bauru passou a integrar o projeto, com os estagiários do curso de Psicologia e Pedagogia, sob coordenação da professora mestre Cássia Aparecida Magna Oliveira. O Instituto Esporte Educação foi parceiro nas ações de formação continuada com os tutores e estudantes. A partir daquele ano, foram desenvolvidas atividades nas 16 escolas de ensino fundamental do Sistema Municipal de Educação de Bauru. Os gremistas visitaram o campus da Unesp de Bauru com o intuito de conhecer o

ambiente universitário. Os estudantes também tiveram acesso a informações sobre os cursos e profissões da Unesp. Essa ação exitosa passou a fazer parte das ações que compõem o calendário anual do projeto Grêmios. Deu-se o 2º Fórum Infantojuvenil.

→ Em 2015, a coordenação das universidades e SME foi mantida com os mesmos integrantes, porém os estagiários de Psicologia e Pedagogia ampliaram sua participação, passando a atuar no projeto, juntamente com os professores e tutores, no processo eleitoral dos grêmios. Como ação de formação continuada, ocorreu um encontro entre cerca de cem alunos das dezesseis escolas municipais de ensino fundamental e o então prefeito de Bauru, Rodrigo Antonio de Agostinho Mendonça, que explicou aos estudantes as bases do funcionamento da prefeitura municipal de uma cidade e as atribuições de um prefeito, além de contar um pouco sobre sua experiência. Dando continuidade à programação da formação continuada, representantes da SME e da Faculdade de Ciências da Unesp realizaram uma visita técnica ao Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (Cieja) Campo Limpo, situado na cidade de São Paulo. O Cieja Campo Limpo destaca-se por ser um modelo de escola democrática, internacionalmente reconhecido. Suas ações se pautam na aproximação com a comunidade local, em seu currículo estruturado em horários flexíveis e na inclusão de alunos com necessidades especiais. No mesmo ano, realizou-se o 3º Fórum Infantojuvenil.

→ Em 2016, ainda sob a mesma coordenação, deu-se a entrega à sociedade do documento Currículo Comum das Escolas de Ensino Fundamental, evidenciando o sexto capítulo, “Gestão democrática e instrumentos de representação: conselhos escolares e grêmios estudantis”, um reconhecimento importante para o projeto Grêmios. Foi realizado o 4º Fórum Infantojuvenil, em parceria com a Caravana do Esporte²¹.

→ Em 2017, com a aposentadoria da professora Rita, o professor doutor Flávio Ismael da Silva Oliveira, também coordenador de área de Educação Física do Departamento Pedagógico, assumiu a coordenação do projeto em nome da SME, com uma equipe de apoio que incluiu nos trabalhos a professora Rose Teixeira Gaido e a professora Mestre Kelli Cristina do Prado Corrêa. A parceria e a coordenação da Unesp e da Anhanguera foram mantidas. Realizou-se o 5º Fórum Infantojuvenil.

→ Em 2018, ampliou-se a formação continuada com cursos oferecidos aos servidores. O curso Formação de Grêmios Estudantis em Escolas Públicas Municipais de Bauru abordou questões relacionadas ao grêmios estudantil no âmbito da gestão democrática participativa, passando pelo conceito de grêmios, legislação, história e formatos atuais, formação para atuação nos colegiados, bem como comunicação e ações práticas necessárias para

21 Informações em: <<https://www.jcnet.com.br/noticias/esportes/2016/09/481132-ana-moser-abre-oficialmente-as-caravanas-do-esporte-e-das-artes-em-bauru.html>>.

efetivação e participação de todos. Coordenado pela professora doutora Flávia da Silva Ferreira Asbahr, do Departamento de Psicologia da Unesp, e pela professora Mestre Cássia Aparecida Magna Oliveira, da Faculdade Anhanguera, em parceria com a Secretaria da Educação, o curso foi voltado aos tutores dos grêmios estudantis das escolas municipais de ensino fundamental, que na prática são servidores das unidades escolares que acompanham o desenvolvimento dos grêmios, cumprindo o papel de elo entre os alunos e o projeto. Realizou-se visita técnica na cidade de Cotia/SP, onde os representantes do projeto Grêmio Estudantil conheceram o projeto Âncora. O objetivo do encontro foi buscar referências para o aprimoramento das ações dos grêmios estudantis das escolas municipais de ensino fundamental a partir de uma experiência de sucesso em gestão democrática, com foco na realização de assembleias escolares. Um dos resultados positivos naquele município foi o desenvolvimento de habilidades sociais e de autonomia das crianças e jovens. A visita foi viabilizada por meio da parceria entre SME, Unesp, Faculdade Anhanguera e Sesc Bauru. A SME também promoveu um encontro entre o então prefeito de Bauru, Clodoaldo Armando Gazzetta, e os alunos dos grêmios estudantis das escolas municipais, no auditório do gabinete, quando foi entregue uma carta ao chefe do executivo com propostas de melhorias escolares, fruto do 6º Fórum Infantojuvenil. O encontro também contou com a participação da secretária da Educação, Isabel Cristina Miziara.

→ Em 2019, no âmbito da formação continuada, representantes da SME, da Faculdade de Ciências da Unesp e da Faculdade Anhanguera realizaram uma visita técnica ao Cieja Campo Limpo, situado na cidade de São Paulo. Os alunos entregaram ao prefeito Clodoaldo Gazzeta uma carta com propostas para melhorias no ensino e nas escolas, discutidas no 7º Fórum Infantojuvenil. Nesse encontro, o prefeito propôs que os gremistas integrassem o programa de orçamento participativo da cidade, e criou-se o orçamento participativo estudantil. Ainda em 2019, foram eleitos os delegados para representar os grêmios estudantis das EMEFs de Bauru nas reuniões do orçamento participativo²².

→ Em 2020, a professora Fernanda Costa Garcia, coordenadora da área de Língua Inglesa, agregou-se à equipe de coordenação do projeto da Secretaria Municipal de Educação. A Faculdade Anhanguera desligou-se do projeto, porém a professora mestre Cássia Magna continuou na coordenação juntamente com a professora doutora Flávia Asbahr, da Unesp de Bauru.

→ Em 2018 e 2019, participaram dos grêmios alunos público-alvo da educação especial, especificamente estudantes com deficiência física e transtorno

22 Mais informes sobre o orçamento participativo estudantil podem ser encontrados em: <<https://www2.bauru.sp.gov.br/materia.aspx?n=35908>>. Infelizmente, no contexto de suspensão das aulas por causa da Covid-19 e contenção de despesas públicas necessárias ao enfrentamento da pandemia (Decreto Municipal nº 14.693, de 29 de março de 2020), em 2020 o orçamento participativo estudantil avançou pouco. Portanto, o tema é mencionado, mas não desenvolvido.

do espectro autista (TEA), confirmando a perspectiva de uma escola para todos, respeitando as diferenças.

Todas essas etapas estão sintetizadas no Quadro 1.

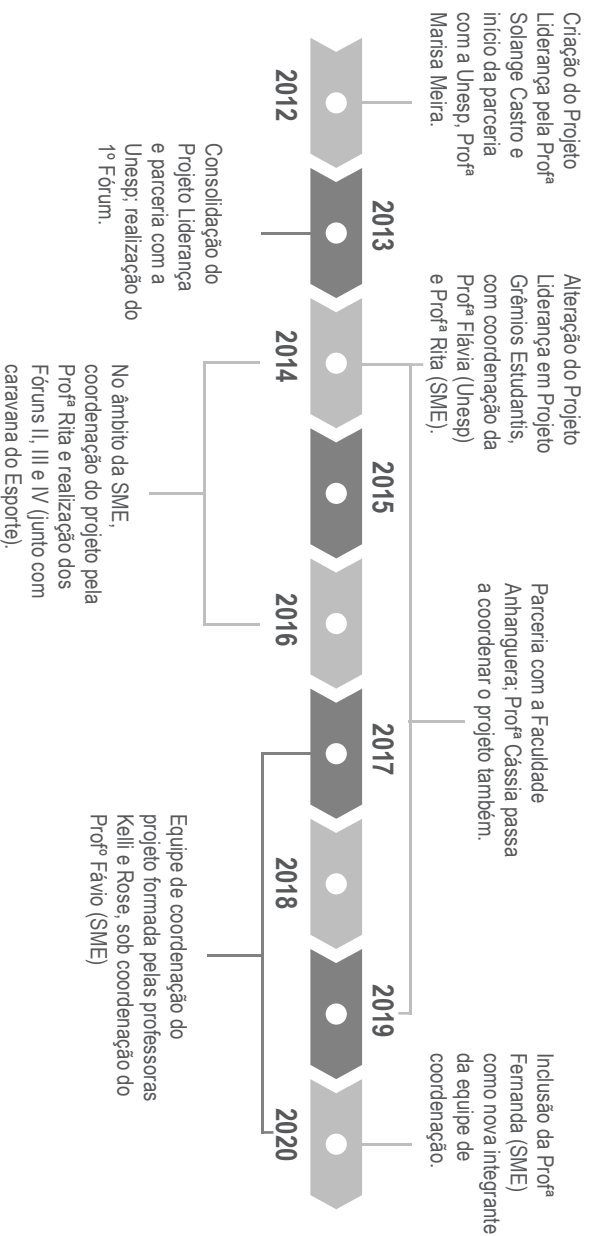
Faz, portanto, oito anos que temos buscado estimular espaços de participação de nossos alunos nos assuntos escolares, não apenas lhes ampliando voz e vez, mas procurando desenvolver a criticidade e responsabilidade em suas ações, bem como fomentar a luta por seus direitos.

Esse processo aconteceu gradativamente, proporcionando às escolas a abertura de um canal para que os estudantes começassem a participar das decisões da comunidade escolar. Desse modo, despertaram para o que diz respeito às necessidades e às histórias da sua comunidade, passando, então, a atuarem na transformação social.

Hoje, o principal objetivo desse projeto é contribuir para a efetiva organização dos estudantes das escolas de ensino fundamental por meio da implementação de grêmios estudantis, tendo em vista a construção de uma gestão escolar democrática e participativa.

Cada grêmio conta com um tutor, que é um servidor municipal da escola designado pela gestão da unidade escolar. A presença do adulto pode garantir a autonomia dos estudantes e o alcance dos objetivos estabelecidos, ou, por outro lado, tutelar suas ações, impedindo a plena participação dos alunos do grêmio. Assim, anualmente, a coordenação do projeto capacita os tutores e demais atores para que os papéis dos adultos diante do grêmio sejam configurados na perspectiva de que possam fomentar a independência dos gremistas.

Quadro 1: Quadro 1: Linha do tempo do projeto Grêmios



A partir da boa comunicação com os gremistas e demais atores escolares, os tutores assumem como principais atribuições o acompanhamento das reuniões do grêmio com seus representantes, com os extensionistas e com a coordenação do projeto e o fomento e orientação das atividades do grêmio nas escolas, dando aporte ao processo de eleição a cada novo ano letivo.

Diante de desafios cada vez mais complexos, os estudantes foram compreendendo o processo democrático e vivenciando a experiência de assembleias. Tais desafios foram a “semente” para que, em 2013, fosse criado o 1º Fórum Infantojuvenil.

Fórum Infantojuvenil

O Fórum Infantojuvenil tem como objetivo reunir os estudantes das unidades escolares do Sistema Municipal de Ensino de Bauru, participantes dos grêmios estudantis, com o propósito de fazê-los refletir sobre questões relacionadas à gestão democrática e à comunidade escolar, debatê-las e socializá-las, fortalecendo as ações dos grêmios estudantis em prol do protagonismo infantojuvenil.

A cada ano, o fórum vem se confirmando como um excelente aliado para a concretização dos objetivos do projeto. O ápice do exercício de cidadania é realizado durante o encontro, quando os estudantes têm a

possibilidade de discutir a realidade escolar e elaborar propostas que serão encaminhadas ao poder público.

O 1º Fórum Infantojuvenil, voltado aos participantes do projeto Liderança Escolar/Grêmios Estudantis, ocorreu no ano de 2013 e fez parte da programação da 13ª Semana Municipal da Educação promovida pela Secretaria Municipal de Educação. O tema escolhido para as discussões foi “Gestão democrática: responsabilidade de todos no processo educativo”. A abertura do evento aconteceu no Teatro Municipal “Celina Lourdes Alves Neves”, e as oficinas temáticas, sobre cultura, esporte, política, sociedade e educação, ocorreram na Instituição Toledo de Ensino (ITE) de Bauru, com a mediação dos estagiários de Psicologia da Unesp.

De maneira complementar, no ano de 2013, a formação continuada oferecida pelo Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação foi realizada também durante a Semana Municipal de Educação e ofereceu o curso Grêmios Estudantis: Participação Política e Formação Humana, com a seguinte ementa: organização dos grêmios estudantis como instrumento essencial para construção de uma gestão democrática e sua atuação nas escolas como entidades representativas dos interesses estudantis; o papel dessas organizações no desenvolvimento psíquico dos estudantes à luz dos pressupostos teóricos da psicologia histórico-cultural, estabelecendo relações entre formação do psiquismo, educação escolar e desenvolvimento do auto-domínio da conduta como condição para a formação de

sujeitos ativos, críticos e transformadores. Esse curso foi coordenado pela professora doutora Flávia da Silva Ferreira Asbahr e a professora Larissa Bulhões, ambas da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru.

Evento oficialmente associado à 14ª Semana Municipal da Educação, de 2014, o 2º Fórum Infantojuvenil trouxe o tema “O currículo escolar e suas interfaces”. A abertura da programação ocorreu em 16 de setembro de 2014, no Teatro Municipal “Celina Lourdes Alves Neves”, com uma apresentação cultural do projeto Gente Legal e a palestra “Formando hoje os líderes de amanhã”, proferida pelo professor Alexandre Arena, do Instituto Esporte Educação, com a mediação da professora doutora Flávia da Silva Ferreira Asbahr. As oficinas temáticas ficaram sob a responsabilidade dos coordenadores do projeto Grêmio Estudantil e ocorreram na ITE. O encerramento do 2º Fórum Infantojuvenil foi feito pelo então prefeito municipal de Bauru, Rodrigo Antonio de Agostinho Mendonça, seguido da apresentação da Banda Municipal da Secretaria da Educação, sob a coordenação do maestro Roberto Vergílio.

Por sua vez, o 3º Fórum Infantojuvenil integrou a 15ª Semana Municipal da Educação, que teve como tema “A formação continuada e seu papel na prática educativa”. A abertura oficial do evento foi realizada no dia 28 de outubro de 2015, com a apresentação da Banda Municipal de Bauru, composta por estudantes das escolas municipais de ensino fundamental “Nacilda de Campos” e “Santa Maria”. A palestra de abertura,

intitulada “História de vida”, foi proferida por André Doc, ex-estudante do Cieja Campo Limpo, de São Paulo. Oficinas lúdicas ligadas ao tema da participação estudantil também foram oferecidas. A assembleia teve como tema “O papel do grêmio na melhoria de nossas escolas” e o encerramento ocorreu nas dependências do Sesc Bauru, instituição que tem sido parceira do projeto desde então.

Em 2016, a 16ª Semana Municipal da Educação trouxe o tema “A escola e os diferentes atores do processo educativo” e abrigou o 4º Fórum Infantojuvenil, cuja programação teve início em 12 de setembro, com a Caravana do Esporte e das Artes, coordenada pelo Instituto Esporte Educação, naquele momento parceiro do projeto. Entre as atividades, foram oferecidas oficinas de esporte e arte, sob a coordenação do Instituto Mumalanga e do IEE, nas dependências do Esporte Clube Noroeste. Na mesma ocasião, houve a palestra “Formação de jovens líderes”, com uma assembleia coordenada por Vinícius Campos, representante da Disney Chanel, e estagiários do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru.

No ano de 2017, foi realizada a 17ª Semana Municipal da Educação, com o tema “O currículo e a práxis escolar: contribuições da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica”. A abertura oficial aconteceu em 4 de outubro com o 5º Fórum Infantojuvenil. A oficina “Produção coletiva de rádio: a perspectiva da educomunicação” foi coordenada pelo projeto Cala-boca

Já Morreu²³. Nessa atividade, os estudantes tiveram a oportunidade de vivenciar o contexto de uma rádio e de um modelo de comunicação que poderia ser desenvolvido por eles nas próprias escolas, configurando-se como eficiente canal de divulgação de conteúdo produzido pelos alunos, de discussão dos problemas escolares, da agenda e da programação cultural do sistema municipal de ensino. Ao final do evento, foi realizada, no Sesc Bauru, uma assembleia e um show de talentos dos alunos.

Em 2018, o tema escolhido para a 18ª Semana Municipal da Educação foi “O currículo em pauta: a BNCC e as interfaces com a educação municipal”. O fórum também teve um tema específico – “Que escola queremos? O currículo e a participação dos estudantes”. A programação do 6º Fórum Infantojuvenil iniciou-se em 2 de outubro de 2018, dando continuidade ao tema do ano anterior com uma oficina de rádio escolar sob a coordenação da equipe do projeto Cala-boca Já Morreu.

A assembleia e a plenária respeitaram as estruturas anteriores e alcançaram os objetivos do fórum, promovendo integração entre os representantes, aproximação entre as unidades escolares, troca de experiência, identificação e discussão da realidade escolar e, principalmente, a deliberação de oito propostas que foram reivindicadas ao poder público: 1) uso apenas das camisas do uniforme para os estudantes a partir do 6º

23 Mais informações em: <<http://www.cala-bocajamorreu.org/>>.

ano, e não do uniforme completo; 2) manutenção de ventiladores, trocas de vidros, conserto de goteiras das salas de aula e controle de pombos nas quadras esportivas; 3) construção de mais salas nos espaços físicos de várias escolas; 4) aumento da segurança nas escolas com a contratação de vigias e a instalação de alarmes; 5) reforma e construção de parques e quadras esportivas nas escolas; 6) manutenção de espaços coletivos como salas de aula e banheiros; 7) contratação, por intermédio de concursos, de funcionários e professores, tendo em vista a falta de profissionais em algumas escolas; 8) instalação de ar-condicionado nas salas de aula.

Decididas as propostas e concluído o fórum, foi agendado o encontro com a secretária municipal da Educação, professora Isabel Cristina Miziara, e com o prefeito municipal de Bauru, Clodoaldo Armando Gazzetta, para a entrega das demandas estudantis. Tal momento não foi estruturado apenas para a entrega das propostas, mas para dar a oportunidade a muitos estudantes, representantes dos grêmios estudantis, de poderem exercer a cidadania ao lado de pessoas públicas importantes para a cidade.

Na expectativa de um momento especial para todos, o encontro, realizado em dezembro de 2018, foi marcado por uma conquista importante na história dos grêmios estudantis das escolas municipais de Bauru. Mobilizado pela organização dos estudantes, o prefeito deliberou que parte da verba do orçamento participativo municipal fosse direcionada aos grêmios

das escolas municipais para que decidissem sobre sua utilização dentro das normas do programa. A partir dessa decisão oficial, vislumbraram-se avanços, com ações políticas ainda mais importantes, além dos limites das escolas, podendo levar os integrantes do grêmio e toda comunidade escolar a decisões orçamentárias relevantes.

Em 2019, a 19ª Semana da Educação trouxe o tema “O papel da escola na formação humana”, e a programação do 7º Fórum Infantojuvenil iniciou-se em 1º de outubro de 2019 com a abertura oficial e palestra com a arte-educadora Tina Curtis, de São Paulo, seguida de oficina de fanzine, novamente em parceria com o Sesc Bauru.

No dia 2 de outubro, houve o encerramento do evento com a assembleia e a plenária, culminando, tal como no fórum anterior, com a carta de intenções ao prefeito da cidade, contendo 13 propostas: 1) formalização de uma parceria entre Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Municipal do Esporte e Lazer; 2) ampliação das escolas para instalação de laboratórios; 3) criação do cargo de bibliotecário nas escolas; 4) além das disciplinas do currículo escolar, aulas diversificadas de artes, inglês, música e culinária, com vivências de profissões, brincadeiras e cursinhos motivacionais; 5) realização de campanhas sobre o meio ambiente com foco nas crianças, como projeto de futuro; 6) mais verba para manutenção das escolas; 7) equipe de obras exclusiva para a Secretaria Municipal de Educação com

materiais completos para reformas necessárias (goteiras, janelas, portas quebradas e outras); 8) totalidade das quadras funcionando, com manutenção constante; 9) parceria com escolas técnicas e universidades para palestras com foco na diversidade profissional; 10) salas e aulas de informática com professores destinados a essa função e computadores funcionando; 11) jogos esportivos interescolas; 12) instalação, manutenção e uso de parques para o ensino fundamental/anos iniciais; 13) desenvolvimento da cultura da paz (sem brigas, com respeito às pessoas e ao ambiente; diálogo e respeito ao espaço público). De posse das propostas, o prefeito respondeu a cada reivindicação, explicando as possibilidades e limitações para que fossem atendidas. Novamente sensibilizado pelas reivindicações, confirmou o envolvimento dos grêmios estudantis no orçamento participativo municipal²⁴, com o aumento da verba para o próximo ano.

É importante destacar que o fórum confirma os princípios que sustentam o projeto dos grêmios estudantis, que

24 Durante o ano de 2019, cada grêmio estudantil, por intermédio de assembleias, definiu dez demandas destinadas à compra e/ou serviços relevantes para a comunidade escolar. Dessas, cinco propostas, por escola, foram encaminhadas à coordenação dos grêmios estudantis municipais com a possibilidade de execução prevista para o início do ano de 2020. Com as determinações de isolamento e restrições estipuladas em função da pandemia da Covid-19, foi necessário adequar algumas demandas. No momento da submissão deste texto, as demandas haviam sido finalizadas e encaminhadas à coordenação do orçamento participativo.

ancora-se em três princípios teóricos e políticos fundamentais: a educação para a democracia, a formação da participação política e o papel da escola no desenvolvimento do psiquismo humano na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural de L. S. Vigotski. Atualmente são atendidas todas as escolas do ensino fundamental de nosso sistema municipal. (ZONTA et al., 2016, p. 274)

Considerações finais

Como representantes da Secretaria Municipal de Educação, avaliamos que o projeto é de suma importância para os estudantes e o contexto escolar, desenvolvendo uma visão mais ampla e eficiente sobre política, democracia e cidadania.

Com o projeto e a criação do espaço de discussão, percebeu-se um progresso crescente no decorrer dos anos, mostrando que os estudantes são capazes de dialogar com a equipe, com a comunidade escolar e com outras secretarias que compõem o poder executivo de Bauru, como a Secretaria Municipal de Administrações Regionais (SEAR), no que se refere ao orçamento participativo.

Com isso, seguimos com o objetivo de que os grêmios estudantis atuem articuladamente com a administração escolar e na busca pela construção de uma gestão

democrática e participativa. O espaço dos grêmios deve constituir-se como um importante ambiente de debates e de deliberações que suprem interesses de todos os estudantes, ultrapassando os muros da escola e contribuindo para um aprendizado que promova a consciência política, função tão mal desenvolvida nos cidadãos de hoje.

Embora o projeto já tenha oito anos, estamos caminhando em direção à construção e na garantia de um grêmio efetivamente fortalecido e que não se baseie somente no trabalho voluntário, corroborando com a manutenção das relações sociais alienantes e alienadas.

Referências

BAURU. Secretaria Municipal de Educação. Regimento comum das escolas municipais de ensino fundamental/educação especial. 2009. Disponível em: <https://www2.bauru.sp.gov.br/arquivos/arquivos_site/sec_educacao/regimento_escolar_fundamental.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

BAURU. Secretaria Municipal de Educação. Plano Municipal de Educação. Bauru, 2012/2022. Disponível em: <https://sites.bauru.sp.gov.br/pme/arquivos/website_pme/arquivos/Documento%20consolidado%20do%20PME%20com%20adequa%C3%A7%C3%A3o%20ao%20PNE%E2%80%932012%E2%80%932022.pdf._https://sites.bauru.sp.gov.br/pme/>. Acesso em: 11 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 24 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1998.

CASTRO, S. S.; ASBAHR, F. da S. F. Formação de grêmios estudantis nas escolas municipais de Bauru: criando espaços de gestão democrática. *In: CONGRESSO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BAURU*, 3., 2013, Bauru. Anais [...]. Bauru, 2013.

DUARTE, N. A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas: Autores Associados, 1993.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. Educação como prática corporal. São Paulo: Ed. Scipione, 2007.

LIBÂNEO, J. C. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

PESCUMA, D. Grêmio estudantil, uma realidade a ser conquistada. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, 1990, São Paulo.

ZONTA, C. et al. Gestão democrática e instrumentos de representação: conselhos escolares e grêmios estudantis. *In: MESQUITA, A. M. de; FANTIN, F. C. B.; ASBAHR, F. da S. F. (Org.). Currículo comum para o ensino fundamental municipal*. 2. ed. 2016. p. 263-279.

PARTE II

**Relatos de experiência
sobre a formação do grêmio
nas escolas municipais**

CAPÍTULO 3

Atuação do grêmio estudantil: um relato de vivência

*Wanessa Cavaglieri Santos Pini*²⁵

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar a atuação do grêmio estudantil da EMEF Professor Waldomiro Fantini, relatando algumas ações desenvolvidas durante o ano letivo de 2015.

A participação efetiva dos alunos nas decisões dentro da escola, na sugestão de planejamento, é fundamental se pensarmos uma gestão democrática. Porém nem sempre aconteciam ações que proporcionassem ou impulsionassem tais acontecimentos dentro do âmbito escolar. O desenvolvimento desse projeto, juntamente com a formação de tutores dos grêmios estudantis, abriu as portas para discussões e reflexões, oportunizando aprendizado na função de educar para a democracia. Nesse sentido, tendo como referência a educação para a democracia, compreende-se o aluno como sujeito em formação, proativo e protagonista da construção do conhecimento e da transformação da realidade social.

25 Coordenadora pedagógica e tutora do grêmio.

A atuação dos alunos em conselhos escolares e grêmios estudantis é legítima e assegurada por lei e pode constituir-se como espaço potencial de educação para a democracia. Nesses espaços, podemos construir relações horizontais, discussões, debates e tomadas de decisão reais, transformando o ambiente escolar, os participantes e o meio social.

Nesse contexto, os dez alunos de 4º e 5º anos do ensino fundamental que compõem o Grêmio Estudantil da EMEF Professor Waldomiro Fantini foram eleitos democraticamente, por meio de formação de chapas eleitorais, campanha de apresentação de propostas e eleição com aplicativo eletrônico. Atuaram, no ano letivo de 2015, juntamente com a equipe gestora e seus pares, construindo um ambiente democrático e transformando a realidade da escola e da comunidade escolar.

Trabalho efetivo do grêmio na realidade escolar

No início do ano letivo, promoveram-se ações para fomentar a participação democrática na eleição, tais como apresentação de propostas, apuração de votos e consolidação do grêmio. A formação oferecida pela Secretaria de Educação, juntamente com o Departamento de Psicologia da Unesp, enriqueceu a atuação do grêmio na escola, pois instrumentalizou os tutores para as discussões e mediações com os alunos.

A construção dos espaços democráticos na escola vai além da participação dos alunos nas escolhas dentro do ambiente educacional. Essa construção está mais ligada à atuação dentro desse espaço, com sugestões sobre o que deve ser feito, modificado e debatido, no sentido de buscar melhoras possíveis para a própria escola.

Uma das primeiras iniciativas do grêmio eleito, batizado de Juntos Somos Mais, foi organizar o recreio dirigido, readequando as atividades de acordo com o interesse dos alunos, como, por exemplo, colocar música de suas escolhas, organizar jogos de tabuleiro, possibilitar momentos de leitura de gibis e realizar rodas de conversa com os estudantes para conhecer suas necessidades, propostas de trabalho e sugestões melhorias, concretizando as ações em diálogos com a tutora e com a direção da escola.

Outra ação que merece destaque foi a participação ativa do grêmio nos conselhos de ano²⁶, pois, apesar de o projeto existir desde 2012, somente em 2015 pudemos contar com a participação efetiva dos alunos nesse âmbito. Eles puderam deliberar durante o conselho, opinando e colocando possíveis resoluções para problemas apresentados pelos professores ou equipe gestora.

26 Conselho de ano é uma reunião avaliativa, realizada bimestralmente, em que diversos especialistas envolvidos no processo ensino-aprendizagem discutem acerca do processo de aprendizagem dos alunos, o desempenho dos docentes, os resultados das estratégias de ensino empregadas, a adequação da organização curricular e outros aspectos referentes a esse processo, a fim de avaliá-lo coletivamente, mediante diversos pontos de vista.

Os alunos gremistas organizaram também ações voltadas para combater a dengue²⁷, sistematizando a confecção de cartazes e passeatas ao redor da escola, atingindo a comunidade e os familiares dos estudantes. A ação teve um resultado positivo e foi elogiada.

Muitas outras ideias surgiram durante o ano letivo, porém difíceis de realizar devido à falta de verba, como, por exemplo, alterar aspectos físicos da escola, como pinturas e melhorias no ambiente. Os gremistas lançaram, então, uma campanha para a pintura da quadra, mobilizando toda a escola para arrecadação de dinheiro destinado à compra de tinta. Esse trabalho iniciou-se em julho, concluindo-se em setembro. Todo o dinheiro arrecadado foi contabilizado pelos alunos, com autonomia para armazená-lo e tomar decisões sobre os gastos. Após tais definições, parte do valor foi destinada ao grêmio como caixa para o início do ano letivo de 2016. Como a quantia em dinheiro não foi suficiente para a compra de toda a tinta, contou-se com doações de materiais e a parceria da Secretaria da Cultura de Bauru, que prontamente designou para participar dessa iniciativa um professor de seu quadro efetivo, Sergio Oliveira, formado em Artes Plásticas pela Unesp de Bauru e responsável pela oficina de grafite realizada pelo município. Ele esteve na escola várias vezes, trabalhou

27 Dengue é uma doença febril grave causada por um arbovírus transmitido por picada de insetos, especialmente os mosquitos. Mais informações em: <<https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/dengue>>.

com o grêmio a temática grafite e ensinou traços básicos dessa modalidade de pintura para, em conjunto com os alunos, realizar a grafiteagem da quadra. O resultado foi tão positivo que convidamos o professor para continuar o projeto de grafite na escola até o final do ano letivo de 2015, ampliando-o para mais alunos.

Os alunos do grêmio também desenvolveram uma mostra cultural na escola, em um sábado em que os professores que precisavam repor dias letivos trabalharam em prol do planejamento dos alunos. Essa decisão foi tomada juntamente com o corpo docente e os alunos do grêmio. Nesse evento, aconteceu um show de talentos, com apresentações de dança, música e poesia. Os alunos puderam escolher livremente o que apresentar, desenvolvendo uma atividade cultural elogiada pela comunidade escolar. O grêmio, além de organizar as inscrições e a divulgação, também planejou toda a estrutura do show de talentos e apresentou e selecionou as músicas, tendo o respaldo da tutora, autora deste texto, e dos professores.

No final de setembro, realizamos a Feira do Jovem Empreendedor, um projeto que a escola desenvolve em parceria com o Sebrae²⁸. Os alunos do grêmio atuaram na organização da feira, dias antes, em toda a preparação, e no dia da atividade, em trabalhos escolhidos por eles. Participaram também da prestação de contas para a comunidade escolar, inclusive opinando sobre o destino do dinheiro arrecadado.

28 Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

Conclusão

Entende-se que esse projeto contribuiu para que a escola se torne um ambiente de reflexão, cumprindo seu papel social que, além da sistematização e transmissão do conhecimento, cria espaços para alunos atuarem de forma democrática. Nesse sentido, a participação política precisa começar efetivamente no ensino fundamental, para que nossos jovens sejam conscientes de seu papel e, assim, contribuam na construção de um país para todos, com justiça, igualdade e protagonismo.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394/96, de 24 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1998.

PARO, V. H. Educação para a democracia: o elemento que falta da discussão da qualidade do ensino. *Revista Portuguesa de Educação, Braga*, v. 13, n. 1, p. 23-38, 2000.

CAPÍTULO 4

Relato de experiência: a construção, capacitação e atuação do grêmio estudantil na EMEF José Francisco Junior “Zé do Skinão”

Alessandra Karina Bueno de Oliveira

Andreia Matilde Augusto

Sandra Regina Simões Bernardino da Silva Pereira

Silvana Postigo Prudente²⁹

Introdução

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de constituição, capacitação e atuação do grêmio estudantil na Escola de Ensino Fundamental José Francisco Junior “Zé do Skinão”, de Bauru/SP, durante o ano de 2015. A experiência relatada integra o projeto Formação de Grêmios Estudantis em Escolas Públicas Municipais de Bauru, coordenado pela professora doutora Flávia da Silva Ferreira Asbahr, do Departamento de Psicologia da Unesp de Bauru, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

O projeto traz como referência a necessidade de implementação real da gestão democrática escolar, com efetiva atuação dos representantes dos diferentes segmentos da escola, tendo como foco específico o fomento

29 Professoras do Sistema Municipal de Educação de Bauru.

à participação dos estudantes na forma de organização de grêmios estudantis. O grêmio estudantil, assim, deve ser constituído para existir além do documento, passando a ter uma atuação efetiva, em que caminhos e descaminhos sejam vivenciados pelos alunos, proporcionando transformações em sua formação pessoal e na realidade escolar na qual estão inseridos.

Diante desse desafio e no intuito de promover uma educação para a democracia, que, segundo Paro (2000), é uma das funções da escola pública e componente fundamental da qualidade do ensino, iniciamos este trabalho aderindo ao projeto de implantação/reativação do grêmio escolar da Secretaria Municipal de Educação de Bauru, transformando algumas dificuldades em oportunidades de aprendizagem. Como exemplo, tínhamos a falta de momentos e espaços para formação desses alunos, o que fez nascer um cronograma mensal de encontros entre integrantes do grêmio estudantil e estagiários de Psicologia da Unesp de Bauru com o intuito de gerar reflexões e ações no espaço escolar. Outra dificuldade era a falta de efetivação da gestão democrática na escola, que foi superada com a organização de uma equipe gestora comprometida, empenhada em contribuir e garantir o espaço de atuação efetiva do grêmio estudantil, bem como a escolha de um professor tutor, responsável por fomentar as ações de formação dos gremistas. Por último, a dificuldade na concretização de um espaço político para diálogo com os estudantes deu lugar à promoção de palestras de formação e ação sobre problemas da

sociedade atual, bem como um encontro com o prefeito da cidade, em que cada grêmio pôde colocar seus questionamentos, necessidades e ansiedades em relação à sua comunidade, à escola e à cidade como um todo e conhecer a dimensão e a visão de quem a administra.

Assim, vislumbramos um pouco do que o exercício do fazer democrático pode representar e entendemos, tendo como embasamento a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96), que a participação dos alunos nos conselhos escolares e a formação dos grêmios estudantis constituem espaços potenciais de educação para a democracia, que devem ser fortalecidos como locais de debate, de tomadas de decisão e avaliação, onde as relações de poder podem ser horizontalizadas.

Desenvolvimento do projeto

No início do ano de 2015, iniciamos as inscrições para a eleição do grêmio estudantil, com duas chapas concorrentes: Os Incríveis e Os Águias, ambas compostas por alunos da manhã e da tarde. A constituição das chapas, a elaboração das propostas e a confecção dos cartazes para divulgação na escola foram acompanhadas pelos estagiários de Psicologia da Unesp de Bauru, bem como pelo professor tutor.

Em nosso caso, tivemos duas professoras tutoras, uma do período da manhã e outra do período da tarde. As duas chapas passaram em todas as salas divulgando

suas propostas e foi agendado o dia da eleição. A eleição ocorreu nos dois períodos, com uso de urna eletrônica.

A mesa eleitoral foi composta por um presidente e mesários, funções ocupadas por alunos que não pertenciam às chapas inscritas, além de fiscais das duas chapas. Os alunos de 1º a 5º ano compareceram ao pleito, assinando lista de presença e recebendo comprovante de voto. Todo o processo teve o acompanhamento dos estagiários de Psicologia da Unesp de Bauru e do professor tutor do período respectivo.

Após a apuração, a chapa vencedora foi divulgada – Os Águias. A partir disso, os alunos eleitos se reuniram, juntamente com os alunos de Psicologia da Unesp, para analisar as propostas apresentadas e sua viabilidade. Os encontros do grêmio aconteceram mensalmente, com os alunos representantes, mediados pelos estagiários. Nesses encontros, discutiu-se o papel do grêmio, a função dos representantes de classe, o trabalho em equipe, os principais problemas que a escola enfrenta e o papel dos estudantes frente a essas questões. Os objetivos centrais desses encontros eram a formação da identidade grupal dos alunos eleitos enquanto representantes dos interesses dos estudantes da instituição, a conscientização da importância de sua participação ativa na vida escolar e a discussão de estratégias para uma participação efetiva. As ações executadas também eram avaliadas e havia um planejamento das ações futuras.

Entre as ações realizadas pelo grêmio estudantil em 2015, tivemos: 1) participação nas barracas da festa

junina, ficando os gremistas responsáveis pela barraca de pesca³⁰; 2) oficina de brinquedos tradicionais (cincos-marias e jogo da velha de joaninhas) para uso no recreio dirigido; 3) exposição de desenhos, com participação voluntária de todos os alunos, referentes a temas pré-determinados, como a água e a reciclagem, com premiação para os considerados mais bonitos; 4) cultivo e colheita na horta da escola; 5) participação dos alunos do grêmio no curso Agente Mirim – Xô Dengue, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação e realizado nas dependências da Unesp, com ações e inspeção de possíveis focos do mosquito da dengue em suas casas e na escola. Como desdobramento do curso, os gremistas também fizeram uma apresentação de teatro para alunos do 1º ano sobre cuidados com os animais – guarda responsável – e promoveram palestra sobre cuidados com a saúde para alunos do 5º ano.

Puderam ainda, no encontro de encerramento do curso na Unesp, apresentar o trabalho desenvolvido na escola para os grêmios estudantis de outras escolas municipais.

Além dessas ações, os alunos do grêmio visitaram algumas instalações da Unesp durante o ano letivo, entre elas um laboratório, a biblioteca e a rádio

30 Nessa barraca, ficaram responsáveis por arrecadar as prendas, separá-las e embalá-las. Também montaram e enfeitaram o espaço. No dia da festa, cuidaram da barraca praticamente sozinhos. O dinheiro arrecadado foi usado para comprar o toldo da frente da escola, que era uma das demandas dos alunos levantadas pelos gremistas.

universitária, com o intuito de conhecer uma universidade pública. Participaram também de uma visita à Prefeitura Municipal de Bauru, onde assistiram a uma palestra com o prefeito da cidade e puderam levar reivindicações dos alunos da escola ao gestor. Nesse encontro com o prefeito, os gremistas elaboraram e apresentaram um poema sobre sua escola e o papel do grêmio.

Durante a realização do projeto, ainda ocorreram encontros com os tutores das escolas com o objetivo de socializar as experiências desenvolvidas e discutir temas teóricos e práticos acerca da formação dos grêmios estudantis.

Considerações finais

De acordo com os pressupostos teóricos que norteiam este trabalho, buscou-se o envolvimento total de nossa escola na construção de um grêmio estudantil atuante, consciente de seu papel, que tivesse condições de elaborar propostas representativas dos interesses estudantis, instrumentalizando-os e proporcionando uma educação para a democracia real e efetiva.

Referência

BAURU. Secretaria Municipal de Educação. Plano Municipal de Educação. Bauru, 2011/2012. Disponível em: <<https://sites>.

bauru.sp.gov.br/pme/arquivos/website_pme/arquivos/13.pdf>. Acesso em: 7 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 24 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

PARO, V. H. Educação para a democracia: o elemento que falta da discussão da qualidade do ensino. *Revista Portuguesa de Educação, Braga*, v. 13, n. 1, p. 23-38, 2000.

CAPÍTULO 5

Relato de experiência sobre o grêmio estudantil: atividades para desenvolver protagonismo e autonomia com alunos dos anos finais do ensino fundamental

*Jesuína Santos Carrilho Lucon³¹
Cássia Aparecida Magna Oliveira³²*

Introdução

O grêmio estudantil existe em função dos alunos e para eles, proporcionando-lhes a oportunidade de contribuir na construção de relações democráticas no âmbito escolar, por meio de ações coletivas de natureza social, cultural, recreativa e informativa, em resposta às problemáticas levantadas pelos próprios discentes. Mas, além de atingir a coletividade, outra preocupação é o modo como as atividades formativas realizadas no movimento estudantil favorecem cada aluno participante no desenvolvimento da autonomia.

31 Professora e tutora do grêmio na EMEF Santa Maria, vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Bauru. E-mail: js-lucon@uol.com.br

32 Professora e coordenadora do projeto Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de Bauru. E-mail: cassiamagoliveira@gmail.com

Nesse sentido, compartilhar saberes por meio de um relato de experiência parece-nos necessário para contribuir com novas práticas escolares, uma vez que estamos socializando a vivência do aprendizado de conteúdos, habilidades e desenvolvimento do estudante para além dos muros escolares e que essas práticas, por sua vez, contribuem para promover a educação para a democracia, discutida e amparada em Paro (2000) e em Pistrak (2011), em relação aos aspectos políticos que recaem sobre os conteúdos ensinados pela escola.

No que tange à temática, de acordo com Asbahr et al. (2017), historicamente não aprendemos a fazer e a pensar coletivamente; da mesma forma, no processo educacional, pouco ou nada tem sido ensinado sobre participação e autonomia. Tudo isso nos remete à seguinte reflexão: para que as ações mais democráticas e de garantia de participação (BORDENAVE, 1994; PUIG, 2000) como um direito dos alunos possam acontecer, a escola precisa ser repensada e reorganizada de modo que todos possam partilhar do cotidiano escolar. Nesse sentido, concordamos com Pistrak (2011), que diz que, mais do que a escola pensar no conteúdo a ser transmitido, a sua finalidade é produzir novas relações sociais, um novo tipo de educação.

Paro (2000, p. 3) contextualiza essa questão no âmbito da educação para a democracia e coloca sua importância para que os envolvidos no processo educacional consigam contribuir nas construções da escola, no que tange ao currículo, convivência e expectativas,

e como forma de pertencimento ao espaço escolar. E, sobre o papel da escola, faz uma crítica ao dizer que, no binômio individual-social, “[...] a principal falha hoje da escola com relação a sua dimensão social parece ser sua omissão na função de educar para a democracia”.

Essa é uma realidade em muitas das escolas brasileiras, ou melhor, na maioria delas. Esse fato é apontado também por Oliveira (2019), quando analisa que a participação, a autonomia e a descentralização são palavras-chave em muitos documentos que norteiam o ensino, mas na prática esses conceitos essenciais à formação do aluno ainda não se materializam como deveriam no espaço escolar (PARO, 2011; ARAÚJO, 2007; 2015; ASBAHR et al., 2017).

Acerca do papel da escola, Pistrak (2011) aponta que a escola deve ser um espaço em que a ação seja um “princípio educativo” e onde sejam dadas condições para o desenvolvimento da autonomia do aluno frente à sua “realidade integral” (p. 73). Ainda segundo o autor, “[...] a atividade prática das crianças permite a passagem quase insensível dos bancos da escola para uma participação efetiva na vida prática (p. 95)”. Diante desses apontamentos, indubitavelmente, pode-se dizer que, se queremos que nossos adolescentes e jovens vivam de forma coletiva, na base da ajuda mútua e pelo autodesenvolvimento, tais situações precisam ser proporcionadas a eles, desde cedo, a fim de que compreendam a utilidade desses saberes (COSTA, 2001; PISTRAC, 2011; PARO, 2000; 2018; MARTINS; DAYRELL, 2013; ASBAHR et al., 2017).

Certamente, essas ações devem ser pensadas além da sala de aula e não se restringindo apenas aos conteúdos das disciplinas, afinal, “[...] a situação de ensino não é o único momento que deve ser objeto de preocupação quando se toca no tema da autonomia dos alunos”. É preciso considerar também a questão da participação discente nas tomadas de decisão da escola de um modo geral (PARO, 2011, p. 3), seja por participações na dinâmica do dia a dia, seja pelos colegiados na escola, seja pelo que enfocamos neste texto, o grêmio estudantil.

Em relação aos movimentos de participação, o grêmio estudantil, enquanto entidade representativa dos alunos, legitimado pela Lei nº 7.398/85 (BRASIL, 1985), que dispõe sobre a organização de entidades representativas dos estudantes de 1º e 2º grau, assegurando em seu artigo 1º “a organização de estudantes como entidades autônomas representativas dos interesses dos estudantes secundaristas com finalidades educacionais, culturais, cívicas esportivas e sociais”, transforma-se em uma realidade dentro da escola. Enquanto entidade, existe em função dos alunos e para eles, proporcionando-lhes a oportunidade de desenvolver o protagonismo e a autonomia, além de possibilitar a construção de relações democráticas no espaço escolar, por meio de ações coletivas de natureza social, esportiva, cultural, política e outras voltadas para atender as necessidades levantadas pelos próprios pares (DAL RI, 2011; 2012).

Não se trata somente de pensar ações nos grêmios como um meio para estimular os estudantes a apresentarem propostas e fazerem escolhas conscientes, mas como processo emancipatório com práticas educativas adequadas e significativas para que crianças e adolescentes tenham as condições de desenvolvimento asseguradas (ZONTA et al., 2016; ASBAHR et al., 2017; OLIVEIRA 2019).

A partir das ações vivenciadas, o sujeito vai se constituindo como parte pensante e, ao se inserir em um lugar que promove o desenvolvimento de um sujeito consciente e crítico, passa a participar ativamente na construção desse espaço (VIGOTSKI, 1995).

Seguramente, o protagonismo e a autonomia são valores constituídos nas ações vivenciadas pelos estudantes ao envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa e responsabilidade (COSTA, 2000; MARTINS; DAYRELL, 2013).

Levando em conta o exposto acima, seria necessário pensar a escola como espaço educativo promotor do protagonismo que, de acordo com Costa (2000), deve ser entendido como participação ativa e construtiva na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla. Dessa forma, um dos caminhos é o grêmio estudantil, em que situações práticas são vivenciadas pelos alunos, o que possibilita o pensar, o fazer, o refletir, o construir e o constituir-se de forma autônoma.

Aspectos metodológicos

Trata-se do relato de experiência de um trabalho, realizado por meio de uma pesquisa-intervenção de cunho qualitativo, compartilhado entre a professora tutora do grêmio de uma escola municipal e a professora coordenadora do projeto intitulado Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de Bauru, conhecido como projeto Grêmios, que visa organizar a representação dos alunos (DAL RI, 2011; 2012), a partir de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e os departamentos de Psicologia e Pedagogia de instituições de ensino superior. Vale destacar que a participação de extensionistas/estagiários³³ tanto no planejamento como na execução das ações, diretamente na escola, contribui muito na formação desses futuros profissionais da psicologia, uma vez que, no contato com a realidade escolar e com os estudos teóricos, tem-se a possibilidade de confrontar o conhecimento a partir das próprias percepções.

Durante o ano, nas escolas, os tutores e extensionistas/estagiários dão apoio para as crianças montarem suas chapas, efetuarem as eleições e desenvolverem suas propostas com base nas demandas dos demais alunos da escola, organizando campeonatos, gincanas,

33 Os termos extensionistas/estagiários são utilizados dessa forma pois participam do projeto alunos dos cursos de Psicologia e Pedagogia com vínculos com o projeto maior, tanto pelo projeto de extensão como por estágios das disciplinas dos respectivos cursos.

campanhas sociais, assembleias, palestras e outras atividades. Cada escola tem liberdade de estruturar suas ações a partir das características e necessidades dos alunos gremistas e seus pares.

O presente trabalho foi realizado em uma escola do ensino fundamental/anos finais, especificamente com alunos eleitos do 6º ao 8º ano. Nas reuniões com o grêmio, o objetivo maior centrou-se em dois pontos: desenvolver o grupo, para que se tornassem uma equipe e individualmente desenvolvessem autonomia e, ao mesmo tempo, pudessem desenvolver as propostas pelas quais foram eleitos, bem como vivenciar as habilidades de comunicação, de trabalho na coletividade, de pensamento crítico, de participação e de protagonismo.

Na escola trabalhada, os alunos gremistas, no total de doze, foram votados em eleição realizada por meio de cédulas de papel, com a participação de todo o corpo estudantil. Durante as eleições, os alunos haviam feito várias propostas, apresentando-as em cada sala de aula. Após serem eleitos, foi montado um cronograma, com horários no contraturno, para encontros do grêmio com os integrantes das instituições de ensino superior (alunos e professora da Universidade), no intuito de promover condições para a execução das propostas. No entanto, algumas ações eram realizadas nos horários de aula, como a divulgação de avisos e orientações sobre o andamento da campanha para toda a comunidade escolar. Como o trabalho foi desenvolvido com alunos dos anos finais do ensino fundamental, eles já

apresentavam mais iniciativas em relação às necessidades coletivas.

Para fins deste relato de experiência, faremos o recorte de cinco encontros, que tinham em média duração de duas horas, ocorrendo em diversos espaços da escola, ora com a presença dos alunos, tutora e representantes da IES (estagiários e professora), ora somente alunos e os participantes da IES. Durante os encontros, o fluxo de trabalho com a chapa vencedora, que se tornou o grêmio da escola, esteve pautado nas atividades didático-pedagógicas para discussão e análise das propostas do grupo, bem como as áreas de aplicação na escola, a discussão de conceitos de participação, protagonismo e autonomia e, ainda, o planejamento e execução das ações pelos alunos.

Discussão

Entre os princípios do projeto dos grêmios está a promoção de vivências democráticas dentro da escola e fora dela, com a finalidade de ampliar os conhecimentos dos alunos e desenvolver suas habilidades. Nesse sentido, os resultados apontaram que, ao serem proporcionadas condições para os estudos de conceitos, planejamento das propostas e elaboração dos materiais em conjunto, os alunos apresentaram um maior protagonismo e autonomia tanto nas discussões conceituais como na organização e execução das atividades/

propostas, resultando em atitudes mais efetivas adotadas pelos gremistas.

Dessa forma, entende-se que, para que ocorra a participação dos alunos nas atividades escolares e especificamente nas atividades do grêmio, faz-se necessário que ocorra o ensino das formas de participação. Sobre a participação como exercício a ser ensinado pela escola, Araújo (2015) escreve que:

Podemos entender que a educação para a cidadania, como elemento essencial à democracia, pressupõe a formação e a instrução das pessoas, visando à sua capacitação para a participação motivada e competente tanto na esfera política quanto na pública. Ao mesmo tempo essa formação deve objetivar o desenvolvimento de competências para lidar com a diversidade e o conflito de ideias, com as influências da cultura e com os sentimentos e as emoções presentes nas relações do sujeito consigo mesmo e com o mundo à sua volta. Assim, segundo tal modelo educativo, a escola pode promover a formação ética, política e psicológica de seus membros. (p. 19)

Para atingir esses resultados, o trabalho na escola consistiu em um conjunto de ações com a chapa vencedora da eleição, incluindo a execução de algumas propostas que os gremistas fizeram no momento da

eleição. Importante ressaltar que o processo eleitoral já promove um momento de mudanças nos alunos, pois gera a oportunidade de participar, dar opiniões, colaborar, posicionar-se em diversas atividades, resultando em um protagonismo ao exercer o direito de escolha de seus representantes (PARO, 2011; ASBAHR et al., 2017).

Após as eleições, foram propostas duas dinâmicas de grupo para reforçar o sentido de coletividade entre os integrantes da chapa vencedora. Na primeira, os alunos giravam em roda ao som de uma música e, em seguida, diziam seu nome, idade, se já foram do grêmio, sua maior qualidade e seu maior sonho. Nessa atividade, foi possível observar que, ao formular suas respostas, os estudantes procuravam pensar coletivamente. Na segunda dinâmica, sob o comando de um adulto orientador, os estudantes passavam bolinhas de papel de mão em mão, colaborando uns com os outros para evitar que elas caíssem no chão. Cada vez que uma bolinha caía, um integrante saía do jogo.

O encontro se encerrou com uma reflexão sobre as duas dinâmicas. Dois alunos disseram ser difícil atuar coletivamente, pois cada um age de um jeito, e, como exemplo, mencionaram a falta de tolerância de alguns colegas quando alguém deixava a bolinha cair. Nesse sentido, o exercício de opinar e refletir sobre as atividades pode produzir o efeito da participação responsável (ZONTA et al., 2016; ASBAHR et al., 2017).

Ainda nesse encontro, os adultos orientadores estimularam uma conversa sobre o processo eleitoral,

buscando verificar com os alunos o que julgaram ter sido fácil ou difícil durante o pleito, e o resultado foi a elaboração de uma carta de agradecimento pelos votos, dirigida aos demais discentes, posteriormente divulgada no mural da escola. Por último, discutiu-se um texto sobre o conceito de participação, o que causou interesse e suscitou alguns comentários entre os alunos, ainda que a abordagem do texto fosse nova para eles. Esse tipo de atividade é fundamental para que os alunos sejam instrumentalizados conceitualmente (VIGOTSKI, 1995; PUIG et al., 2000; OLIVEIRA, 2019).

No segundo encontro, foi feita uma reavaliação das propostas iniciais da chapa vencedora apresentadas na eleição, verificando-se quais delas, de fato, iam ao encontro das expectativas dos discentes da escola e quais seriam as condições viáveis para que se concretizassem. Houve ampla discussão, com colocações pertinentes. Após a reflexão, as propostas foram organizadas em áreas de acordo com modelo apresentado na cartilha *Caderno Grêmio em Forma* (2005), “cultura, esporte, política, social, comunicação e estrutural” (p. 27), a fim de mostrar aos alunos gremistas quais âmbitos da vida escolar podem ser objeto de ação do grêmio na escola. Essa reflexão foi necessária pois foi observado, nos anos anteriores do projeto, que, muitas vezes, as propostas ficam limitadas ao lazer e ao esporte. Nesse caso, com as reflexões iniciais, foram ampliadas as possibilidades de atividades, trazendo exemplos de ação na seara política, da comunicação e em outras, como mostra o Quadro 1:

Quadro 1: Áreas de atividades

Áreas	Atividades
Cultura	Teatro feito pelo grêmio, show de talentos, dia das crianças, <i>halloween</i> , festival da leitura e escrita.
Esporte	Campeonato interclasse, realização de jogos de queimada, futsal e outros, gincana.
Política/ cidadania	Palestras sobre racismo, <i>bullying</i> , gincana sobre cidadania, formas de coletar informações dos demais alunos por meio de cartazes, caixa de sugestão, entre outras.
Social	Campanhas sociais de arrecadamento de leite, agasalhos, brinquedos e produtos de limpeza, recolhimento de pilhas para descarte, parcerias com ongs para doações dos materiais recebidos nas campanhas.
Comunicação	Jornal, quadro de sugestões, avisos, rede social.
Estrutural/ espaço	Cobertura da quadra, reparo de bebedouros e reparo de banheiros.

Fonte: elaborado pelas autoras (2020).

O exercício de fazer a lista levou os alunos a uma releitura do processo eleitoral e à compreensão das demandas e das prioridades e, dentre elas, do que é possível realizar na escola.

Os resultados dessa primeira etapa refletem um avanço dos próprios alunos, ao pensarem quais são as ações de interesse dos seus pares. Ao fazerem essa análise, estão colocando em prática a dimensão política

do pensamento crítico sobre o espaço escolar. Pistrak (2011, p. 73) aponta o papel político do trabalho pedagógico e afirma que a escola deve proporcionar aos alunos uma “formação básica social”, com conteúdos científicos que contribuam diretamente para sua prática social, isto é, que o preparem para a vida. Nesse sentido, a escola deve ser um espaço em que a ação seja um “princípio educativo”, em que sejam dadas condições para o desenvolvimento da autonomia do aluno frente à sua “realidade integral” (p. 73).

De posse das propostas, foi organizado o plano de trabalho anual, distribuindo-se mensalmente as ações que seriam colocadas em prática. Nesse encontro, a primeira intervenção escolhida foi a campanha do agasalho, sendo discutida a forma de executá-la, os materiais que seriam necessários e para quem as roupas arrecadas seriam distribuídas. O grupo mobilizou-se, dividindo-se entre os que escreveriam os cartazes para a divulgação (para isso, deveriam pesquisar imagens e textos), os que providenciariam as caixas para colocar os agasalhos, incluindo a confecção da decoração desses recipientes, e os que encontrariam uma ong para a entrega (precisariam conversar com os profissionais das instituições de ensino superior e a tutora para entrar em contato com possíveis instituições). Toda essa dinâmica gerou condições de participação. Além de ouvir o que fazer, foi preciso que pensassem nas ações necessárias para garantir a realização da proposta (BORDENAVE, 1994; PUIG et al., 2000).

No terceiro encontro, todos os integrantes trouxeram os materiais e informações, elaboraram dois cartazes e passaram nas salas de aula para fazer a divulgação. Em seguida, fixaram os cartazes em dois lugares na escola (além da chamada para a campanha, os cartazes informavam a data, o local onde os alunos deveriam colocar as doações e o nome das instituições para as quais seriam entregues). As caixas para coleta foram distribuídas em pontos estratégicos na escola, próximo aos cartazes. Ao longo da campanha, o grêmio procurou incentivar a participação dos alunos por meio de chamadas nas salas de aula, e, ao final do mês de maio, representantes da ong escolhida para ser a beneficiária da campanha, uma organização que trabalha com crianças em situação de vulnerabilidade, estiveram na escola para recolher as doações, entregues pelos próprios gremistas.

O quarto encontro foi iniciado com o tema *participação*. Em grupo, os alunos fizeram a leitura coletiva e a discussão de um texto e, em seguida, conversaram em duplas e elegeram duas palavras-chave para expressar a relação entre os temas participação, autonomia e cidadania. Foi feito, ainda, um debate sobre a relação entre o conceito de cidadania e as campanhas que estavam sendo desenvolvidas. Nessa proposta, o foco foi educar os alunos para que pudessem estabelecer relações entre valores e ações (PARO, 2000, 2018).

Alguns alunos afirmaram que sentiam necessidade de ajudar os mais pobres, mas muitas vezes não sabiam como. Afirmaram também que, pelo grêmio, ficava mais

fácil, pois todos pensavam juntos. Foi solicitada, então, uma tarefa: deveriam perguntar, nos arredores da escola ou a seus familiares, se nas proximidades havia redes de apoio social (ongs, líderes comunitários etc.) e trazer as informações no encontro seguinte. Todos concordaram.

Outra atividade foi discutir o andamento da campanha do agasalho (se já havia doações e o incentivo da escola). Os alunos avaliaram que toda a escola estava muito empenhada nas doações. Nesse dia, outra proposta foi iniciada – a caixa de sugestão, para que os demais estudantes pudessem trazer suas ideias de ações para o grêmio. Primeiramente, discutiu-se qual seria a pergunta geradora e, depois, como seria divulgada a campanha. Foram feitos cartazes para serem fixados nas salas de aula, e a caixa de sugestão foi colocada no pátio da escola, junto com papel e caneta, para que ali todos pudessem inserir suas opiniões. A pergunta exposta no cartaz foi: “Como podemos melhorar a escola?”. Essa ação, a de ouvir os demais alunos da escola, reflete um potencial transformador nos estudantes, pelo fato de exercitar a empatia (PARO, 2011; ARAÚJO, 2007, 2015; ASBAHR et al., 2017; BULHÕES et al., 2018).

Nesse mesmo encontro, foi feita uma dinâmica de grupo em que os alunos faziam perguntas tentando descobrir nomes de personagens fixados com etiqueta em sua testa. Os que sabiam a resposta combinavam previamente quais dicas ou sinais dariam ao colega que estivesse tentando acertar. O desafio motivou todo o grupo.

Também fizeram a leitura das propostas que foram inseridas na caixa de sugestões criada pelo grupo, debatendo quais poderiam ser absorvidas e executadas pelo grêmio. Com a participação de um grande número de alunos, houve uma diversidade de ideias: brincar mais, realizar atividades culturais e esportivas, garantir que alimentos como salgados, bolos, chocolates e sorvetes fossem servidos na escola esporadicamente. Algumas se assemelhavam àquelas que o grêmio já havia projetado em sua campanha e foram colocadas novamente no quadro de propostas. Foi também retomada a tarefa de pesquisar ongs e outras redes de apoio nas proximidades. Após uma conversa com familiares, dois alunos descobriram que muitas companhias sociais já eram feitas pela igreja do bairro. Outros disseram que não havia instituições do tipo em seu bairro ou que a família desconhecia. No mesmo dia, também foi pensada a campanha do leite, discutindo-se os benefícios e a importância do leite e de haver um lugar para doação. Muitos se manifestaram, lembrando de conteúdos estudados em sala de aula. A campanha do leite passou pelo mesmo procedimento da campanha do agasalho, em que foram feitos cartazes, divulgação nas salas e organização de um lugar para recebimentos das doações no pátio. Como o produto é perecível, combinou-se o recolhimento todos os dias, por um período menor, e sua entrega em uma creche.

O encontro foi finalizado com uma dinâmica de grupo em que todos receberam um palito de dentes e

uma bexiga de borracha. Os participantes deveriam encher as bexigas e andar pelo espaço jogando-as para cima. Ao ouvir palmas, deveriam pegá-las e entregá-las a quem estava conduzindo a dinâmica. A expectativa era de que todos entregassem os balões cheios sem se sabotar, porém alguns colegas tentaram furar as bexigas de outros, pelo simples fato de terem um palito. Ao final, os alunos foram levados a refletir sobre o modo como entenderam o comando recebido e o que motivou alguns a estourarem as bexigas de outros, relacionando a atividade aos conceitos de individualidade, coletividade, cooperação.

Os indicativos de participação ao longo dos cinco encontros sugerem algumas mudanças nos alunos, que desempenharam muito bem o planejamento e execução das tarefas e das suas propostas iniciais, percebendo o quanto o esforço em conjunto é importante no desenvolvimento individual, na participação e na autonomia. O grêmio deve ser considerado não somente como um espaço para deliberações, mas como processo emancipatório, em que os alunos podem desenvolver seu senso crítico, vivenciando práticas de autonomia e cidadania (BORDENAVE, 1994; PISTRÁK, 2011; ARAÚJO, 2015; ASBAHR, et al., 2017; BULHÕES et al., 2018; PARO, 2018).

A fim de evidenciar o protagonismo, participação e autonomia desenvolvidos durante a execução das propostas, no Quadro 2 são mostrados alguns indicadores:

Quadro 2: Indicadores de protagonismo e autonomia

Encontro	Atividades	Indicadores
1	Dinâmicas de grupo; roda de conversa (processo eleitoral; conceito de participação)	Defenderam as propostas e deram exemplos de participação, a partir das próprias vivências.
2	Organização das propostas	O grupo elaborou o plano de ação das campanhas dividindo tarefas (materiais, divulgação, arrecadação e doação, dentro e fora da escola).
3	Elaboração de materiais e divulgação	Todos mostraram envolvimento, houve muito diálogo e até conflitos (que foram mediados e superados) entre os membros para atingir os objetivos da campanha.
4	Roda de conversa sobre participação, autonomia e cidadania	Concluíram que ainda exercem pouco a cidadania e que a autonomia precisa ser conquistada, já pontuando os novos conceitos aprendidos.
5	Leitura das sugestões; organização da campanha do leite	Organizaram as respostas e refletiram sobre as dificuldades de pensar de forma coletiva com a escola.

Fonte: elaborado pelas autoras (2020).

Nos indicadores, é visível que os alunos se sentem pertencentes ao grupo e que estão representando

eticamente os demais discentes da escola que os escolheram, como vemos no exemplo da caixa de sugestões, em que puderam agir democraticamente ao ouvirem todos. Ocorre um envolvimento do grupo, com mudanças nas posturas individuais ao longo dos encontros, por meio das atividades didático-pedagógicas que promovem esse desenvolvimento, pois em suas individualidades encontram-se os solícitos, os proativos, os tímidos, enfim, as diversas formas de serem e agirem (VIGOTSKI,1995; COSTA, 2001; PARO, 2011; ARAÚJO, 2015).

Em situações como as que foram descritas, é possível perceber a importância do apoio da escola, na figura do tutor, e dos representantes da instituição de ensino superior na construção da autonomia dos alunos do fundamental, especialmente dos anos finais, seja em sua vida escolar, seja mais tarde, na vida adulta. As experiências vivenciadas na escola serão base para suas ações em outros espaços da vida pública (PARO, 2000, 2011; VALENTE et al., 2015).

Sobre o apoio aos alunos, Pistrak (1981, p. 140) aponta que:

É preciso encontrar a linha de comportamento justa, evitando, sem dúvida, o esmagamento da iniciativa das crianças, a imposição de dificuldades a sua organização, mas permanecendo, de outro lado, o companheiro mais velho que sabe ajudar imperceptivelmente, nos casos difíceis, e, ao mesmo tempo, orientar as tendências

das crianças na boa direção. Para falar de forma mais concreta, isto quer dizer que é preciso suscitar nas crianças preocupações carregadas de sentido social: ampliá-las, desenvolvê-las, possibilitando às próprias crianças a procura de formas de realização.

Claro que, no processo de orientação dos gremistas, muitas vezes é preciso retomar temas, especialmente aqueles que implicam na atuação coletiva, visando transformar a escola em um espaço democrático favorecedor e garantidor de um aluno mais autônomo (ZONTA et al., 2016).

Os alunos devem ser estimulados a refletir a fim de que apresentem maior consciência da sua representatividade, principalmente quando não colaboram nas atividades, faltam aos encontros ou não cumprem seu papel, ainda que tenham participado da elaboração dos combinados. Nessa perspectiva, o grêmio pode ser um meio pelo qual o aluno exerce o direito de participar, bem como se desenvolve ainda mais em seu processo de escolarização e de formação como cidadão.

Considerações finais

Conforme percebemos nos relatos dos estudantes nos encontros do grêmio, durante a realização de atividades didático-pedagógicas, ao promover condições

de ensino sobre a participação em ações no grêmio estudantil e em situações futuras, proporcionam-se conhecimentos essenciais para o desenvolvimento do protagonismo e da autonomia.

As atividades realizadas com os gremistas foram o mote para seu desenvolvimento, pois permitiram instrumentalizá-los, de forma individual e coletiva, como protagonistas, desde o processo eleitoral até o cumprimento das propostas. Esse movimento formativo colaborou na vida dos alunos, fortalecendo sua atuação política, focando em seu papel como representantes dos discentes. Na escola, o grêmio representa aquela comunidade e precisa ter ações que perpassem pela ética, comunicação e avaliação das suas próprias atitudes.

Consideramos, dessa forma, que, ao dar condições para o funcionamento dos grêmios, a cooperação de todos traz resultados mais consistentes. Por fim, o grêmio, por meio de toda a experiência aqui apresentada, contribui com a escola para que ela cumpra o papel de garantir participação e autonomia dos alunos, com um indicativo de que o protagonismo estudantil é a fonte de suas ações presentes e futuras.

Referências

ARAÚJO, U. F. A construção social e psicológica dos valores. *In*: ARAÚJO, U. F.; PUIG, J. M.; ARANTES, V. A. (Org.). Educação e valores: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2007, p. 17-64. (Coleção Pontos e Contrapontos).

ARAÚJO, U. F. Autogestão na sala de aula: as assembleias escolares. São Paulo: Summus, 2015. (Coleção Novas Arquiteturas Pedagógicas, v. 4).

ASBAHR, F. da S. F. et. al. Grêmios estudantis e a psicologia histórico-cultural: o exercício da democracia e seu papel no desenvolvimento psíquico. *In: EUZÉBIO FILHO, A. (Org.). Psicologia para além do consultório: reflexões e contextos de atuação.* Curitiba: Juruá, 2017, p. 95-112.

BORDENAVE, J. E. D. O que é participação. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Lei nº 7.398, de 4 de novembro de 1985. Dispõe sobre a organização de entidades representativas dos estudantes de 1º e 2º graus e dá outras providências. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1985. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7398.htm>. Acesso em: 2 jul. 2020.

BULHÕES, L. F. et al. Formação de grêmios estudantis em escolas municipais: desafios e possibilidades. *Revista Ciência em Extensão*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 97-113, abr./jun., 2018. Disponível em: <http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1701>. Acesso em: 29 jun. 2020.

CADERNO GRÊMIO EM FORMA. Instituto Sou da Paz, 2. ed., 2005a. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/1095.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

COSTA, A. C. G. Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

DAL RI, N. M. Papel do grêmio estudantil e gestão democrática na escola pública. Pró-Reitoria de Graduação – Núcleo de Ensino da Unesp. São Paulo: E-livros Prograd, 2011, p. 709-732.

DAL RI, N. M. Organização escolar, gestão democrática e participação dos alunos. *In*: PINHO, S. Z.; OLIVEIRA, J. B. B. (Org.). Políticas públicas e organização escolar: núcleos de ensino da Unesp. v. 6. São Paulo: Cultura Acadêmica, E-Livros Prograd, 2012, p. 29-52.

MARTINS, F. A. S.; DAYRELL, J. T. Juventude e participação: o grêmio estudantil como espaço educativo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1267-1282, out./dez. 2013.

OLIVEIRA, C. A. M. Aluno com deficiência em grêmio estudantil: um programa de formação visando a sua participação. 2019. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019.

PARO, V. H. Educação para a democracia: o elemento que falta na discussão da qualidade do ensino. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, v. 13, n. 1, p. 23-38, 2000.

PARO, V. H. Autonomia do educando na escola fundamental: um tema negligenciado. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 41, p. 197-213, jul./set. 2011.

PARO, V. H. *Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino*. 2. ed. rev. São Paulo: Intermeios, 2018. 136 p.

PISTRAK, M. M. *Fundamentos da escola do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PUIG, J. M.; et al. *Democracia e participação escolar: propostas de atividades*. São Paulo: Moderna, 2000.

VALENTE, A. B. F. et al. *Formação de grêmios estudantis em escolas públicas municipais de Bauru*. Congresso de Extensão Universitária da Unesp, 2015. Disponível em: <<https://repositório.unesp.br/bitstream/>

handle/11449/142116/ISSN2176-9761-2015-01-07-valente-neto.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 jun. 2020.

VYGOTSKI, L. S. Obras escogidas. Madrid: Machado Libros, 1995. v. 3.

ZONTA, C. et al. Gestão democrática e instrumentos de representação: conselhos escolares e grêmios estudantis. (2016). *In*: MESQUITA, A. M.; FANTIN, F. C. B.; ASBHAR, F. da S. F. (Org.). Currículo comum para o ensino fundamental municipal de Bauru. Bauru: Prefeitura Municipal de Bauru, p. 263-279. Disponível em: <http://www.bauru.sp.gov.br/arquivos2/arquivos_site/sec_educacao/curriculo_ef2.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CAPÍTULO 6

Grêmios estudantil e construção da cidadania: a representação dos estudantes da EMEF Thereza Tarzia

*Andréia Fernandes Prado
Fabiana de Almeida Machado³⁴*

Introdução

Trabalhar com grêmios estudantis em escolas dos anos iniciais do ensino fundamental nos permite criar inúmeras possibilidades de ação, fomentando o desenvolvimento integral do educando, ampliando sua capacidade de aprendizagem, exercício de cidadania, responsabilidade, convívio social e domínio em relação aos direitos e deveres de cada cidadão. Por meio dos grêmios, crianças e adolescentes aprendem a discutir assuntos de interesse comum a toda comunidade escolar, analisando as possibilidades para definir questões pertinentes à rotina escolar, sem privilegiar preferências individuais, e sim o coletivo.

Respeitando tais pressupostos, a EMEF Thereza Tarzia – Irmã Rosamaria Tarzia incentiva entre seus alunos a participação na organização do grêmio

34 Professoras do Sistema Municipal de Educação de Bauru.

estudantil. Por meio de estímulos advindos de todo o grupo docente, do grupo gestor e tutoras do projeto na escola, os alunos são motivados a se organizar em chapas e realizar uma campanha eleitoral anual, a fim de expor, para toda a comunidade escolar, suas propostas de trabalho. A eleição é realizada entre todos os alunos da escola. São eleitas duas chapas, uma por período.

A experiência adquirida por essa unidade escolar com o trabalho do grêmio evidencia a importância da participação dos alunos nas deliberações no ambiente de ensino, proporcionando reflexões sobre o papel de cada um na escola, sobre seus direitos e deveres. Tais reflexões e discussões levam os alunos participantes do grêmio estudantil a aperfeiçoarem sua oralidade e pensamento crítico, analisando o que é necessário ser debatido, bem como o que é possível ser realizado. Para os demais alunos da escola, mesmo aqueles que não são integrantes do grêmio, os objetivos do projeto também são atingidos, uma vez que participam de todo o processo de entendimento e reflexão sobre o que é ser gremista e cumprem o papel de cobrar ações dos alunos eleitos.

Dessa forma, ações como a relatada têm a função de ensinar nossos alunos a refletirem sobre seu papel na escola, transformando-a em um ambiente democrático e prazeroso, proporcionando a todos uma educação crítica e de qualidade.

O grêmio estudantil na EMEF Thereza Tarzia

Participante há mais de cinco anos do projeto de extensão Formação de Grêmios Estudantis em Escolas Públicas Municipais de Bauru, fruto da parceria entre o Departamento de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) de Bauru e a Secretaria Municipal de Educação dessa mesma cidade, a EMEF Thereza Tarzia – Irmã Rosamaria Tarzia, escola municipal de ensino fundamental/anos iniciais, localizada na periferia de Bauru, procura a cada ano incentivar e envolver todo o corpo estudantil no processo de formação de seu grêmio.

O trabalho com grêmios estudantis nessa unidade de ensino está pautado no conceito de gestão democrática e participativa como função social, que permite oportunizar a toda a comunidade escolar a participação efetiva e “condições necessárias para a garantia do cumprimento da função primordial da escola” (BAURU, 2016, p. 266).

Para que a gestão democrática seja concretizada, faz-se necessário a criação e consolidação de canais de participação, bem como a estruturação de atividades que estimulem cotidianamente o envolvimento do(as) docentes, alunos(as), equipes de apoio, famílias e comunidade. (BAURU, 2016, p. 266)

Assim, as atividades do grêmio possibilitam o envolvimento dos alunos na construção de um ambiente escolar democrático, participando da elaboração de regras e da discussão acerca de seus direitos e deveres nesse ambiente, bem como da elaboração de atividades escolares coletivas, sempre mediados e acompanhados dos tutores do projeto.

O Grêmio representa uma das primeiras oportunidades de participação organizada para os(as) jovens e tem um grande potencial transformador. Entretanto, suas possibilidades necessitam ser estimuladas para que não se deixe contaminar por concepções conservadoras. [...] em boa parte das escolas que contam com Grêmios predomina um tipo de participação tutelada, ou seja, os(as) alunos(as) participam mas sob condições determinadas pela direção e pelos(as) adultos(as) em geral. (BAURU, 2016, p. 271)

Tal participação mediada tem o objetivo de desenvolver em nossos alunos o senso de coletividade, o pensamento crítico, a oralidade e o trabalho em equipe.

Destarte, vale ressaltar o percurso que as ações do grêmio seguem nessa unidade escolar, que atende os anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) e compreende a faixa etária de 6 a 10 anos (aproximadamente).

Inicialmente, para a eleição do grêmio estudantil da escola, faz-se necessário o trabalho de conscientização dos alunos acerca do que vem a ser um grêmio. Tal atividade é realizada pelas tutoras da unidade escolar, auxiliadas por todo corpo docente, mediante apresentação de vídeos sobre o assunto, discussões em sala de aula e assembleias escolares debatendo o tema.

Após repertoriar os alunos sobre o grêmio (algo que, com o passar do tempo, tornou-se praticamente desnecessário, visto que os alunos acompanham ano a ano essa atividade e aguardam ansiosamente a oportunidade de participar), é chegado o momento da formação das chapas que disputarão a eleição. Por decisão do corpo docente dessa unidade escolar, podem concorrer os estudantes dos quartos e quintos anos, privilegiando assim os alunos dos últimos anos da escola. Não há outras restrições e todos os candidatos são bem-vindos, desde que seja respeitado o número máximo de participantes por chapa, em nosso caso, oito.

Com as chapas formadas, inicia-se o momento da campanha. Os grupos realizam sua propaganda eleitoral de sala em sala, com a apresentação de suas propostas mediante discursos e cartazes. Observa-se que a campanha ocorre também fora das salas de aula, com os candidatos tentando conquistar os votos dos colegas durante os recreios.

A eleição se dá após algumas semanas de campanha. O grupo do grêmio do ano anterior se incumbem da tarefa de mesários da eleição, bem como da apuração dos votos

(sempre acompanhados dos tutores e extensionistas do projeto). Todos os alunos da escola votam, do primeiro ao quinto ano. O resultado é divulgado no mesmo dia da eleição pelos alunos gremistas anteriores, por meio da Rádio Grêmio (sistema de som disponível na escola, com alcance em todas as salas de aula, por meio do qual os alunos se comunicam de uma só vez com todos os colegas, em geral divulgando recados importantes).

São eleitos dois grupos de grêmio estudantil na EMEF Thereza Tarzia, um em cada período escolar (manhã e tarde). Sua atuação refere-se ao período em que estudam, porém esses alunos têm o entendimento de que juntos compõem um único grêmio estudantil, que representa a escola em sua totalidade e, assim, as reuniões de formação são realizadas em conjunto.

Durante o mandato do grupo gremista eleito, os alunos desenvolvem diversas campanhas na escola, muitas a partir de suas propostas como chapa, outras elaboradas a partir dos encontros de formação com os extensionistas do projeto. Algumas ações acabam sendo consolidadas como tradição do nosso grêmio, o que leva todos os grupos a se sentirem na “obrigação” de dar continuidade a elas, como é o caso da música durante o recreio e da ação Grêmio Solidário³⁵.

35 A Ação Grêmio Solidário tem por objetivo a arrecadação de itens para doação. No ano de 2019, por exemplo, foram arrecadados lacres de alumínio, doados para o projeto bauruense Anéis Solidários, que visa ajudar pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida em situação de vulnerabilidade social por meio da distribuição de cadeiras de rodas. Em

A comunicação entre o grupo gremista e os demais alunos da unidade escolar é uma dinâmica que ocorre cotidianamente. Como estratégia, o grêmio da EMEF Thereza Tarzia possui, no pátio da escola, um painel próprio, por meio do qual se dá a interação com a comunidade escolar, mediante a exposição de recados e avisos. Nesse painel também se encontra disponível, constantemente, uma caixa de sugestões, meio pelo qual os demais alunos podem se comunicar com os gremistas, sugerindo pautas, solicitando algo que desejam ou fazendo cobranças de algo que lhes foi prometido.

Assim, mediante o envolvimento de toda a comunidade escolar, desenvolvemos a participação democrática de nossos alunos, não somente dos gremistas, fortalecendo o senso crítico e o respeito pela coletividade.

Conclusão

A participação da EMEF Thereza Tarzia no projeto de extensão Formação de Grêmios Estudantis em Escolas Públicas Municipais de Bauru é motivo de muito orgulho para toda a comunidade escolar, uma vez que essa importante iniciativa contribui com o desenvolvimento cidadão de nossas crianças, potencializando

anos anteriores já foram realizadas arrecadações de brinquedos para serem utilizados pelos alunos dos primeiros anos, além de arrecadação de agasalhos destinados aos alunos mais carentes da própria unidade escolar.

nossa tarefa de gerar a criticidade em nossos alunos, bem como o sentimento de pertencimento à comunidade escolar, contribuindo para a construção de uma visão do aluno como cidadão participativo e transformador crítico do mundo.

Referências

BAURU. Secretaria Municipal de Educação. Currículo Comum Ensino Fundamental de Bauru/SP. Recurso eletrônico, 2016. 920 p. (Organização Afonso Mancuso de Mesquita, Fernanda Carneiro Bechara Fantin e Flávia Ferreira da Silva Asbahr). Disponível em: <http://www.bauru.sp.gov.br/arquivos2/arquivos_site/sec_educacao/curriculo_ef.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2018.

BULHÕES, L. F. et al. Formação de grêmios estudantis em escolas municipais: desafios e possibilidades. 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/34075>>. Acesso em: 6 ago. 2020.

MARTINS, F. A. S.; DAYRELL, J. T. Juventude e participação: o grêmio estudantil como espaço educativo. *Educação & Realidade*, v. 38, n. 4, p. 1267-1282, 2013.

MARTINS, F. A. S. A voz do estudante na educação pública: um estudo sobre participação de jovens por meio do grêmio estudantil. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

VALENTE NETO, A. B. et al. Formação de grêmios estudantis em escolas públicas municipais de Bauru. *In: Congresso de extensão universitária da Unesp. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2015. p. 1-7.*

CAPÍTULO 7

Grêmio estudantil: uma experiência de estágio em Psicologia Escolar

*Rebeca Isabelle Müller*³⁶

Introdução

O projeto de formação de grêmios nas escolas públicas municipais em Bauru, descrito em Bulhões et al. (2018), tem como objetivo e compromisso a efetivação da gestão escolar democrática, bem como a participação ativa e o protagonismo dos alunos. Apoiado no referencial teórico-filosófico e metodológico da psicologia histórico-cultural, também tem como finalidade a emancipação humana, que permite uma objetivação social e consciente do ser, tornando-o progressivamente mais livre e universal (MEIRA e TANAMACHI, 2003).

O presente relato de experiência visa compartilhar o desenvolvimento do projeto com os estudantes de ensino fundamental/anos finais da EMEF Ivan Engler de Almeida durante o ano letivo de 2019. A participação no projeto foi uma das ações desenvolvidas durante o

36 Psicóloga. Foi estudante de Psicologia da Unesp de Bauru e bolsista do projeto Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de Bauru em 2019 e 2020. E-mail: rebeca.i.muller@gmail.com

estágio em Psicologia Escolar realizado pela autora deste texto³⁷. O processo de trabalho com o grêmio da escola deu-se em quatro momentos distintos: 1) constituição das chapas e de suas respectivas propostas; 2) processo eleitoral; 3) mandato da chapa eleita; 4) balanço final da gestão por parte do grêmio.

O grêmio Nova Geração

No início das atividades práticas de intervenção do estágio, foi realizada uma análise institucional da escola, processo que envolve leitura de documentos próprios à instituição (tais como o projeto político-pedagógico e o planejamento anual) e observação da infraestrutura da instituição, o que abarca o exame de como são as relações pedagógicas e as interações sociais, bem como o exame do contexto em que a unidade escolar está inserida. Assim, quando começaram as intervenções do estágio, a tutora responsável pelo grêmio já havia formado três chapas e as auxiliado na construção de propostas, sendo esta a etapa que não ficou sob responsabilidade dos estagiários.

37 O projeto de formação do grêmio estudantil da EMEF Ivan Engler de Almeida no ano de 2019 foi realizado em dupla, com a autora e Matheus Marques Pereira, também estagiário em Psicologia Escolar, e supervisionado pela professora doutora Flávia da Silva Ferreira Asbahr (Unesp de Bauru). Maressa Curti de Lima, professora da escola, era a tutora do grêmio na escola.

O processo eleitoral foi realizado com cédulas de papel em que constavam os nomes das três chapas e a opção de votar nulo. Todos os estudantes da escola eram eleitores e, ao votar, assinavam uma lista de presença. A contagem foi feita após o encerramento da eleição, revelando a chapa Nova Geração como eleita. A chapa era composta por nove alunos, dos quais sete eram do gênero masculino e oito eram estudantes do 8º ano (sendo seis deles da mesma sala). Dentre as propostas que a chapa fez estavam: mutirão de limpeza, música no recreio, disponibilização de itens femininos (tais como absorvente e desodorante) no banheiro, pintura da escola, reforma dos banheiros e bebedouros, venda de bolos e salgados, torneio esportivo interclasse, abertura da biblioteca e da sala de informática aos alunos, show de talentos, campanha do agasalho e excursões a locais públicos.

No começo de maio de 2019, foi realizada a cerimônia de posse do grêmio e, na sequência, foram planejados encontros e atividades quinzenais de uma hora e quarenta minutos de duração entre gremistas, tutora e estagiários.

A princípio, foram planejadas atividades que tinham como propósito a formação de vínculo entre os estudantes e a constituição do processo grupal (MARTINS, 2003), tais como a dinâmica de grupo chamada “duas verdades, uma mentira”, em que cada participante fala três curiosidades sobre si, sendo uma delas necessariamente mentira. Os outros precisam adivinhar qual é a

mentira. O objetivo da dinâmica é possibilitar que os estudantes conheçam uns aos outros.

Após essas atividades de formação de vínculo, foram planejados encontros para tratar de temas como democracia representativa, trabalho em equipe, protagonismo estudantil, entre outros. Para tal, foram utilizadas dinâmicas de grupo, brincadeiras e discussões teóricas. Logo no começo dos encontros, foi entregue ao grêmio um caderno para que fossem feitas atas de todas as reuniões, a fim de registrar o andamento do projeto aos olhos dos estudantes e desenvolver sua escrita. Os gremistas revezaram-se na produção das atas durante todo o ano, sendo que alguns escreveram mais de uma ata.

Identificação de demandas

Com o vínculo entre estagiários e gremistas já estabelecido, foi possível observar e identificar demandas a serem trabalhadas durante o projeto, tais como a falta de comunicação entre os membros do grêmio, o autoritarismo de alguns dos estudantes e a reprodução de discursos discriminatórios.

Para atender às demandas e manejar as dificuldades, foram planejadas intervenções em formato de brincadeira, como é o caso do telefone sem fio, cujo objetivo foi explicitar a necessidade de uma boa comunicação entre os gremistas para proteger a integridade

de informações e ações. Realizou-se também uma discussão acerca do tema democracia e uma dinâmica em que um rótulo pejorativo³⁸ era fixado na testa de um gremista, e os demais colegas tinham que interagir com esse gremista até que ele acertasse o que estava escrito, com a finalidade de sensibilizar o grupo e problematizar a reprodução de discriminações.

Em relação às propostas feitas pelo grêmio Nova Geração, apesar de os estudantes não relatarem grandes dificuldades em executá-las, surgiram obstáculos no que tange às deliberações e planejamentos. Para que a biblioteca pudesse ser aberta, por exemplo, os gremistas precisaram, além de pedir autorização à direção da escola, traçar um plano de rodízio entre si para que cuidassem da retirada e entrega de livros. Com o propósito de auxiliar na organização das ações necessárias para o cumprimento das propostas, foi entregue aos membros do grêmio uma tabela com os campos “proposta/objetivo”, “ações”, “com quem contar”, “o que precisa ser feito e o responsável” e “materiais/custos”, que foi sendo preenchida ao longo dos encontros entre grêmio e estagiários. Dessa forma, cada participante pôde ter mais entendimento acerca da ação pela qual ficou encarregado, contribuindo para uma maior distribuição de responsabilidades entre o grupo,

38 Tal como “gay”, “gorda” e outras designações frequentemente usadas de forma discriminatória, além de insultos comumente direcionados a alunos que não correspondem às expectativas de disciplina ou rendimento escolares, como “bagunceiro”.

possibilitando que as propostas fossem realizadas de forma mais descomplicada.

Balanço final da gestão

Ao final do ano letivo, o grêmio conseguiu cumprir seis das onze propostas: música no recreio, disponibilização de itens de banheiro, venda de bolos e salgados, torneio esportivo interclasse, abertura da biblioteca e festa à fantasia.

Em meio à realização de uma assembleia escolar, que contou com todos os estudantes do período da manhã, o grêmio apresentou uma devolutiva a respeito das propostas que não conseguiu realizar, como, por exemplo, a reforma dos banheiros e bebedouros, que não ocorreu por indisponibilidade de verba.

Frutos do projeto

Como efeitos das discussões e atividades realizadas ao longo de treze encontros com o grêmio Nova Geração, pode-se identificar melhora da comunicação entre o grêmio, os estagiários e a tutora; maior envolvimento e responsabilidade com os interesses dos alunos da escola; falas que demonstram melhor compreensão sobre a democracia e seus desdobramentos; diminuição da reprodução de discursos discriminatórios; transparência entre grêmio e alunos.

Além disso, houve elogios feitos ao grêmio por parte da direção da escola, de alguns dos professores, da tutora e dos próprios estagiários no que diz respeito à organização, atuação, seriedade e responsabilidade na execução das propostas.

Conclusão

Para que o projeto avançasse e colhesse frutos de seu desenvolvimento, foi de extrema importância a participação e comprometimento de todos os envolvidos: gremistas, estagiários e tutora. Aos gremistas, couberam as reflexões e a proteção dos interesses dos alunos; aos estagiários, os planejamentos para auxiliar os gremistas a contribuir para uma escola melhor; à tutora, com grande disponibilidade e dedicação para acompanhar as discussões e encontros, a organização das burocracias para a realização das propostas e a demonstração de entusiasmo genuíno em fazer da escola um ambiente mais democrático e rico de experiências. Não há dúvidas de que a parceria entre esses três atores tenha contribuído para a prospecção do projeto.

Avalia-se que a participação no projeto, na condição de estagiária, traz contribuições importantes à formação em Psicologia, com destaque para a ampliação da visão da escola, compreendendo os grupos diversos que a compõem, como os alunos, funcionários, professores, coordenação e direção, e do modo como se dão

as relações sociais entre esses grupos, a depender da hierarquia e dos vínculos afetivos; a aprendizagem de construir planejamentos de atividades e discussões que de fato contribuam para o desenvolvimento do projeto; e a compreensão da escola como espaço de construção democrática, humana, de afeto, de competências como a empatia e o pensamento crítico.

Referências

BULHÕES, L. F. et al. Formação de grêmios estudantis em escolas municipais: desafios e possibilidades. *Revista Ciência em Extensão*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 97-113, abr./jun., 2018. Disponível em: <http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1701>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MARTINS, S. T. F. Processo grupal e a questão do poder em Martín-Baró. *Psicol. Soc.*, 2003, v. 15, n. 1, p. 201-217. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-71822003000100011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MEIRA, M. E. M.; TANAMACHI, E. R. A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em psicologia e educação. *In*: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. (Org.). *Psicologia escolar: práticas críticas*. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2003.

PARTE III

Pesquisas sobre o grêmio e participação estudantil

CAPÍTULO 8

O papel de um grêmio estudantil no desenvolvimento da participação das crianças integrantes

*Isadora De Martino Prata*³⁹

De acordo com a Lei do Grêmio Livre, nº 7.398 (BRASIL, 1985), os grêmios estudantis caracterizam-se como entidades autônomas que representam os interesses dos estudantes, com ênfase em diversas áreas, como a educacional, a cultural, a cívica, a desportiva e a social. Em um município do interior paulista, o projeto de extensão Formação de Grêmios Estudantis busca fomentar a constituição dessas entidades dentro das escolas a partir da eleição de alunos do ensino fundamental/anos iniciais organizados em chapas.

Cada escola participante conta com o auxílio de extensionistas alunos do curso de Psicologia e de uma tutora (que pode ser uma professora, um membro da coordenação de escolha ou uma servidora). Essa equipe auxilia no funcionamento do grêmio, marcando as reuniões, disponibilizando os recursos necessários e guiando as discussões durante as reuniões. O projeto

39 Foi extensionista do projeto e realizou a pesquisa de iniciação científica relatada neste capítulo, com bolsa da Fapesp (processo nº 2.019/17588-7) sob orientação da professora doutora Flávia da Silva Ferreira Asbahr. Atualmente é psicóloga. E-mail: isadoradmprata@gmail.com

é parceria do departamento de Psicologia da Unesp de Bauru com a Secretaria Municipal de Educação e conta com a participação de dezesseis escolas municipais de ensino fundamental/anos iniciais e anos finais do município⁴⁰.

A partir daí, são realizados encontros com os alunos periodicamente para desenvolver sua participação política e democrática por meio de discussões, brincadeiras, leitura compartilhada de livros etc. No decorrer do ano letivo, os alunos participantes do grêmio promovem atividades envolvendo a escola em suas diferentes esferas (estrutural, pedagógica, esportiva e de entretenimento) com o intuito de incentivar sua participação nas decisões da escola, buscando a melhoria do ambiente do ponto de vista deles.

Para Bulhões et al. (2018, p. 2), o projeto dos grêmios estudantis busca fomentar uma gestão escolar democrática, com a participação de alunos, professores, funcionários e pais nas diferentes decisões. A democracia tende a ser promovida no espaço dos coletivos infantis com atividades que exaltam a dimensão política da educação escolar de maneira que haja uma unidade entre o conteúdo e a forma de ensinar, visando o distanciamento do intelectualismo e verbalismo presente no ensino escolar, como ressalta Asbahr (2016). O ensino de conceitos como democracia, representatividade e

40 Em Bulhões et al. (2018) há uma descrição sobre o funcionamento do projeto.

participação é de grande importância; porém, para que a aprendizagem seja efetiva, é necessário que haja uma correlação do conceito com a prática, da forma com o conteúdo. O grêmio estudantil pode ser um espaço em que essa relação seja promovida, isto é, em que as crianças possam vivenciar o fazer democrático e não apenas expressá-lo verbalmente.

Fomentar atividades que incentivam a democracia participativa de crianças e adolescentes os ensina a serem agentes de participação importantes no contexto escolar e social. Além disso, a participação é essencial ao seu pleno desenvolvimento e é um direito garantido pelo Sistema Global de Proteção aos Direitos Humanos e discutido na Convenção Sobre os Direitos da Criança (Unicef, 2013). A Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) reconhecem a legitimidade da participação infantil, destacando os direitos das crianças de falarem e serem ouvidas, expressarem livremente suas opiniões sobre os assuntos que lhes afetam, terem acesso à liberdade de expressão, não serem discriminadas na participação e intervirem em sua realidade social.

A participação das crianças implica a construção de uma escola mais democrática, com estruturas participativas (BORDENAVE, 1994), sendo uma delas o grêmio estudantil. O guia *A participação de crianças e adolescentes e os Planos de Educação* (2013) define participação em três dimensões: fazer parte (de uma família, de um time, de uma equipe etc.); ter uma parte (de algo

que precise ser dividido) e tomar parte (das escolhas, decisões, discussões nos diferentes contextos sociais).

É importante atentar-se à articulação das dimensões “fazer parte” e “tomar parte”, pois, segundo Bordenave (1994), a participação precisa ser estudada a fundo: é possível fazer parte de um grupo, tendo clareza de seus objetivos e dos motivos para compô-lo, sem tomar parte de suas decisões. A participação torna-se ativa quando o indivíduo se envolve em seus processos decisórios. Para a autora, é essencial verificar *como* o tomar parte se dá e não simplesmente se ele acontece ou não. A seguir, será explicada cada uma dessas duas dimensões.

Evidentemente, todas as crianças inicialmente já fazem parte do grêmio estudantil, o que é classificado por Bordenave (1994) de *participação provocada*, ou seja, a participação voluntária em um grupo que é organizado por agentes externos (no caso, a Secretaria de Educação e os integrantes do Projeto Formação de Grêmios Estudantis). Porém, como retrata Davanzo (2017), muitas crianças inicialmente participam do grêmio estudantil por motivos não necessariamente relacionados com os objetivos finais do grupo, como serem mais importantes na escola ou competirem com os amigos. Por isso, faz-se necessário investigar quais são as concepções das crianças no que concerne à participação no grêmio: o que elas acreditam que o grêmio seja, o que faz e por quais motivos elas escolheram participar.

Para a psicologia histórico-cultural, os motivos

são impulsionadores da atividade que articulam uma necessidade humana a um objeto (LEONTIEV, 1983). Os motivos podem ser de dois tipos: “motivos apenas compreendidos”, ou seja, aqueles que estão alheios ao resultado prático da realização de uma atividade, tais como os encontrados por Davanzo (2017); ou “motivos que agem realmente”, dotados de um sentido pessoal que se articula ao fim de uma atividade (LEONTIEV, 1978).

Motivos que agem realmente foram encontrados por Davanzo (2017) no relato de três crianças no final do mandato de um grêmio estudantil. Inicialmente, elas relataram os motivos supracitados: entraram no grêmio para competir com as amigas e serem importantes na escola. Ao final de seu mandato citaram, por exemplo, a importância de representar os alunos. Além disso, na primeira entrevista relataram que iam à escola porque eram obrigadas, para fugir de tarefas domésticas e terem um futuro melhor, já no fim do ano ressaltaram que gostavam de encontrar os amigos e aprender. Desse modo, tem-se como hipótese que as crianças, ao longo de sua participação no grêmio, passam a relatar “motivos que agem realmente”, o que deve influenciar no “fazer parte” dos integrantes no grupo.

No que se refere ao “tomar parte”, tem-se a necessidade de verificar como as crianças passam, a partir da integração no grêmio, a se envolver no contexto social em que estão inseridas, o ambiente escolar, por meio da oralidade (defesa de ideias e opiniões). O pressuposto é de que as crianças passam a se enxergar como agentes

de transformação naquele espaço, envolvendo-se mais ativamente com a realidade escolar, da comunidade e da sociedade (VALENTE et al., 2015). De acordo com Pistrak (2000), a vivência coletiva e, conseqüentemente, a participação devem ser ensinadas para as crianças, uma vez que esse comportamento não é inato. O autor ressalta que o contexto escolar, da maneira com que está organizado, insere as crianças em uma ótica individualizante do processo de aprendizado e as habitua a ela. As atividades comuns em que o professor ou responsável são os únicos a controlar e dirigir os alunos com autoridade não criam possibilidades de as crianças manterem a ordem e organização por conta própria.

Ainda segundo Pistrak (2000), é necessário desenvolver interesses coletivos entre os estudantes, processo que tende a ocorrer nos grêmios estudantis. No caso relatado neste texto, as extensionistas e tutoras discutem problemas de necessidade coletiva no ambiente escolar, incentivando os estudantes a, coletivamente, planejarem estratégias de ação que envolvam todos os outros alunos. Portanto, o grêmio pode impulsionar as crianças a tomarem parte das práticas de seu contexto social, desenvolvendo sua autonomia e coletividade.

Diversas pesquisas sobre grêmio, tanto de revisão bibliográfica como as realizadas com alunos de ensino fundamental e ensino médio (CARVALHO, 2012; DALBERIO, 2007; MOURA, 2013), ressaltam a importância da presença dessas entidades na promoção de uma gestão democrática e mais participativa

nas escolas. Martins e Dayrel (2013), em investigação sobre um grêmio estudantil de ensino médio de uma escola pública, verificaram que, além de aprendizagem da vivência coletiva, é um importante espaço de socialização para os jovens.

A participação em grêmios estudantis no ensino fundamental/anos iniciais articula-se com o processo de desenvolvimento infantil, uma vez que, de acordo com Leontiev, o desenvolvimento é dependente das relações concretas estabelecidas pelo indivíduo, ou seja, em sua atividade orientada com um objetivo intencionalmente colocado (LEONTIEV, 2001 apud PASQUALINI, 2006). O grêmio também pode ser um espaço de educação e de promoção desse desenvolvimento por ser um espaço coletivo com uma atividade e um objetivo estabelecidos e orientados. Por isso, não compreende apenas uma reunião com um conjunto de crianças, mas sim um grupo engajado no contexto escolar.

É importante ressaltar que o grêmio estudantil pode se articular à atividade guia do desenvolvimento psíquico das crianças. No caso da escola onde a pesquisa foi realizada, os alunos participantes têm de 8 a 11 anos, faixa etária cuja atividade guia é a atividade de estudo (ASBAHR, 2016), que tem como objeto a apropriação do conhecimento teórico (DAVIDOV, 2008) e que, ao ser explorada, proporciona um salto qualitativo no desenvolvimento infantil, mudando e complexificando a relação da criança com a realidade (PASQUALINI e EIDT, 2016). Nessa fase, a criança, com a mediação de

um adulto, pode se apropriar dos conteúdos sociais (como as ciências, arte e filosofia) e adquirir habilidades para agir nas esferas em que há a prática social de forma mais consciente. No desenvolvimento da atividade de estudo, é importante que a criança aprenda a participar ativamente dos espaços sociais em que se insere, sendo um deles a escola. O grêmio estudantil pode ser um espaço de aprendizado da participação.

Na atuação com os grêmios nas escolas, faz-se necessário considerá-las como ambiente que muitas vezes limita a inserção de uma política mais democrática que envolva a criança e a comunidade escolar. Isso porque, na sociedade capitalista, a escola constitui-se como um aparelho ideológico que tende a reproduzir condições de produção e exploração (ALTHUSSER, 1998). Ações de resistência que fomentam uma lógica de participação política, como o grêmio, são necessárias e possíveis no ambiente escolar considerando o contexto de desigualdade dessa sociedade, mas muitas vezes encontram barreiras para sua implementação ideal. Alguns exemplos desses entraves são a escolha parcial, definida por professores ou diretores, de alunos considerados “aptos” a participar (aqueles com melhores notas e que seguem normas de comportamento); proibições à implementação de assembleias estudantis e outras atividades promovidas pelo grêmio, inclusive as que são sugeridas por outros estudantes da escola, com a justificativa de que são inadequadas; utilização do grêmio como uma entidade que deve vigiar e punir

práticas consideradas inadequadas de outras crianças da escola, entre outros. Na realização desta pesquisa, buscou-se superar tais limitações por meio da parceria com os trabalhadores da escola.

Por último, destaca-se que esse projeto de pesquisa faz parte de uma iniciativa maior, com ênfase em outros dois pontos, ambos também apresentados neste livro: a visão das professoras sobre o desenvolvimento das crianças integrantes do grêmio⁴¹ e as atividades realizadas nas reuniões do grêmio que auxiliam no desenvolvimento escolar⁴².

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a participação das crianças integrantes de um grêmio estudantil sob dois aspectos: o de “fazer parte” desse grupo e o de “tomar parte” de suas atividades e das atividades da escola como um todo, incluindo a sala de aula. Como objetivos específicos, buscou-se: comparar o desenvolvimento da participação das crianças em sala de aula no início e no fim do ano por meio de entrevistas com professoras; comparar os motivos da

41 SCHULTZ, C. A avaliação de professores sobre o desenvolvimento psíquico do aluno participante do grêmio estudantil.

42 BRAGA, G. P. A organização das atividades de formação dos grêmios estudantis em prol do desenvolvimento infantil.

participação no grêmio no começo e no fim do ano por meio de entrevistas com as crianças; analisar o discurso das crianças sobre seu desenvolvimento durante o ano; comparar os motivos atribuídos à existência grêmio no começo e no fim do ano.

Materiais e métodos

O trabalho é uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, desenvolvida com as treze crianças de 8 a 11 anos que compuseram o grêmio estudantil de uma escola municipal de ensino fundamental do interior paulista e suas respectivas professoras. Dentre as treze, três estão no terceiro ano, sete no quarto ano e três no quinto ano do ensino fundamental/anos iniciais, distribuídas nos períodos matutino e vespertino.

Para a eleição dos gremistas, foi realizado o seguinte processo: inicialmente, foram eleitas duas crianças de cada turma, tanto do período matutino quanto do vespertino, interessadas em participar. Posteriormente, foi feita uma votação geral para eleger as crianças dentre as eleitas de cada sala, com a participação de todos os alunos da escola (cerca de seiscentos). As crianças eleitas eram de diferentes salas e turnos, sendo que, assim, poucas se conheciam antes da formação do grupo.

Depois da eleição, para a realização da pesquisa, inicialmente, foram realizadas entrevistas com cada criança do grêmio. Essas entrevistas foram gravadas em áudio

e transcritas, tendo como objetivo investigar os conceitos que as crianças tinham sobre o grêmio no primeiro momento de participação na atividade e os motivos de terem entrado no grêmio. Para isso, foram feitas perguntas como: o que é o grêmio? Por que você entrou no grêmio? O que espera fazer no grupo durante o ano?

Também no momento inicial foram entregues questionários às professoras dos alunos participantes do grêmio, com o objetivo de entender o comportamento dos estudantes na sala de aula. Mais detalhadamente, foi investigada a participação de cada criança nas aulas e a oralidade compatível com a idade.

No estágio de finalização do mandato do grêmio, foram realizadas novas entrevistas individuais com as treze crianças integrantes do projeto. Foram repetidas as perguntas sobre o conceito das crianças a respeito do grêmio (o que é, o que faz durante o ano) e sobre o porquê de terem se candidatado. Foi adicionada uma pergunta referente ao que a criança considera mais ter aprendido com a participação na atividade, buscando verificar sua compreensão sobre seu próprio desenvolvimento. Também nessa ocasião, foram realizadas entrevistas com as professoras. As questões sobre os temas participação em sala de aula, realização de atividades e oralidade das crianças foram repetidas, tendo em vista a comparação com as respostas obtidas no questionário anteriormente respondido. Além disso, foi perguntada a opinião delas a respeito do papel da participação no grêmio no desenvolvimento de cada

gremista. Optou-se, nesse segundo momento, por realizar entrevistas, em vez de usar questionários, para obter dados mais detalhados a respeito do desenvolvimento da participação do estudante em sala de aula.

Um termo de consentimento livre e esclarecido foi enviado aos pais e um termo de assentimento livre e esclarecido foi entregue aos estudantes. As professoras também assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. O projeto foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade⁴³.

Para o tratamento dos dados, foi realizada a leitura das informações de pesquisa. Os dados foram agrupados e analisados tendo em vista duas dimensões da participação: “fazer parte” do grupo gremista e “tomar parte” de suas atividades. No primeiro eixo foram realizadas comparação e discussão dos dois momentos das entrevistas com os alunos do grêmio (início do ano letivo e fim do ano letivo). No segundo foram estudados os questionários entregues para as professoras dos alunos do grêmio estudantil no início do ano e as entrevistas semiestruturadas no fim do ano letivo.

Resultados e discussão

A seguir, são descritos e analisados os dados obtidos na atuação com o grêmio estudantil. Os dados

43 Protocolo de aprovação CAAE: 15932119.2.0000.5398

foram separados em dois eixos de análise. O primeiro, denominado “Fazer parte do grêmio estudantil”, busca analisar as concepções das crianças, prévias e posteriores à participação no grupo, que influenciam sua concepção sobre a atuação na atividade, bem como seus motivos para a participação. Já no segundo eixo, denominado “Tomar parte do grêmio estudantil”, o foco é o desenvolvimento da oralidade das crianças e sua participação em sala de aula de acordo com suas professoras e a concepção das próprias crianças a respeito de sua participação e desenvolvimento a partir da atividade.

“Fazer parte” do grêmio estudantil

Nos quadros que se seguem, são apresentadas e discutidas as respostas das crianças nas entrevistas realizadas no começo e no fim do ano letivo. No Quadro 1, encontram-se sistematizadas as respostas obtidas, nesses dois momentos, para a pergunta sobre os motivos da participação das crianças no grêmio estudantil.

O dado que mais chama atenção é o aumento da frequência da resposta “Quero ajudar os outros ou a escola”, de quatro alunos, no começo do ano, para sete, no fim do ano. Entrando no contexto escolar, em que as ações do grêmio nos campos de entretenimento, esportivo, pedagógico e estrutural muitas vezes são vistas como estratégias de “ajuda” à coordenação

da escola, esse motivo pode ser compreendido como “motivo que age realmente” (LEONTIEV, 1978). Isso porque se articula com o fim da atividade gremista e carrega sentido pessoal, além de serem os motivos os impulsionadores da atividade (ASBAHR, 2005). Leontiev (1988) explicita que, quando os motivos da atividade estão diretamente relacionados ao seu fim, cria-se escopo para o surgimento de novas atividades e novas relações com a realidade. Por isso, o aparecimento de “motivos que agem realmente” no fim do ano são importantes indícios de uma nova relação da criança com o grupo e com a atividade. Além disso, essa complexificação e consequente possibilidade de novas relações com a realidade também se articulam com um dos princípios da participação descritos por Bordenave (1994), a estimulação ao desenvolvimento de uma consciência crítica, que será investigada no segundo momento de análise.

Apesar desse aumento na frequência de respostas do tipo “motivo que age realmente”, houve um pequeno aumento na frequência de respostas que podem ser consideradas como sendo do tipo “motivo apenas compreendido”: “É legal ou interessante” aumentou de duas respostas para três no fim do ano letivo. Leontiev (1988) define que, quando o motivo não se relaciona com o fim da atividade, esta passa a ser uma ação que a pessoa realiza por influências ou consequências externas. As crianças que disseram que participam porque acham que é legal e interessante não deram

maiores explicações, mesmo quando perguntadas sobre o porquê dessa caracterização. Essa inibição pode ter ocorrido porque a entrevista foi uma situação nova para elas, por terem se sentido avaliadas ou porque realmente não tinham uma articulação com os fins da atividade gremista.

Quadro 1: Comparação das respostas das crianças à pergunta “Por que você entrou no grêmio?”, feita no começo e no fim do ano letivo

Por que você entrou no grêmio?	Número de respostas no começo do ano	Número de respostas no fim do ano
Quero ajudar os estudantes ou a escola.	4	7
Quero aprender.	1	0
Gostei da experiência do ano anterior.	2	2
É legal ou interessante.	2	3
A psicóloga recomendou.	1	0
Não quero que as crianças reclamem mais.	1	0
Não soube responder.	2	1

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Sendo assim, a complexificação de motivos para participar da atividade gremista observada por Davanzo (2017) no relato de alunos de um grêmio estudantil de ensino fundamental/anos finais foi parcialmente encontrada também nos dados apresentados. Isso porque houve crianças que relataram motivos relacionados ao fim da atividade em concomitância com aquelas que relataram motivos alheios ao seu resultado prático. Além disso, uma criança não soube dizer o porquê de sua entrada no grêmio. A quantidade de crianças que relataram “motivos que agem realmente” no fim do ano (7), contudo, foi maior que das que relataram motivos apenas compreendidos ou que não souberam dizer o motivo de sua entrada (4).

Também foi perguntado às crianças o que elas entendiam ser o grêmio estudantil. As respostas encontram-se sistematizadas no Quadro 2.

A partir do Quadro 2, observa-se que, no início do ano letivo, a maioria das crianças (cinco) definiu o grêmio estudantil como “coisa/plataforma para ajudar a escola e/ou a diretora”. No fim do ano, apenas uma criança respondeu dessa maneira. Também entre as respostas do fim do ano, pode-se notar que a maioria dos estudantes (seis) definiu o grêmio estudantil pela função de ajudar os alunos, a diretora ou a escola, sendo que, no começo do ano letivo, quatro crianças haviam dado essa mesma definição.

Quadro 2: Comparação do número de respostas das treze crianças à pergunta “O que é o grêmio?”, feita no começo e no fim do ano letivo

O que é o grêmio?	Número de respostas no começo do ano	Número de respostas no fim do ano
Coisa/plataforma para ajudar a escola e/ou a diretora.	5	1
Uma coisa legal.	1	0
Definiu por função: ajudar alunos e/ou diretora e/ou escola.	4	6
Lugar para aprender a conviver melhor.	1	0
Muitos alunos ajudando a diretora.	1	2
Muitos/conjunto de alunos buscando melhorar a escola.	0	4
Não soube responder.	1	0

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Essas respostas permitem observar que muitas crianças não se apropriaram do conceito por sua definição, apenas pela função. As particularidades concretas do conceito, isto é, sua função, foram facilmente faladas pelas crianças que conseguiram relacionar as características dos fenômenos vivenciados durante o ano ao conceito “grêmio”. Porém não conseguiram abstrair essas características para chegar a uma síntese que

definiria a universalidade do conceito (SFORNI, 2004). Em Braga (2020), capítulo 9 deste livro, foi analisada mais profundamente a apropriação de conceitos das crianças do grêmio estudantil a partir das atividades realizadas nas reuniões.

Mesmo tendo em vista a dificuldade das crianças em definir o que seria o grêmio estudantil, pode-se observar que a resposta que melhor o define, “muitos/ conjunto de alunos buscando ajudar a escola”, não havia aparecido no primeiro momento e, no fim, apareceu na resposta de quatro crianças. Além disso, enquanto um aluno não soube responder inicialmente, todos eles deram uma resposta após a realização das atividades. Esses dados mostram um maior esclarecimento a respeito da atividade gremista e, conseqüentemente, uma relação mais bem estabelecida com o grupo.

No Quadro 3, pode-se observar a comparação da frequência das respostas das crianças quando perguntadas a respeito do que elas achavam que o grêmio estudantil faz durante o ano.

Os dados do Quadro 3 mostram que as crianças inicialmente não sabiam que atividades são desenvolvidas pelo grêmio, o que indica que sua participação inicial não estava esclarecida. No início do ano letivo, a resposta que envolve o relato de atividades específicas do grêmio tinha aparecido apenas três vezes. Além disso, quatro crianças não souberam responder à pergunta no início das atividades.

Quadro 3: Comparação das respostas das crianças à pergunta “O que o grêmio faz durante o ano?”, feita no começo e no fim do ano letivo

O que o grêmio faz durante o ano?	Número de respostas no começo do ano	Número de respostas no fim do ano
Faz as propostas e ideias darem certo.	2	0
Faz propostas para melhorar a escola.	3	1
Citou duas ou mais atividades específicas: campanhas, brincadeiras, reuniões ou assembleias.	3	9
Ajuda a arrumar a escola.	1	1
Não soube responder.	4	2

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Esse cenário faz sentido quando articulado com os motivos inicialmente relatados pelas crianças na análise do Quadro 1, pois houve relato de “motivos apenas compreendidos” no início do ano letivo, que não se articulam com os reais objetivos da atividade. O desconhecimento sobre o que o grêmio faz e os motivos da participação estão ativamente relacionados, pois, se as crianças não sabem o que faz o grupo durante o ano, seus motivos para participar não estarão relacionados aos seus fins.

O que pode ter tido influência no desconhecimento das atividades desenvolvidas pelo grêmio pela maioria das crianças é o que Bordenave (1994) chama de *realimentação*, uma força atuante encontrada com frequência nos grupos. Ela envolve a tendência do grupo em reconhecer as consequências e fins mais imediatos da participação em detrimento dos resultados coletivos vindos da atividade (no caso, a melhoria do ambiente escolar do ponto de vista das crianças). Esses fins coletivos e de longo prazo, sendo assim, tendem a ser deixados de lado no momento inicial, tendo em vista outros objetivos vindos da participação no grêmio (ser mais influente, participar de reuniões durante as aulas, a influência das professoras etc.). Logo, as crianças poderiam não estar necessariamente interessadas na real atividade desenvolvida no grêmio, pois o foco inicial estava nos ganhos individuais da participação.

Já as respostas das crianças no fim do ano letivo demonstram que o trabalho grupal pode ter esclarecido quais são os objetivos vindos da atividade coletiva gremista. Isso porque observa-se que houve grande concentração de crianças (nove) que em suas respostas apontaram duas ou mais atividades específicas realizadas durante o ano, como campanhas, brincadeiras, reuniões ou assembleias. Também houve uma diminuição de quatro para duas crianças que não souberam responder à pergunta. Esse novo momento traz à tona uma nova vinculação com a participação, mais relacionada aos objetivos coletivos. Isso se demonstra

no aparecimento de motivos vinculados ao fim das atividades do grêmio citados no Quadro 1.

“Tomar parte” do grêmio estudantil

Nesta seção, são descritos e discutidos os dados referentes ao possível desenvolvimento da participação das crianças integrantes do grêmio estudantil. Inicialmente, no Quadro 4, encontram-se as respostas das crianças quando perguntadas sobre quais eram suas principais mudanças a partir da participação no grêmio, podendo a mesma criança ter relatado mais de um aspecto.

Nota-se que houve respostas que envolvem o aprendizado da participação em sala de aula e no contexto escolar, tais como “Passou a cuidar e gostar mais da escola”, com duas respostas; “Participar (dar opiniões, conversar, votar)”, “Falar em público” e “Conversar com todos para tomar decisões”, com uma resposta cada. Esses relatos demonstram uma possível mudança da criança em relação ao ambiente escolar, já indicada por Valente (2015).

Os estudantes gremistas podem tornar-se mais participativos por passarem a se enxergar como agentes de transformação do espaço escolar, abrindo espaço para a criação de necessidades consideradas superiores, culturalmente determinadas e orientadas no decorrer do estabelecimento da relação do ser humano com o

meio social (LEONTIEV, 1978). Como a atividade do sujeito está sempre associada com uma necessidade (DAVIDOV, 1986), os integrantes do grêmio estudantil podem ter desenvolvido novas necessidades coletivas para orientar sua atividade em sala de aula, passando, como relatado, a falar em público, conversar com todos para tomar decisões, cuidar da escola, dar opiniões.

Além disso, as respostas dos estudantes gremistas também trazem à tona a questão da vivência democrática dos estudantes, como nas respostas “Ter mais respeito pelas outras crianças”, que apareceu três vezes; “Estar mais aberta às opiniões dos outros” e “Trabalhar em equipe”, cada uma com frequência de duas respostas. A participação democrática é ensinada no grêmio tentando respeitar os diferentes pontos de vista dos indivíduos nas reuniões e dando espaço para que todos falem. Bordenave (1994) coloca as diferenças individuais dos membros do grupo como um elemento que pode ser enriquecedor, uma vez que explicita a necessidade de diálogo. Além disso, o aprendizado da participação entre as crianças implica que elas possam ser ouvidas e expressar suas opiniões, pensamentos e ideias (AGOSTINHO, 2009). Moss (2008) ainda ressalta que a participação pode ensinar esses princípios democráticos.

O Quadro 5 apresenta as respostas das professoras quando perguntadas, no fim do ano letivo, se elas achavam que o grêmio estudantil tinha atuado no desenvolvimento e como (em caso de resposta positiva) ou por que não (em caso de resposta negativa).

Quadro 4: Sistematização das respostas das crianças à pergunta “O que você mais aprendeu no grêmio e no que mais mudou?”, feita no fim do ano

O que você mais aprendeu no grêmio e no que mais mudou?	Número de respostas no fim do ano
Ter mais responsabilidade.	1
Ter mais respeito pelas outras crianças.	3
Letra ficou melhor.	1
Participar (dar opiniões, conversar, votar).	1
Falar em público.	1
Trabalhar em equipe.	1
Estar aberta às opiniões dos outros.	2
Fez mais amizades.	2
Ter mais calma.	1
Conversar com todos para tomar decisões.	1
Passou a cuidar e gostar mais da escola.	2
Não soube responder.	3

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Já o Quadro 6 mostra a comparação das respostas das professoras, no início e no fim do ano letivo, sobre a oralidade e participação dos estudantes integrantes do grêmio estudantil nas aulas.

**Quadro 5: Respostas das professoras à pergunta
“O Grêmio atuou no desenvolvimento? Como/
Por que não?”**

O grêmio atuou no desenvolvimento?	Número de respostas	Como?/Por que não?	Número de respostas
Sim	10	Maior participação em sala de aula (oralidade).	6
		Ouve mais o outro.	2
		Tornou-se mais consciente.	3
		Maior senso de coletividade.	1
		Ficou mais responsável.	1
		Qualquer atividade traz desenvolvimento.	2
Não	1	Continuou a não conseguir realizar as atividades.	1
Não responderam	2	-	-

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Nota-se que, tanto no Quadro 5 quanto no 6, evidencia-se que as professoras relataram o desenvolvimento da participação de seus alunos gremistas.

Dentre as explicações das professoras a respeito da participação nas atividades gremista como potencializadoras do desenvolvimento, no Quadro 5 apareceram muitos aspectos da vivência democrática na participação em sala de aula já discutidos: ouvir mais o outro, maior senso de coletividade, oralidade em sala de aula. Além disso, no Quadro 6 nota-se que, nos aspectos “oralidade compatível” e “participação nas aulas”, houve um aumento na frequência das respostas das professoras.

Quadro 6: Respostas das professoras a respeito do comportamento das crianças em sala de aula

Categorias	Frequência	Número de respostas no início do ano	Número de respostas no fim do ano
Oralidade compatível	Sempre	8	12
	Às vezes	5	1
	Nunca	0	0
Participação nas aulas	Sempre	8	11
	Às vezes	5	2
	Nunca	0	0

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Tendo em vista os dados trazidos pelas professoras, há indícios de que os alunos se tornaram mais participativos em sala de aula. De acordo com Dalberio

(2007), a estimulação da participação dos estudantes pode favorecer uma complementação do aprendizado muitas vezes descontextualizado do ensino escolar, o que estimularia os estudantes a reivindicar direitos, cumprirem seus deveres e participarem das decisões que os afeta no ambiente escolar. Dessa forma, os grupos formados por estudantes no contexto escolar poderiam ajudar na promoção de uma gestão mais democrática, que envolve a participação dos estudantes.

Faz-se necessário articular a atuação do grêmio estudantil como atividade de promoção da escuta democrática e participação infantil com as atividades realizadas pelas professoras em sala de aula. Apesar de o ensino escolar estar organizado de modo a não incentivar a participação das crianças (PISTRAK, 2000), as professoras muitas vezes se mostraram como sujeitos de uma prática intencionada, um fazer pedagógico com o objetivo de apropriação teórica pelas crianças (DALBERIO, 2007). Considerando a atividade guia do desenvolvimento das crianças do grêmio, a atividade de estudo, tendo em vista a apropriação do conhecimento teórico, as professoras ajudam as crianças a apropriarem-se dos conhecimentos culturalmente estabelecidos, auxiliando-as para que participem de contextos sociais. Sendo assim, não se desconsidera a atuação das professoras no desenvolvimento da participação que elas observaram em seus alunos, mas se leva em conta a contribuição das atividades promotoras do fazer democrático produzidas também fora da sala de aula, no grêmio.

Desse modo, pode-se perceber que o discurso das professoras no questionário e na entrevista está em consonância com o relato das crianças a respeito de seu próprio desenvolvimento. Em Schultz (2020), no capítulo 10 deste livro, o discurso das professoras é mais profundamente analisado, atentando para as ideias que elas têm a respeito do grêmio na escola.

Considerações finais

Os dados expostos e analisados apontam que há indícios de que as crianças passaram a ser mais participativas após a atuação no grêmio. Esse resultado é importante para a estimulação da construção de mais espaços nos quais há possibilidade de as crianças se implicarem no processo de aprendizagem: ouvindo, sendo ouvidas e atuando na esfera social, direitos que estão garantidos por documentos nacionais e internacionais, conforme mostramos em nossa introdução. Considerando que o ensino escolar clássico está orientado de modo a não estimular a implicação das crianças, essa importância torna-se ainda mais evidente.

Diversas vezes, exige-se dos indivíduos uma participação ampla sem antes ela ter sido ensinada nos espaços primários de socialização, tais como a escola. Esse cenário parece pressupor que a participação democrática é um aprendizado humano inato, concepção que é fortemente contraposta pelo referencial teórico da

pesquisa, a psicologia histórico-cultural. Nessa perspectiva, a mediação intencional do adulto é essencial ao desenvolvimento infantil. Com o foco em tal ideia, o planejamento das intervenções com o grêmio estudantil buscou fomentar nas crianças uma relação ativa com o grupo e com o ambiente escolar, de modo que elas pudessem aprender a ser agentes de transformação a partir do aprendizado da participação.

Ainda que existam estudos indicando a importância da participação infantil e da gestão escolar democrática, os resultados trazidos evidenciam que há muitos campos de investigação a serem explorados a respeito da participação da criança na escola, de modo que seriam necessárias mais investigações para aprofundar perguntas como: que outras práticas dentro do ambiente escolar são possíveis para estimular uma gestão democrática? Como o aprendizado da participação impacta outros espaços de convívio social da criança, como sua casa e outras vivências? Quais são as mudanças psíquicas dos estudantes que participam de experiências educacionais como o grêmio, em relação à constituição das funções psicológicas superiores?

Também é necessário pontuar que a atuação do grêmio estudantil na escola municipal na qual o trabalho foi desenvolvido contou com a ajuda e apoio da direção da escola: diretora, coordenadoras, professoras, funcionários reconheceram a importância desse espaço e estiveram abertos a escutar as crianças e apoiar as práticas gremistas sempre que possível. Ainda que a

escola seja muitas vezes lugar de reprodução de desigualdades e estigmas, encontramos nesse lugar um ambiente acolhedor às práticas que visam ao desenvolvimento infantil e uma gestão democrática, o que tornou a realização da pesquisa muito mais leve e produtiva.

Referências

AGOSTINHO, K. A. Pensar a participação infantil nos contextos de educação infantil. Zero-a-seis: Florianópolis: 2009.

A PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E OS PLANOS DE EDUCAÇÃO. São Paulo: Ação Educativa, 2013. (Coleção De Olho nos Planos). Disponível em: <https://www.deolhonosplanos.org.br/wpcontent/uploads/2013/04/Participacao_Criancas_Adolescentes.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2020.

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Lisboa: Biblioteca Universal Presença, 1998.

ASBAHR, F. da S. F. Atividade de estudo como guia do desenvolvimento da criança em idade escolar: contribuições ao currículo de ensino fundamental. *In: Currículo Comum do Ensino Fundamental*. Secretaria de Educação de Bauru: Bauru, 2016.

BORDENAVE, J. E. D. O que é participação. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Lei nº 7.398, de 4 de janeiro de 1985. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 4 jan. 1985. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7398.htm>. Acesso em: 27 jun. 2020.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BULHÕES, L. F. et al.; Formação de grêmios estudantis em escolas municipais: desafios e possibilidades. Revista Ciência e Extensão, v. 14, n. 2, p. 97-113, 2018.

CARVALHO, R. C. Student participation in Brazil – The case of the grêmio estudantil. Londres: Management in Education, 2012.

DALBERIO, M. C. B. Gestão democrática e participação na escola pública popular. *In: Escola Pública, Currículo e Educação Emancipadora: o projeto político-pedagógico como mediação.* Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

DAVANZO, D. S. Participação em grêmio estudantil e formação de motivos para o estudo. Relatório (Iniciação Científica) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2017.

DAVIDOV, V. Problemas del desarrollo psiquico de los niños. *In: La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico: investigación psicológica, teórica y experimental.* Moscou: Editorial Progreso, 1988. p. 40-69.

DAVIDOV, V. Problemas do ensino desenvolvimental – a experiência da pesquisa teórica e experimental na psicologia. Textos publicados na Revista Soviet Education, August/VOL XXX, nº 8, sob o título “Problems of Developmental Teaching. The Experience of Theoretical and Experimental Psychological Research – Excerpts”, de V.V. Davydov.

EDUCAÇÃO SOVIÉTICA. Tradução de José Carlos Libâneo e Raquel A. M. da Madeira Freitas (1986).

DUARTE, N. Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski. Campinas: Autores Associados, 1999.

LEONTIEV, A. Sobre o desenvolvimento histórico da consciência. *In: O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LEONTIEV, A. Atividade Consciência Personalidade. Bauru: Editora Mireveja, 2021.

LEONTIEV, L. S. Uma Contribuição à Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil. *In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 5. ed. Cone: São Paulo, 1988. p. 103-117.

MARTINS, F. A. S.; DAYRELL, J. T. Juventude e participação: o grêmio estudantil como espaço educativo. *Porto Alegre: Educação & Realidade*, v. 38, n. 4, p. 1267-1282, 2013.

MOURA, C. Grêmio estudantil e o cotidiano da escola: o jogo político escolar em um estudo de caso. *Revista Periferia*, v. 5, n. 2, Rio de Janeiro, 2013.

MOSS, P. Introduzindo a política na creche: a educação infantil como prática democrática. *In: Psicologia USP, São Paulo*, jul./set., 20(3), p. 417-436. São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, C. A. M. Aluno com deficiência em grêmio estudantil: um programa de formação visando sua participação 2019. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, Bauru, 2019.

COSTA, A. C. G. A convenção internacional dos direitos da criança. *In: SIMONETTI, C. et al. (Org.)*. Do avesso ao direito. São Paulo: Malheiros. 1994.

PASQUALINI, J. Contribuições da psicologia histórico-cultural para a educação escolar de crianças de 0 a 6 anos: desenvolvimento infantil e ensino em Vigotski, Leontiev e Elkonin. Dissertação (Mestrado) –Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.

PASQUALINI, J.; EIDT, N. Periodização do desenvolvimento infantil e ações educativas. *In: Proposta Pedagógica para a Educação Infantil*. Bauru: Secretaria Municipal de Bauru, 2016.

PISTRAK, M. A auto-organização dos alunos. *In: Fundamentos da Escola do Trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

SFORNI, M. S. Aprendizagem conceitual e organização do ensino: contribuições da teoria da atividade. Araraquara: JM, 2004.

VALENTE, A. et al. Formação de grêmios estudantis em escolas públicas municipais de Bauru. Congresso de Extensão Universitária da Unesp, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/142116>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

CAPÍTULO 9

A organização das atividades de formação dos grêmios estudantis em prol do desenvolvimento infantil

Gabriela Pinto Braga⁴⁴

Introdução

O projeto de extensão Grêmios Estudantis foi criado no ano de 2012 no município do Bauru, em parceria entre o Departamento de Psicologia da Unesp de Bauru e a Secretaria Municipal de Educação, contando com a participação de dezesseis escolas municipais de ensino fundamental/anos iniciais e anos finais. O projeto consiste em formar grêmios dentro das escolas a partir da eleição de alunos do ensino fundamental organizados em chapas, com o auxílio de extensionistas do curso de Psicologia e de uma tutora de cada escola. Depois dessa etapa, realizam-se reuniões com os alunos eleitos para desenvolver seu ser político e democrático através de discussões, brincadeiras, leitura compartilhada de

44 Foi extensionista do projeto e realizou a pesquisa de iniciação científica relatada neste capítulo, com bolsa do CNPq sob orientação da professora doutora Flávia da Silva Ferreira Asbahr. Atualmente é psicóloga, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem (Unesp de Bauru). E-mail: gabriela.braga98@hotmail.com

livros etc. Por meio dessas reuniões, os alunos participantes do grêmio promovem atividades envolvendo a escola em suas diversas esferas: estrutural, pedagógica, esportiva e de entretenimento dos estudantes.

Para Bulhões et al. (2018), o projeto dos grêmios tem como referência “a necessidade de implementação real da gestão democrática escolar”, sendo essa uma gestão que possibilite a participação de todos os membros da instituição educacional (como os alunos, professores, funcionários e pais) nas decisões tomadas no ambiente da escola. O grêmio, então, busca fomentar a participação da categoria estudantil na democracia escolar. Por ter esse objetivo, a organização do grêmio direcionada pelas extensionistas também é democrática, visando sempre o desenvolvimento de autonomia e protagonismo infantil.

A democracia escolar é promovida no espaço dos coletivos infantis com atividades que exaltam a dimensão política da educação escolar de maneira que haja uma unidade entre o conteúdo e a forma de ensinar, como ressalta Asbahr (2016). Visto que a escola tem contradições por estar inserida no contexto capitalista e, dessa forma, reproduzir a lógica do mercado, limitando a formação humana em sua máxima potencialidade, como afirmam Moura et al. (2019), o ensino de conceitos como democracia, representatividade e participação é de grande importância. Porém, para que a aprendizagem seja efetiva, é necessário que haja uma correlação do conceito com a prática, e o grêmio

estudantil pode ser um espaço em que essa relação seja promovida.

Uma ferramenta de organização de ensino, pela perspectiva da teoria histórico-cultural, é a atividade orientadora de ensino, que trabalha objetivando os conhecimentos humanos constituídos historicamente e identificando os motivos, necessidades e sentidos dados pelos estudantes durante o processo de aprendizagem (MOURA, 2010). Essa objetivação pode ser realizada no momento em que o educador cria condições pedagógicas intencionais, capazes de promover a aprendizagem do sujeito ou do coletivo. As condições criadas possibilitam que os estudantes busquem soluções de problemas de forma consciente e planejada, isto é, pensar em ações com os instrumentos necessários para concretizar tais ideias e avaliar se é um plano com sustentação lógica – o que se procura fazer nos grêmios estudantis. Moura et al. (2019) propõem a atividade orientadora de ensino como a mediação entre objetivação e apropriação, entre atividade de ensino e atividade de aprendizagem, entre o significado social e o sentido pessoal, uma vez que a atividade orientadora de ensino retoma o objeto da atividade humana em atividade de ensino.

Para a criação de condições pedagógicas que promovam o desenvolvimento da criança, é extremamente importante que o adulto mediador tenha como base a zona de desenvolvimento proximal. Na teoria histórico-cultural, o desenvolvimento é visto em duas dimensões: a primeira é o desenvolvimento real, aquilo

que a criança consegue fazer de forma independente, isto é, as funções psíquicas que ela já desenvolveu; a segunda é o desenvolvimento potencial, que consiste em atividades que a criança não consegue realizar sozinha, porém, com a mediação de um adulto, ela consegue. A distância entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial é chamada de zona do desenvolvimento proximal (VIGOTSKI, 1984).

Defendemos que o grêmio também pode ser um ambiente de educação por ser um espaço coletivo, não apenas uma reunião com um conjunto de crianças, mas um grupo engajado, que não se reduz à soma das crianças. De acordo com Pistrak (2000, p. 177), “o coletivo apresenta propriedades que não são inerentes ao indivíduo, a quantidade se transforma em qualidade”. Mas é importante que a vivência coletiva seja ensinada para as crianças, considerando o contexto escolar individualizante em que a maioria delas está inserida e ao qual está habituada.

A participação intencional em coletivos não é algo inato do ser humano; é necessário que a vivência coletiva seja ensinada para a criança para que traga transformação e também novas necessidades, que estejam além das individuais, mas que sejam de interesse coletivo. O coletivo das crianças, mediado pela intervenção intencional dos adultos, ensina a participação e auxilia na auto-organização quando a capacidade de autonomia das crianças é entendida. As atividades em que o professor é o único a controlar e dirigir os alunos, de forma autoritária, não

criam possibilidades de as crianças manterem a ordem e organização por conta própria (PISTRAK, 2000).

É possível afirmar, nesse sentido, que o grêmio atua também como espaço de ensino-aprendizagem e pode promover a mudança da relação do aluno com a escola e com a atividade de estudo. Martins (2011), na mesma perspectiva teórica, postula que a aprendizagem é uma condição para o desenvolvimento e que entre ambos há uma relação de condição recíproca. Desse modo, sendo o grêmio um espaço de ensino-aprendizagem, é ele também um espaço que proporciona o desenvolvimento dos seus participantes. Partindo do pressuposto de que o desenvolvimento, na teoria histórico-cultural, ocorre pela apropriação de processos historicamente formados, temos a hipótese de que o grêmio estudantil colabora nesse desenvolvimento de participação democrática.

Sendo o grêmio estudantil esse ambiente potencializador de desenvolvimento, o presente trabalho⁴⁵ busca investigar como organizar uma atividade de formação que fomente o desenvolvimento de um grêmio, como grupo, e das crianças a partir da apropriação conceitual de “democracia”. Moura et al. (2010) descrevem que a apropriação de conceitos acontece pela mediação

45 O trabalho faz parte de um projeto de pesquisa sobre o grêmio estudantil que tem duas outras ênfases: a visão das professoras sobre o desenvolvimento das crianças integrantes do grêmio, de autoria de Camilla Schultz, e o desenvolvimento da participação das crianças integrantes do grêmio, de autoria de Isadora de Martino Prata, cujos resultados também são apresentados neste livro.

sistematizada e intencional. Por isso, para provocar o desenvolvimento do pensamento teórico, é preciso organizar o ensino por meio de ações conscientes, nas quais as crianças entendam seu objeto de aprendizagem.

A constituição do pensamento teórico é o objeto da atividade orientadora de ensino, que tem um olhar para o movimento total da apropriação conceitual. Analisar a organização das atividades, por meio da atividade orientadora de ensino e da zona de desenvolvimento proximal, é de extrema importância para a compreensão do desenvolvimento do indivíduo e do coletivo.

Objetivos

O trabalho teve como objetivo geral analisar a organização das atividades pedagógicas realizadas no grêmio e como pressuposto o desenvolvimento do grêmio e de seus participantes. O objetivo específico foi analisar o conteúdo trabalhado nas atividades de formação com os alunos do grêmio, relacionando o planejamento, objetivo e resultados das atividades, visando à formação do conceito de democracia.

Método

O estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa exploratória com as dezesseis crianças que compõem o

grêmio estudantil de uma escola municipal de ensino fundamental/anos iniciais do interior paulista, com idades entre 8 e 11 anos, matriculadas no terceiro, quarto e quinto anos, e suas respectivas professoras. Os alunos chegaram ao grêmio por meio de uma votação na escola com a participação de todos os alunos. As crianças eram de diferentes salas e poucas se conheciam antes da formação do grupo.

Na coleta de dados, todas as reuniões do grêmio foram filmadas com o propósito de analisar melhor o planejamento, os objetivos e a atividade em si. Além disso, foi feita uma entrevista com cada criança do grêmio em dois momentos, a fim de que se pudesse verificar possíveis mudanças nas respostas. A primeira bateria de entrevistas ocorreu no início do ano, antes de o mandato do grêmio começar, e a segunda ocorreu no final do ano, quando o mandato estava terminando. Nessas entrevistas, investigou-se a relação de cada criança com o ambiente escolar, buscando observar: 1) como a criança entende as necessidades da escola e a função do grêmio; 2) como se relaciona com os colegas de sala; e 3) os conceitos que ela tem sobre o grêmio no primeiro momento de participação na atividade e ao final do ano.

Um termo de consentimento livre e esclarecido foi enviado aos pais e um termo de assentimento livre e esclarecido foi entregue aos estudantes. O projeto também foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade e à Plataforma Brasil⁴⁶.

46 CAAE 15932119.2.0000.5398

Para a organização metodológica da pesquisa, tivemos como inspiração o experimento formativo que consiste em um método de investigação baseado na organização de situações de ensino, o que permite a análise das mudanças psíquicas do sujeito e o exame detalhado das condições indispensáveis para um desenvolvimento intelectual e motivacional no sujeito (DAVIDOV e MARKOVA, 1987). De acordo com Souza (2015), trata-se de investigar as condições de desenvolvimento e nelas intervir de forma ativa, contribuindo para a organização de ambientes adequados de educação, uma vez que o método permite a descrição e análise dos processos de ensino e de aprendizagem. O experimento formativo possibilitou que as reuniões dos grêmios estudantis fossem organizadas e reorganizadas de forma intencional com o objetivo de desenvolvimento dos sujeitos.

Nesse método, é possível sistematizar processos educativos promotores do desenvolvimento psíquico que vão além do que o sujeito já sabe, pois tem-se a intervenção ativa do pesquisador, a qual segue etapas de definição, análise e avaliação de forma não linear, mas simultânea e relacionada. O método do experimento formativo baseia-se na teoria vigotskiana, que compreende os processos psíquicos manifestados no plano social e psicológico e, também, mediados pelos instrumentos históricos e culturais criados pela humanidade (LONGAREZZI, 2019).

Resultados e discussão

Planejamento geral

O conteúdo trabalhado nas reuniões do grêmio foi planejado e guiado pelas extensionistas pesquisadoras. A organização das atividades foi pensada, primeiramente, de modo geral, para o ano letivo, logo depois do período de eleição do grêmio, e, depois, de forma específica, para cada reunião, de acordo com as necessidades das crianças. O Quadro 1 mostra como o planejamento anual se constituiu.

O planejamento inicial baseia-se nas atividades gerais das quais os gremistas participam ao longo do ano letivo. Contém os passos iniciais da eleição, que envolve toda a escola, os passeios, como por exemplo a visita à Unesp, e a presença no Fórum Infantojuvenil, realizado no Sesc Bauru. Esse planejamento é pensado por extensionistas, tutores e professores participantes do projeto de extensão. Quando as crianças gremistas são eleitas e as reuniões se iniciam, os planejamentos específicos são realizados.

Planejamentos específicos

Além do planejamento anual, foram realizados planejamentos semanais, que continham os conteúdos das reuniões que visavam suprir as necessidades

das crianças gremistas. As necessidades surgiam em cada reunião, e o adulto mediador deveria estar atento a elas para que pudessem ser trabalhadas. Por exemplo, as crianças tinham a necessidade de brincadeiras e atividades mais lúdicas, e, assim, foi realizada uma reunião no formato de jogo de tabuleiro. Ou pode-se citar a necessidade de conscientizar as crianças das atividades que seriam realizadas. Nesse sentido, o planejamento da reunião foi escrito em cartolinas, contendo o cronograma das atividades, de modo que as crianças controlassem o horário e desenvolvessem o autocontrole da conduta (VIGOTSKI, 1996).

Esses exemplos mostram a importância de um planejamento de ensino que vise ao desenvolvimento da criança. Esse aspecto é observado a partir do conceito de zona de desenvolvimento proximal, que pode definir funções psíquicas que estão no processo de maturação, chamadas de “brotos de desenvolvimento” por Vigotski (1984). É por meio desse conceito que o mediador pode analisar o percurso de desenvolvimento do estudante e, assim, criar condições para que ele ocorra de forma adequada.

Para criar condições potencializadoras de desenvolvimento, os planejamentos tiveram como proposta a atividade orientadora de ensino, que foi a inspiração para uma ferramenta de organização das situações que desencadeiam a aprendizagem. Trata-se de uma unidade dialética de ensino-aprendizagem que promove a humanização do indivíduo, uma vez que é ele mesmo o sujeito da atividade de ensino.

É premissa da Atividade Orientadora de Ensino agir intencionalmente, organizando o ensino para que a criança desenvolva atividades que objetivem a apropriação de um conceito a partir do respeito a sua condição de sujeito capaz de aprender, de estabelecer nexos, mobilizando afetos e emoções, que podem desencadear ações em direção ao objeto que se quer apropriado. (MOURA et al., 2019, p. 25)

Para uma organização de ensino, a zona de desenvolvimento proximal e a atividade organizadora de estudo são indispensáveis, pois apontam quais atividades o mediador deve criar ou quais intervenções deve realizar para que haja a aprendizagem da criança e, ao mesmo tempo, a autonomia nas atividades já desenvolvidas. Pensando nisso, os planejamentos das reuniões do grêmio estudantil visam aos aspectos de desenvolvimento e autonomia da criança, além de carregarem os valores de uma educação democrática, pautada no protagonismo do estudante. É a partir dessas concepções de mediação que a organização das atividades do grêmio estudantil é feita: uma mediação que possibilite o desenvolvimento – psíquico e político –, mas que também possibilite a autonomia e o protagonismo estudantil. O Quadro 2 apresenta uma síntese dos planejamentos específicos de cada encontro das extensionistas pesquisadoras com o grêmio.

Quadro 1: Planejamento das ações anuais de formação com os gremistas

Data	Atividade	Objetivo
Primeiro semestre	Propostas pré-eleições	Conscientização das crianças sobre como realizar propostas reais.
	Eleição	Votação escolar das crianças gremistas.
	Processo grupal	Formação inicial do coletivo do grêmio.
	Visita à Unesp	Passeio para conhecer a universidade pública.
	Ações do grêmio	Organização e realização de propostas feitas pelos alunos.
Segundo semestre	Formação de conceitos	Apresentação de conceitos utilizados na formação de grêmios estudantis.
	Fórum Infantojuvenil	Encontro de alunos dos grêmios estudantis das escolas municipais.
	Ações do grêmio	Continuação da organização e realização de propostas feitas pelos alunos.
	Processo grupal	Continuação da formação do coletivo do grêmio.

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Quadro 2: Planejamento das ações quinzenais de formação com os gremistas

Reunião 1 (27/5)	<p>Brincadeira do quem sou eu: dinâmica de grupo para as crianças se conhecerem e conhecerem as extensionistas.</p> <p>Nome do grêmio: roda de conversa sobre o significado do nome de cada um e votação para o nome do grêmio.</p> <p>Montagem do caderno de atas: desenhos feitos pelas crianças para compor a capa do caderno de atas.</p>
Reunião 2 (25/6)	<p>Apresentação “gosto de...”: apresentação de todas as crianças e extensionistas, dizendo algo que gostam de fazer.</p> <p>Regras do grêmio: criação coletiva das regras que todos deveriam seguir durante as reuniões.</p> <p>Visita à Unesp: roda de conversa sobre a visita dos gremistas à universidade.</p> <p>Encaminhamento de propostas: decisão de quais propostas seriam realizadas pelo grêmio e confecção de calendário de propostas.</p> <p>Telefone sem fio: brincadeira para encerrar a reunião.</p>
Reunião 3 (7/8)	<p>Dança das cadeiras colaborativa: brincadeira de dança das cadeiras em que, a cada pausa da música, o número de crianças não diminui, apenas o das cadeiras.</p> <p>Encaminhamento das propostas: divisão das tarefas entre os alunos para a realização da proposta “lanches diferentes na escola”.</p> <p>Brincadeira da bola imaginária: cada criança joga uma bola imaginária com peso e tamanho diferentes, mostrando as dimensões com o movimento corporal.</p>
Reunião 4 (21/8)	<p>Dinâmica da bolinha de papel: uma criança passa uma bolinha de papel para outra no menor tempo possível, mantendo a ordem de participantes estabelecida na 1ª rodada.</p> <p>Leitura do livro <i>O que os olhos não veem</i>, de Ruth Rocha, para entender o conceito de democracia.</p> <p>Encaminhamento das propostas: reunião com a diretora da escola para apresentar resultados da próxima ação do grêmio.</p>

<p>Reunião 5 (4/9)</p>	<p>“Ha hu ha”: brincadeira de movimento corporal para iniciar a reunião. Jogo dos pares: consiste em ligar uma figura a seu nome. Os nomes empregados foram conceitos utilizados no grêmio, como democracia, representatividade, respeito, igualdade e coletividade. Encaminhamento de propostas: conversa sobre as ações acerca dos “lanches diferentes” e arrecadação de lacres de latinhas de refrigerante. Decisão sobre nova ação. Elefantinho colorido: brincadeira para encerrar a reunião.</p>
<p>Reunião 6 (18/9)</p>	<p>Mímica: brincadeira inicial para entrosar os participantes. Encaminhamento de propostas: reunião com a diretora da escola para falar sobre brincadeiras diferentes durante o recreio. Direitos <i>versus</i> deveres: jogo em que cada criança deve escrever um direito e um dever seu na escola. Rio vermelho: brincadeira para encerrar a reunião.</p>
<p>Reunião 7 (23/10)</p>	<p>Jogo de tabuleiro: dinâmica na qual cada casa do tabuleiro representa uma atividade a ser feita. Atividades: roda de conversa sobre o Fórum Infantojuvenil; brincadeiras; vídeo e discussão sobre assembleia escolar; conversa sobre os resultados das propostas anteriores; decisões sobre o orçamento participativo mirim e decisão sobre a próxima ação do grêmio.</p>
<p>Reunião 8 (6/11)</p>	<p>Brincadeira da confiança: em duplas, as crianças encostam-se de costas; em seguida, uma delas se agacha, sustentando a outra. “O mistério da biblioteca”: conversa sobre as descobertas das crianças a respeito de a biblioteca estar inativa na escola. Encaminhamento das propostas: conversa sobre o andamento das ações realizadas. “Assembleia dos ratos”: contação de história interativa, em que as próprias crianças são personagens e sugerem alternativas, retomando a discussão sobre as assembleias escolares. Ilha: brincadeira na qual as crianças devem subir numa folha de papel que representa uma ilha. A cada rodada, a folha diminui e só ganha o jogo o grupo em que nenhuma criança ficar de fora.</p>

Reunião 9 (27/11)	Encaminhamento das propostas: apresentação dos resultados da exposição de arte sobre o tema <i>bullying</i> e roda de conversa sobre racismo. Vídeo para o próximo grêmio: gravação de um vídeo com sugestões de ações para o grêmio do ano seguinte. Encerramento das ações quinzenais: confraternização com as crianças.
----------------------------------	--

Fonte: elaborado pela autora (2020).

O quadro acima traz o conteúdo trabalhado nas nove reuniões que ocorreram durante o ano de 2019 com o Grêmio do Contente, nome do grêmio eleito. Na análise das reuniões, percebe-se qual foi o percurso didático seguido para lidar com o conceito de democracia, escolhido por ser um conceito-chave dentro do grêmio estudantil, uma vez que o grêmio é uma ferramenta para uma educação democrática que trabalha o ser político das crianças. Pode-se entender o percurso didático como:

1. As reuniões iniciais foram planejadas de modo que as crianças tivessem vivências democráticas: criação de propostas, eleições, votações dentro do grêmio, a escolha de nome do grêmio, assembleia etc.

2. Na quarta reunião, foi apresentado para as crianças o conceito de democracia.

3. Com o conceito apresentado, as crianças continuaram a realizar atividades de vivência democrática, porém com a mediação de adultos para que relacionassem as atividades com o conceito estudado.

Assim, as atividades pedagógicas foram organizadas a fim de que as crianças se apropriassem do

conceito de democracia, de acordo com suas necessidades e visando ao seu desenvolvimento. Esse experimento formativo possibilita que o processo de apropriação conceitual seja observado no decorrer das reuniões, e não somente no início e no fim da aprendizagem.

Para observar esse processo, foram destacados três eixos de análise indispensáveis para a apropriação conceitual: a) a atividade de formação de coletividade; b) a atividade de formação conceitual; c) as atividades de vivência democrática.

Esses três eixos se relacionam diretamente, uma vez que é na coletividade que surgem vivências democráticas, que materializam o conceito abstrato. As análises desses três eixos são interligadas, pois não basta só a apropriação conceitual no campo individual. O coletivo e as vivências são indispensáveis para a participação democrática.

Apesar de os eixos serem intrinsecamente associados, para a organização da pesquisa cada eixo foi analisado separadamente, mesmo contendo temáticas relacionadas. Cada eixo foi constituído por dois episódios, que representam o assunto abordado. O episódio selecionado é um primeiro produto da análise e, ao mesmo tempo, um ponto de partida para a própria análise, uma vez que mantém as propriedades do todo, possibilitando a compreensão abstrata do fenômeno. Ou seja, o episódio “é utilizado como princípio metodológico da dialética que toma uma unidade (pertencente ao todo) para análise” (ARAUJO e MORAES, 2017, p. 46).

Os episódios são expostos por cenas que revelam as relações fundamentais para a compreensão do

fenômeno. Cada episódio contém uma explicação do contexto em que ocorreu, seu planejamento, uma breve descrição e os sujeitos⁴⁷ participantes. Por meio dos episódios, é possível organizar os dados e expô-los recompondo o fenômeno em sua totalidade. Segundo Araújo e Moraes (2017), os episódios mostram o movimento lógico-histórico da pesquisa numa síntese que permite a apropriação teórica do objeto. Assim, os episódios foram selecionados como mostra o Quadro 3.

Quadro 3: Episódios selecionados a partir dos eixos de análise

Eixo de análise	Episódios analisados
Atividades de formação de coletividade	Episódio 1: capa do caderno de atas Episódio 2: criação coletiva das regras
Atividades de formação conceitual	Episódio 4: <i>O que os olhos não veem</i> Episódio 5: jogo dos pares
Vivências democráticas	Episódio 7: Fórum Infantojuvenil Episódio 8: brincadeiras no recreio

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Atividades de formação do coletivo

A seguir, são apresentados quadros com a descrição dos episódios selecionados e suas análises. O Quadro

47 Os nomes dos sujeitos são fictícios.

4 revela as atividades de formação da coletividade por meio da construção coletiva do caderno de atas.

Quadro 4: Episódio 1: construção coletiva do caderno de atas

Construção coletiva do caderno de atas	
Contexto	O episódio ocorreu na primeira reunião, na qual o grupo estava se conhecendo, sendo que as crianças vinham de turmas ou turnos diferentes. Nessa reunião, era preciso criar o nome do grêmio, já que as crianças foram votadas individualmente.
Planejamento	Para a escolha do nome do grêmio, inicialmente as crianças falariam o significado de seu próprio nome e o motivo pelo qual ele foi escolhido por sua família, caso soubessem. Isso facilitaria falarem sobre a denominação do grêmio, ressaltando a importância de um título que representasse cada um. Essa atividade tem o objetivo de fazer os alunos pensarem no grêmio como um coletivo de crianças. Depois da votação do nome do grêmio, todas as crianças deveriam fazer um desenho que, junto com os demais, completaria a capa do caderno de atas. Esse planejamento visa à formação do coletivo, não apenas um grupo de crianças, mas um grupo de crianças reunidas em função de um objetivo: o grêmio.
Narração	As crianças sugeriram nomes para o grêmio e, com mediação das pesquisadoras, foi feita uma votação. O escolhido foi Grêmio do Contente. As crianças receberam, então, pequenos recortes de papel para desenhar algo que lembrasse o grêmio. Em seguida, os desenhos foram reunidos na capa do caderno de atas, que seria utilizado em todas as reuniões. A junção dos desenhos individuais é uma materialização desse processo grupal que vai tomando forma a cada reunião.

Fonte: elaborado pela autora (2020).

O grêmio estudantil se configura como um coletivo por ser um conjunto de crianças com consciência de seu interesse comum, o que transforma a quantidade em qualidade, diferenciando-se de um agrupamento de crianças acidental e sem objetivos (PISTRAK, 2000). Assim, o planejamento das reuniões deve envolver o processo grupal para que o grêmio realmente se configure como grupo, cujas práticas possibilitem relações externas com a escola ou até mesmo com a cidade, mas que também proporcionem relações internas entre as próprias crianças, visando a seus interesses em comum (MARTINS, 2007).

É a partir desses elementos de constituição de um grupo que dinâmicas e atividades específicas são pensadas em cada reunião, analisando o movimento do processo de formação do grupo, que se iniciou com crianças de diferentes salas e turnos, que não possuíam vínculos e não sabiam dizer com propriedade qual seria o papel do grêmio estudantil dentro da escola. Prata (2020) mostra que, no final do mandato do grêmio, as crianças souberam responder sobre o papel do grêmio e sobre as atividades realizadas de forma mais elaborada do que no início do mandato. Os dados revelam o engajamento grupal que ocorreu pelo fato de os gremistas terem consciência das atividades que identificam o grupo.

Com a realização das reuniões, as crianças foram se conhecendo por meio de atividades que as mediadoras propunham com o objetivo de formar vínculos. Nas entrevistas no final do mandato, treze crianças

relataram que fizeram amizades dentro do grêmio, embora os vínculos formados não tenham sido os mesmos para todos os integrantes do grupo. Nas reuniões, foi possível observar que alguns integrantes criaram vínculos mais fortes com uns do que com outros, o que é comum em grupos, já que a afetividade permeia as relações pessoais (MARTINS, 2003).

Nas práticas realizadas em conjunto, como mostram os exemplos apresentados no Quadro 5, referentes ao próximo episódio, o processo grupal também é trabalhado, uma vez que as crianças realizam atividades de interesse coletivo, que cumprem com o objetivo do grupo, no caso, com as funções do grêmio. Importante ressaltar que, além de os alunos estarem realizando atividades coletivamente, as próprias atividades do grêmio estudantil abordam o assunto da coletividade como conceito, o que auxilia na formação de consciência de grupo.

O movimento de formação de grupo foi percebido durante a terceira reunião, no comentário de uma participante, quando a pesquisadora falou sobre a necessidade de se reunirem com a diretora.

Pesquisadora 1: – *Vocês precisam marcar [a reunião] com a diretora.*

Vinicius: – *A gente?*

Pedro: – *Não pode ser vocês?*

Paula: – *A gente é o grêmio...*

A gremista enfatiza a expressão “a gente”, mostrando ter consciência de que pertence ao grupo, pois consegue compreender que o grêmio representa as

crianças e precisa realizar atividades que visem aos objetivos do grupo, no caso, a reunião com a diretora⁴⁸.

O segundo episódio de atividades de formação coletiva sintetiza a construção coletiva de regras, como mostra o Quadro 5.

Ao criar condições potencializadoras de desenvolvimento, a formulação colaborativa das normas do grupo teve como finalidade trazer o que é melhor para o coletivo, de maneira que as crianças pudessem pensar no outro, como no episódio anterior (Quadro 5). Além da questão social, ao formular as próprias regras as crianças também criam um sentido pessoal para aquela atividade. Quando o sentido pessoal que a criança dá para a atividade corresponde à significação social dessa atividade, a criança a realiza com consciência de seus objetivos (ASBAHR, 2005).

A participação da criança em um coletivo mediado por um adulto gera novos interesses e necessidades e, na tentativa de realização das demandas desenvolvidas, gera-se uma auto-organização. Os interesses individuais, mediados pelo coletivo, transformam-se em interesses sociais (PISTRAK, 2000). Exemplificamos essa transformação com um diálogo entre dois participantes do grêmio estudantil:

Pedro: – *Quero ir embora, não aguento mais ficar aqui só conversando...*

Danilo: – *Não é só conversando!*

48 Foge aos limites do trabalho analisar de forma aprofundada a constituição do processo grupal.

Quadro 5: Episódio 2: construção coletiva de regras

Construção coletiva de regras	
Contexto	O episódio ocorreu na segunda reunião do grêmio.
Planejamento	As crianças estipulariam as regras do grêmio junto com as pesquisadoras, em vez de apenas receber as regras já estipuladas. Dessa forma, as regras teriam um sentido maior na hora de serem cumpridas
Narração	<p>O episódio se iniciou com as pesquisadoras falando sobre as regras que devemos seguir em casa e na escola, que as crianças exemplificaram com hora de dormir, hora de comer, arrumar o quarto, usar uniforme etc. A pesquisadora 3 disse que, por mais que o grêmio estivesse dentro da escola e seguisse as regras da escola, seria importante que também criasse regras próprias, lembrando uma das regras que já havia sido estipulada, a de inscrição de fala. As próprias crianças sugeriram regras, por exemplo:</p> <p>Pesquisadora 3: – <i>Qual outra regra deveremos ter?</i> Alice: – <i>A gente tem que respeitar todo mundo.</i></p> <p>Nesse exemplo, vale ressaltar que Alice já havia participado do grêmio estudantil do ano anterior, trazendo a visão de respeito ao coletivo, que será discutida. As regras foram sugeridas pelas crianças e pelas pesquisadoras. Por fim, as regras estabelecidas foram:</p> <p>Todos podem dar sua opinião. Todos devem comparecer a todas as reuniões. Deve-se falar, um de cada vez, seguindo a ordem de inscrição de fala. Pode ir ao banheiro e beber água sem pedir. Não pode mexer no celular durante as reuniões. Deve-se respeitar o outro. Todos devem dar um bom exemplo para a escola.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Pode-se observar que os interesses das crianças divergem, sendo que Danilo não entende a reunião como apenas uma conversa. O diálogo indica qualidades diferentes, uma vez que Danilo mostra ser consciente dos objetivos de estarem ali, tendo a necessidade e interesse de permanecer na reunião.

No final do ano, as crianças relataram quais foram as mudanças que perceberam nelas mesmas, que, segundo Prata (2020), podem ser sintetizadas em: ter mais respeito pelas outras crianças; ter maior participação; falar em público; aprender a trabalhar em equipe; estar mais aberto às opiniões dos outros; fazer mais amizades; aprender a conversar com outros para tomar decisões e passar a cuidar e a gostar mais da escola. Os comentários de caráter coletivo feitos pelas crianças mostram uma superação da perspectiva individualizante.

Por mais que crianças tenham diversas experiências em seu cotidiano de convivência com os outros na sala de aula, na família etc., não há o desenvolvimento de uma consciência coletiva, pelo fato de aquele agrupamento cotidiano ser apenas um conjunto de pessoas, e não um grupo, como já foi citado. Mas, ao fazer parte do grêmio estudantil, que trabalha as questões coletivas de modo a desenvolver consciência desse processo grupal, a perspectiva individualizante é superada. Podemos observar a transformação de interesses individuais em interesses coletivos na frase dita pelo mesmo gremista do exemplo anterior, Danilo: – *Aprendi a ouvir melhor as pessoas, a ao invés de eu falar, ver o que as pessoas querem falar.*

Atividades de formação conceitual

Nesta seção, são feitas as análises dos episódios contendo atividades de formação conceitual. Inicialmente, o Quadro 6 mostra o primeiro episódio que contém a leitura coletiva de um livro e, em seguida, sua análise.

Os conceitos são representações de objetos ou fenômenos cristalizados em uma palavra, tendo certas características destacadas. Quando são ensinados pela escola, ampliam a visão da criança sobre o mundo e mudam sua interação com a realidade, isto é, modificam a forma e o conteúdo do pensamento humano (SFORNI, 2004). Dentro do grêmio estudantil, condições práticas eram criadas, fazendo com que surgisse na criança a necessidade de aprender o conceito, por exemplo, o de democracia. Ao passarem por vivências democráticas como eleição, votações, reuniões, surge a necessidade de um conceito que explique o funcionamento dessas relações.

Dessa forma, planejou-se usar um livro infantil que representasse a democracia em sua história para introduzir o conceito para as crianças e, a partir disso, relacioná-lo com as vivências do grêmio estudantil. É importante ressaltar que o grêmio é um ambiente de aprendizagem não formal, no qual não são usados exercícios ou provas para garantir a aprendizagem, como não acontece em espaços formais. O planejamento vai além do ensino verbal, não centrado no intelectualismo, mas sim pensando no indivíduo integral, integrando ação e compreensão.

Quadro 6: Episódio 4: O que os olhos não veem

<i>O que os olhos não veem</i>	
Contexto	O episódio ocorreu na quarta reunião do grêmio.
Planejamento	Para essa reunião, foi planejada a leitura do livro <i>O que os olhos não veem</i> , de Ruth Rocha, para apresentar aos gremistas o conceito de democracia e relacioná-lo com o grêmio e os sistemas do governo. O livro conta a história de um rei que só ouvia as pessoas grandes, fazendo com que todas as pessoas pequenas se reunissem com pernas de pau e gritassem bem alto para o rei ouvir.
Narração	<p>Após a leitura do livro, as crianças relacionaram o rei com o grêmio, ressaltando a importância de ouvir todos os alunos. A partir dessa discussão, as pesquisadoras trouxeram outras possibilidades de hierarquia, como a diretora, governador ou presidente no lugar do rei. Depois, foi apresentado o conceito de democracia com base em um dicionário <i>online</i>:</p> <p>Pesquisadora 2: – <i>O rei que só escuta a voz dos grandes é um rei mandão, não é? E como é o nome de um rei que continue ouvir a voz dos grandes e dos pequeninhos?</i></p> <p>Yumi: – <i>Bonzinho.</i></p> <p>Vinicius: – <i>É o que escuta todo mundo.</i></p> <p>Alice: – <i>Justo.</i></p> <p>Pedro: – <i>Educado.</i></p> <p>Pesquisadora 2: – <i>É verdade, ele é bonzinho, justo, educado... Mas hoje a gente vai ensinar uma palavra que vai explicar o que é isso... Essa palavra é democracia, quem já ouviu falar nessa palavra?</i></p> <p>Vinicius: – <i>É tipo... é... esqueci.</i></p> <p>Jonathas: – <i>É tipo... eu sou o presidente e quero fazer uma nova regra, aí tem todos os outros... e eles têm que concordar, senão não pode mudar a regra.</i></p> <p>Pesquisadora 2: – <i>Então democracia é ouvir a opinião de cada um, mesmo se aquela pessoa é diferente da gente, então, se a pessoa é pequenininha, se a pessoa é grandona, pode ter a pessoa que fala alto, a pessoa que fala baixo, pode ter uma pessoa que gosta de uma coisa e outra que não gosta dessa coisa, uma pessoa que acha uma coisa certa e outra que acha outra coisa certa... mas a democracia é ouvir todo mundo, certo?</i></p>

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Ao falar sobre as características de um personagem democrático na história, as crianças utilizaram palavras como “justo”, “educado”, e foi possível observar, durante o ano letivo, a relação feita pelas crianças do conceito de “respeito” com o conceito de “democracia”. A questão da participação popular foi compreendida como respeitar a opinião de todos e, apesar de não ser o conceito radical de democracia, é seu primeiro momento de apropriação conceitual. A democracia é um conceito de difícil definição, sendo que nenhuma significação específica tem uma aceitação unânime, por sempre carregar valores sociais.

Toda atividade humana teleologicamente posta contém, ineliminavelmente, um momento de valoração, de escolha, de julgamento, de decisão, que medeia o conhecimento que temos da realidade e nosso agir prático. Cada valoração, própria de cada práxis social, conterà concretamente determinados valores particulares. (NEVES, 2018, p. 20)

Desse modo, a produção e socialização dos conhecimentos sempre carregam valores sociais, que são responsáveis por determinar uma orientação da prática social. Não existem conhecimentos neutros sem os valores sociais incorporados. Porém os valores vinculados a determinado fenômeno não são fixos, eles podem mudar a qualquer momento de acordo com a

circunstância histórica e a classe social que determina tal valor.

Ao associarem o termo respeito ao conceito de democracia, um valor também é transmitido, o que implica na prática das crianças durante o ano. As aprendizagens que elas mesmas sinalizaram, descritas nos episódios de atividade de formação da coletividade, mostram a influência do valor do respeito para superarem a visão individualizante e terem uma visão democrática de participação, ainda que isso ocorra de modo iniciante em relação ao significado real de participação popular.

O próximo episódio selecionado para demonstrar atividades de formação conceitual envolve um jogo conceitual e é apresentado no Quadro 7.

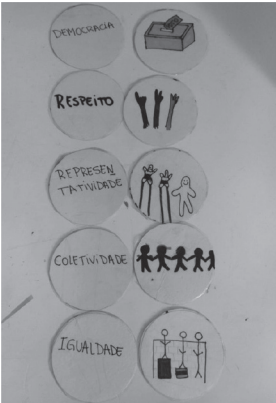
Na dinâmica de apropriação de um conceito, muitas vezes há um deslocamento do particular para o geral ou do geral para o particular. Pasqualini e Martins (2015, p. 366) discutem a singularidade e universalidade como unidade contraditória, sendo a expressão singular de um fenômeno imediata e específica e a expressão universal do fenômeno a evidência de suas leis gerais do movimento e conexões internas, ou seja, “a universalidade se materializa na expressão singular do fenômeno pela mediação da particularidade”.

No caso da pesquisa, as crianças conseguiram exemplificar o conceito (votar como democracia), ou seja, aprenderam as particularidades, mas não conseguiram se deslocar para o geral, isto é, fazer uma abstração

e fazer uma síntese. Esse movimento foi contrário ao que Moura et al. (2010) descrevem como apropriação do conhecimento teórico, que vai do geral ao particular. Essa inversão pode ter acontecido pelo fato de as crianças vivenciarem as práticas e depois aprenderem o conceito, na tentativa de sua abstração. No episódio 5, isso é claramente retratado quando a estudante diz: “Eu sei o que é, mas não sei explicar”. Em outras palavras, ela aprendeu as características em comum que constituem o conceito, isto é, seus fenômenos singulares, mas não o abstraiu em sua universalidade para que uma síntese fosse formada.

Quadro 7: Episódio 5: jogo dos pares

Jogo dos pares	
Contexto	O episódio ocorreu na quinta reunião do grêmio.
Planejamento	Para a reunião, foi planejado jogar o jogo dos pares para trabalhar conceitos já aprendidos, como democracia, representatividade, coletividade, igualdade. O jogo é composto por dez cartas, cinco com figuras e cinco com palavras, sendo que os alunos devem agrupar as cartas em pares (uma figura com uma palavra). As palavras eram: democracia, representatividade, igualdade, coletividade e respeito; e as figuras: uma urna, para democracia; uma pessoa maior e outras menores com pernas de pau, para representatividade; três pessoas espiando sobre o muro, para igualdade; pessoas de mãos dadas, para coletividade; e figuras dos dedos indicando ordem de fala, para respeito.

<p>Foto</p>	
<p>Narração</p>	<p>Os primeiros pares que as crianças adivinharam foram respeito e coletividade. Os alunos também acertaram o par de democracia, porém, quando foram perguntados sobre o conceito, não conseguiram explicar:</p> <p>Pesquisadora 1: – <i>E na democracia, o que vocês colocaram?</i></p> <p>Paula: – <i>Democracia acho que é votar.</i></p> <p>Pesquisadora 3: – <i>Por quê?</i></p> <p>Paula: – <i>Ah, eu não sei explicar.</i></p> <p>As crianças acertaram o par de representatividade, porém não conheciam a palavra, mesmo dizendo que o grêmio representa os alunos. As pesquisadoras explicaram o conceito, e os alunos o associaram com a história que havia sido contada na reunião anterior (<i>O que os olhos não veem</i>, de Ruth Rocha). Além disso, as extensionistas usaram exemplos como a Estrelinha, personagem negra do desenho animado de super-heroínas Meninas Superpoderosas, e as crianças com deficiência nos livros da Turma da Mônica. Os gremistas ouviram com muita atenção e mostraram ter compreendido o conceito. Por fim, o par de igualdade foi colocado corretamente, e as pesquisadoras aproveitaram para explicar também o conceito de equidade, utilizando novamente o da Turma da Mônica.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2020).

A generalização ocorre a partir do momento em que o sujeito tem consciência da existência de características comuns a determinado fenômeno, que podem ser representadas por uma palavra que ilustre a universalidade desse fenômeno. A abstração faz parte do processo da generalização, na qual a criança consegue desconsiderar elementos particulares do fenômeno e levar em conta seus elementos invariáveis, e, dessa forma, constitui algo abstrato, de natureza mental (DAVYDOV, 1982 apud SFORNI, 2004). Assim, os estudantes do grêmio consideravam como característica comum o fenômeno de participação popular na palavra democracia, tendo como exemplos concretos a votação, a participação, o governo, a possibilidade de fala e o dever de escutar o outro, os quais foram discutidos em reuniões.

Não podemos afirmar que houve uma generalização do conceito, visto que não houve uma síntese. Porém, por meio da análise do episódio 5, é possível observar o primeiro movimento da apropriação conceitual, uma vez que a gremista conseguiu identificar que o exemplo “votação” faz parte do conceito abstrato de “democracia”, mesmo que ela não o tenha sintetizado. De acordo com os processos de aprendizagem conceitual de Sforni (2004), os alunos do grêmio estavam no primeiro momento: o da percepção. Nesse momento, os gremistas conseguiam observar as particularidades concretas do fenômeno e explicar essa observação, mas sem abstrair e generalizar.

Apesar das “etapas” de apropriação conceitual soarem como uma lógica formal, é necessário diferenciá-las

para a organização do ensino. Mesmo assim, é possível seguir na lógica dialética, considerando a zona de desenvolvimento proximal que a criança se encontra para que sejam criadas condições potencializadoras do desenvolvimento do pensamento do estudante. A aprendizagem de conceitos que levam a um desenvolvimento psíquico não ocorre de forma inata, por isso deve ser planejada e mediada. Nesta pesquisa de iniciação científica não foi possível fazer uma análise mais profunda sobre o pensamento teórico e o desenvolvimento psíquico, mas entendemos que o tema da apropriação conceitual no âmbito dos grêmios merece ser aprofundado em pesquisas futuras.

Vivências democráticas

Os próximos quadros sintetizam episódios escolhidos para a análise das vivências democráticas dos gremistas. O Quadro 8 mostra o evento Fórum Infantojuvenil.

As vivências democráticas são de extrema importância para as crianças, pois já são um movimento de formação de qualidades políticas e sociais, que serão utilizadas durante sua vida de cidadania. Ao falarmos de apropriação do conceito “democracia”, as vivências democráticas não poderiam ser deixadas de lado para que houvesse uma superação da reprodução do conceito, apenas. Paro (2000) mostra como o saber sobre política

e democracia se constrói na própria prática social, nas próprias vivências da criança. No Fórum Infantojuvenil, os estudantes tinham direito de fala, e as opiniões deles eram as mais importantes, uma vez que eram os protagonistas da assembleia. As propostas foram feitas por eles e para eles, como uma prática política da qual puderam participar ativamente.

Quadro 8: Episódio 7: Fórum Infantojuvenil

Fórum Infantojuvenil	
Contexto	O Fórum Infantojuvenil é um evento em que todos os grêmios estudantis das escolas municipais de Bauru se encontram durante dois dias de atividades. Os estudantes participam de oficinas e assembleia, nas quais podem discutir e refletir sobre questões de gestão democrática escolar.
Planejamento	Na assembleia do Fórum Infantojuvenil, foi redigida uma carta para o prefeito com as propostas mais votadas pelas crianças sobre como a escola poderia ajudar nos sonhos de cada uma.
Narração	Os estudantes dos grêmios foram divididos em grupos para elencar propostas sobre como a prefeitura poderia auxiliar nos sonhos de cada um, como, por exemplo, aulas extracurriculares de culinária, esportes etc. Depois, todos os grupos se reuniram em assembleia, e cada proposta foi lida, havendo tempos de fala a favor e contra tais propostas. Com o tempo finalizado, os estudantes votaram se cada proposta deveria constar na carta ao prefeito. Para a defesa das propostas, o participante Jonathas, do Grêmio do Contente, colaborou com falas.

Fonte: elaborado pela autora (2020).

O Fórum Infantojuvenil foi apenas mediado pelos adultos, como forma de ensinar a organização popular, o que é algo a ser aprendido. As vivências democráticas são ações políticas vistas como ações humanas e sociais, isto é, ações e saberes elaborados historicamente que podem ser apropriados (PARO, 2000). Por isso, a mediação do adulto é fundamental para esse primeiro movimento de apropriação dos saberes político e de participação nos coletivos a que as crianças pertencem. Quando o adulto cria ambientes e situações em que a criança participa ativamente das decisões, ele faz com que ela viva na prática a democracia como participação popular.

Continuamente, o Quadro 9 mostra outro episódio selecionado para a análise de vivências democráticas dos participantes do grêmio.

Quadro 9: Episódio 8: brincadeiras no recreio

Brincadeiras no recreio	
Contexto	Todas as propostas que as crianças apresentam na eleição do grêmio são discutidas, e decide-se coletivamente quais serão realizadas durante o ano. A ação de "brincadeiras no recreio" foi discutida da quinta à oitava reunião.
Planejamento	A ação é discutida nas reuniões com base no retorno das crianças e do tutor a respeito das ações anteriores.

<p>Narração</p>	<p>A ação foi votada pelos gremistas na quinta reunião, e na mesma ocasião sua realização começou a ser planejada. Primeiro, foram pensadas quais brincadeiras poderiam ser propostas durante o recreio, como as que fazíamos no grêmio, pular corda, brincar de elástico, peteca etc., e que não envolvessem brinquedos causadores de conflitos entre as crianças. Os gremistas ficaram responsáveis por fazer uma lista de todas as possíveis brincadeiras.</p> <p>Foi determinado que as crianças do grêmio ficariam responsáveis pelas brincadeiras em seu próprio recreio uma vez por semana. No recreio do primeiro e segundo ano, elas se revezariam para ajudar o tutor na organização. Além disso, decidiram ter outro dia para que as crianças pudessem trazer um brinquedo de casa para brincar na escola.</p> <p>As crianças marcaram uma reunião com a direção para ver se essas propostas seriam aceitas. Essas reuniões com a direção eram feitas pelas crianças sem a mediação de adultos, mas com ajuda de um roteiro feito coletivamente na reunião do grêmio.</p> <p>Na sexta reunião, aos gremistas constou que a diretora havia recusado a presença de brinquedos na escola por gerarem muitos conflitos, mas havia permitido as brincadeiras nos recreios de sexta-feira, sendo que elas deveriam ser feitas com bambolês da escola, peteca, corda, ou seriam brincadeiras que não envolvessem material, como as que tinham sido feitas no grêmio.</p> <p>Além disso, os gremistas se organizaram para que cada um levasse uma garrafa pet e uma meia para fazer um boliche. A diretora também negou que os gremistas organizassem as brincadeiras nos recreios do 1o e 2o ano, já que teriam que perder aula para isso. Como 1o e 2o ano podiam levar brinquedos de casa nas sextas-feiras, eles não teriam brincadeiras diferentes no recreio.</p> <p>Nas reuniões seguintes, os estudantes e tutor conversaram sobre o andamento da atividade e os desafios encontrados durante sua realização, como, por exemplo, o recreio muito cheio de gente e crianças jogando comida fora para brincar. Assim, novos combinados eram feitos entre os gremistas para manter uma melhor organização. O tutor também cobrava a participação dos gremistas para organizar as brincadeiras, pois, nos dias em que não estava na escola, as crianças realizavam a tarefa sozinhas.</p>
------------------------	--

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Os pedidos negados pela direção também fazem parte das vivências democráticas, auxiliando os estudantes a entenderem o funcionamento de hierarquias políticas, localizando o grêmio nesse espaço político e entendendo sua função. No mesmo sentido, o diálogo com a direção é importante para a construção coletiva de soluções concretas e reais para o planejamento. O planejamento ideal das crianças, muitas vezes, é inicialmente insustentável, mas traz o aprendizado do exercício de ordem e estrutura política e mostra quais são as condições objetivas para a realização de suas propostas. Essa estrutura é aprendida tanto na macroanálise, pensando no governo municipal, quanto na micro, pensando dentro da escola.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo ilustrar uma forma de organização de atividades que promovam o ensino/aprendizagem. Por meio de atividades de formação de coletividade, atividades de formação de conceitos e vivências práticas, foi possível observar o processo de desenvolvimento das crianças. A tríade coletivo-conceito-vivências pode ser pensada em outros conteúdos de ensino, visto que a aprendizagem de pensamentos conceituais vai além do verbalismo individual, ocorrendo também no coletivo e nas vivências práticas.

A aprendizagem não pode ser reduzida somente à descrição verbal do objeto de estudo, nem à vivência

de fenômenos sem que eles sejam compreendidos. Fortalecer esses eixos conjuntamente é um caminho para o ensino que pensa um sujeito integral, fugindo do modelo de ensino com ênfase no intelectualismo, com significados, sentidos e valores esvaziados. Sforini (2004) considera o conhecimento não somente como a apropriação conceitual e conteudista, mas também como o domínio de formas de interação com esses conhecimentos no mundo contemporâneo.

A apropriação dos conhecimentos produzidos historicamente requer cuidado na hora de organizar as atividades de estudo. Assim, a aprendizagem não se torna, para o estudante, algo mecânico e sem sentido. A aprendizagem torna-se um meio de transformação do sujeito, que compreende a gênese e a natureza do seu objeto de estudo, abarcando o mundo e sua história e, assim, se humanizando.

Em razão do tempo de realização de uma iniciação científica e do tempo do mandato do grêmio estudantil, a pesquisa teve algumas limitações, como a dificuldade de aprofundamento nas análises de cada eixo, sem chegar a uma apropriação conceitual total. Porém as limitações abrem caminho para que outras pesquisas sejam desenvolvidas, analisando a tríade coletivo-conceito-vivências e seus desdobramentos na organização de ensino. Afinal, é necessário que pesquisas sobre organização de atividades de estudo sejam sempre atualizadas para uma educação de qualidade.

A análise conjunta dos três eixos possibilitou a observação do ensino e do processo de aprendizagem

do pensamento conceitual de “democracia”. No final do mandato do Grêmio do Contente, viu-se uma transformação no olhar da criança devido às atividades realizadas. A formação do coletivo do grêmio e as vivências democráticas permitiram que as crianças experimentassem de forma ativa o conceito de democracia. Todas essas práticas foram realizadas em ambientes mediados, que tinham valores democráticos a serem seguidos, mas que também tinham contradições.

As contradições muitas vezes eram percebidas dentro da escola e dentro do grêmio, posto que esses ambientes fazem parte de uma lógica capitalista e, automaticamente, reproduzem seus antagonismos. Apesar disso, as crianças vivenciaram práticas de protagonismo e de participação, tendo a oportunidade de desenvolver seu ser político durante as atividades de aprendizagem. A participação popular foi aprendida como uma forma de ouvir e respeitar todos os indivíduos. Sabe-se que ouvir e respeitar faz parte da democracia, mas que não é o significado radical de participação popular. A limitação do tempo de intervenção no mandato do grêmio estudantil não permitiu que o conceito fosse mais bem desenvolvido naquele momento.

No entanto, foi interessante observar, nas crianças, esse primeiro passo para enxergar a democracia como respeito: elas passaram de uma perspectiva individual para uma coletiva, como foi descrito em cada um dos episódios da pesquisa. Porém, para finalizar o capítulo, trazemos um questionamento: o que nós, adultos,

entendemos como democracia e como participação popular? Pensar nesse conceito apenas como respeito dentro da nossa sociedade atual é um tanto idealista e não engloba toda a história e valores que ele carrega. Encerramos a pesquisa com uma provocação a partir de um trecho do poema “Da paz”, de Marcelino Freire:

Eu não sou da paz.

Não sou mesmo não. Não sou. Paz é coisa de rico. Não visto camiseta nenhuma, não, senhor. Não solto pomba nenhuma, não, senhor. Não venha me pedir para eu chorar mais. Secou. A paz é uma desgraça.

Uma desgraça.

Carregar essa rosa. Boba na mão. Nada a ver. Vou não. Não vou fazer essa cara. Chapada. Não vou rezar. Eu é que não vou tomar a praça. Nessa multidão. A paz não resolve nada. A paz marcha. Para onde marcha? A paz fica bonita na televisão. Viu aquele ator?

Se quiser, vá você, diacho. Eu é que não vou. Atirar uma lágrima. A paz é muito organizada. Muito certinha, tadinha. A paz tem hora marcada. Vem governador participar. E prefeito. E senador. E até jogador. Vou não.

A paz é perda de tempo. E o tanto que eu tenho para fazer hoje. Arroz e feijão. Arroz e feijão. Sem contar a

costura. Meu juízo não está bom. A paz me deixa doente. Sabe como é? Sem disposição. Sinto muito. Sinto. A paz não vai estragar o meu domingo.

A paz nunca vem aqui, no pedaço. Reparou? Fica lá. Está vendo?

[...]

(FREIRE, 2014, p. 25-26)

Referências

ARAÚJO, E. S.; MORAES, S. G. Dos princípios da pesquisa em educação como atividade. *In*: Manoel Oriosvaldo de Moura. (Org.). Educação escolar e pesquisa na teoria histórico-cultural. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2017, p. 33-49.

ASBAHR, F. da S. F. Atividade de estudo como guia do desenvolvimento da criança em idade escolar: contribuições ao currículo de ensino fundamental. *In*: MESQUITA, A. M.; FANTIN, F. C. B.; ASBAHR, F. da S. F. (Org.). Currículo comum para o ensino fundamental. 2. ed. Bauru: Prefeitura Municipal de Bauru, 2016, p. 95-117.

ASBAHR, F. da S. F. A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da teoria da atividade. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 108-118, Aug. 2005.

BULHÕES, L. F. et al.; Formação de grêmios estudantis em escolas municipais: desafios e possibilidades. *Rev. Ciên.: Ext.* v.1 4, n. 2, p. 97-113, 2018.

DAVIDOV, V.; MÁRKOVA, A. La concépcion de la actividad de estudio de los escolares. *In*: DAVIDOV, V; SHUARE, M. (Org.). La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS (antología). Moscou: Progresso, p. 316-337, 1987.

DUARTE, N. Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski. Editora Autores Associados: Campinas, 1999.

FREIRE, M. Rasif: mar que arrebenta. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MARTINS, L. O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica. Tese (Livre-docente) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2011.

MARTINS, S. T. F. Processo grupal e a questão do poder em Martín-Baró. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 201-217, jan. 2003.

MARTINS, S. T. F. Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar sentir em Sílvia Lane. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. spe 2, p. 76-80, 2007.

MOURA, M. O. de; ARAUJO, E. S.; SERRÃO, M. I. B. Atividade orientadora de ensino: fundamentos. *Linhas Críticas*, v. 24, 13 fev. 2019.

MOURA, M.; ARAUJO, E. S.; MORETTI, V. D.; PANOSSIAN, M. L.; RIBEIRO, F. D.: Atividade orientadora de ensino: unidade entre ensino e aprendizagem. *Revista Diálogo Educacional*. 10(29), 205-229, 2010.

NEVES, J. C. T. Valores sociais, educação e resistência: fundamentos ontológicos e contradições históricas. 2018. 1 recurso *online* (187 p.). Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

PARO, V. H. Educação para a democracia: o elemento que falta na discussão da qualidade do ensino. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 13, n. 1, p. 23-38, 2000.

PASQUALINI, J. C.; MARTINS, L. M. Dialética singular-particular-universal: Implicações do método materialista dialético para a psicologia. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 362-371, ago. 2015.

PISTRAK, M. A auto-organização dos alunos. *In: Fundamentos da Escola do Trabalho*. Expressão Popular: São Paulo, 2000.

SFORNI, M. S. Aprendizagem conceitual e organização do ensino: contribuições da teoria da atividade. Araraquara: JM, 2004.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKI, L. S. Obras escogidas. Madrid: Machado Libros, 1996, v.4.

CAPÍTULO 10

A avaliação de professoras sobre a participação de estudantes no grêmio estudantil

*Camilla Schultz*⁴⁹

Introdução

No ano de 2012, foi criado o projeto de extensão Formação de Grêmios Estudantis em Escolas Públicas Municipais de Bauru, desenvolvido no município de Bauru, no interior paulista, em parceria entre o Departamento de Psicologia da Unesp e a Secretaria Municipal de Educação. Contando com a participação de dezesseis escolas municipais de ensino fundamental/anos iniciais e anos finais, o projeto consiste em fomentar a formação de grêmios dentro das escolas a partir da eleição de alunos organizados em chapas com o auxílio de extensionistas do curso de Psicologia e de uma tutora de cada escola. Depois dessa etapa, realizaram-se reuniões com os alunos para desenvolver seu ser político e democrático através de discussões, brincadeiras, leituras compartilhadas de livros etc.

49 Psicóloga pela Unesp de Bauru. Foi bolsista de iniciação científica pelo CNPq sob orientação da professora doutora Flávia da Silva Ferreira Asbahr. E-mail: camilla.schultz@unesp.br

Por meio dessas reuniões, os alunos participantes do grêmio estudantil promovem atividades envolvendo a escola em suas esferas política, estrutural, pedagógica, esportiva e de entretenimento dos estudantes⁵⁰.

Para Bulhões et al. (2018), o projeto dos grêmios tem como referência “a necessidade de implementação real da gestão democrática escolar”, sendo essa uma gestão que possibilita a participação de todos os membros da instituição educacional (como os alunos, professores, funcionários e pais) nas decisões tomadas no ambiente da escola. O grêmio estudantil, dessa forma, busca fomentar a participação da categoria estudantil na democracia escolar.

O projeto é de extrema importância, principalmente diante da história dos movimentos estudantis no Brasil. Em 1938, durante o governo de Getúlio Vargas, foi criada a União Nacional dos Estudantes (UNE), que promoveu uma série de atividades em escala nacional e conquistou, ao longo dos anos, relevância política no país. Quando acontece o golpe cívico-militar, no ano de 1964, a UNE faz frente à ditadura e se torna uma das organizações mais perseguidas, por conta do medo do governo militar de que suas atividades adquirissem uma grande proporção (CHAGAS, 2009).

Foi só com o fim da ditadura que os estudantes conseguiram se articular de forma mais expressiva e

50 Em Bulhões et al. (2018), há uma descrição sobre o funcionamento do projeto.

que, a partir do ano de 1985, com o fim do regime, leis começaram a ser elaboradas para garantir os direitos de organização dos estudantes em grêmios, como a Lei nº 7.398, de 4 de novembro de 1985, que assegura a organização dos estudantes em entidades com finalidades educacionais, culturais, cívicas esportivas e sociais. Essa lei ficou conhecida como a Lei do Grêmio Livre.

O grêmio estudantil busca ser um ambiente democrático, na medida em que dá voz aos estudantes dentro do espaço escolar e luta para garantir seus direitos. Essa democracia é promovida nos coletivos infantis e/ou juvenis, com atividades que exaltam a dimensão política da educação escolar de maneira que haja uma unidade entre o conteúdo e a forma de ensinar, visando ao distanciamento do intelectualismo, como ressalta Asbahr (2016). O ensino de conceitos como democracia, representatividade e participação é de grande importância, porém, para que a aprendizagem seja efetiva, é necessário que haja uma correlação entre o conceito e a prática, e o grêmio estudantil é um espaço em que essa relação é promovida.

O grêmio é um ambiente de educação por ser um espaço coletivo, não apenas uma reunião com um conjunto de estudantes, mas sim um grupo engajado, o qual não se reduz à soma das crianças. De acordo com Pistrak (2000), “o coletivo apresenta propriedades que não são inerentes ao indivíduo, a quantidade se transforma em qualidade” (p. 177). Assim, considerando o contexto escolar individualizante em que a maioria dos

alunos estão inseridos e habituados, é importante que a vivência coletiva seja ensinada. O autor afirma que é necessário “desenvolver interesses entre as crianças, inspirando-lhes interesses novos” (p. 177), processo que pode ocorrer no grêmio estudantil. As extensionistas e tutoras do projeto levam assuntos e conceitos novos a cada reunião para que sejam discutidos e apreendidos, como, por exemplo, os conceitos de democracia e representatividade, fomentando a compreensão e a vida política na criança.

A partir dessa inspiração de novos interesses, é trabalhada em todas as atividades a iniciativa coletiva, buscando transformar a visão de mundo individualizante da criança em uma coletiva. O coletivo das crianças, mediado pela intervenção intencional dos adultos, cria a auto-organização, enquanto as atividades comuns em que o professor ou responsável é o único a controlar e dirigir os alunos, com autoridade, não criam possibilidades de as crianças manterem a ordem e organização por conta própria (PISTRAK, 2000).

Dito isso, é possível afirmar que o grêmio estudantil atua também como espaço de ensino-aprendizagem e pode promover a mudança da relação do aluno com a escola e com a atividade de estudo. Segundo Martins (2013), com base em Vigotski, a aprendizagem é uma condição para o desenvolvimento. Desse modo, sendo o grêmio um espaço de ensino-aprendizagem, é ele também um espaço que proporciona o desenvolvimento dos seus participantes. Com as atividades de participação

política, o grêmio estudantil impulsiona as crianças a práticas com sentido social, desenvolvendo sua autonomia e coletividade.

O grêmio estudantil é, assim, um espaço de ensino-aprendizagem e de enfrentamento, colocando em foco as reivindicações dos alunos e buscando a garantia de direitos, além de desenvolver esferas psíquicas e cognitivas. Os grêmios formam-se e são organizados pelos estudantes, porém encontrar auxílio e apoio entre os demais participantes da esfera escolar facilita o caminho para uma construção democrática.

Exatamente por isso se faz importante buscar compreender como as professoras⁵¹ avaliam e compreendem o grêmio estudantil dentro de suas escolas e quais são, na sua visão, os resultados positivos ou negativos que proporcionam. Dessa forma se torna possível enriquecer o debate, avaliar os pontos positivos e que estão funcionando para ambos os lados e aqueles que podem ser aperfeiçoados, de forma a garantir uma relação saudável e democrática entre todos os segmentos da escola.

Além disso, uma avaliação das professoras que estão em contato com os alunos gremistas é muito significativa, uma vez que são elas que acompanham de perto o desenvolvimento dos estudantes que participam do grêmio e suas mudanças durante o ano letivo, principalmente em sala de aula. Com a hipótese de que

51 Todas as participantes são mulheres, por isso o termo é usado no feminino, “professoras”.

o grêmio estudantil é um espaço de desenvolvimento, buscou-se investigar o modo como as professoras percebem as mudanças no comportamento dos alunos no dia a dia da sala de aula e como se vinculam ou não essas alterações à participação na entidade estudantil em foco.

Objetivos

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar qual é a avaliação das professoras sobre a mudança do comportamento dos alunos participantes do grêmio.

Os objetivos específicos foram: 1) investigar qual é a opinião das professoras sobre o papel do grêmio na escola; 2) analisar se elas acreditam que as mudanças de comportamento que as crianças apresentaram estão relacionadas à participação no grêmio estudantil; 3) examinar quais aspectos elas acreditam que as crianças desenvolveram por conta da participação no grêmio.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida em concomitância e integralidade com outras duas investigações: uma sobre a organização das atividades de formação dos grêmios em prol do desenvolvimento infantil⁵², e outra sobre o papel

52 BRAGA, P. G. A organização das atividades de formação dos grêmios estudantis em prol do desenvolvimento infantil.

da participação do grêmio no desenvolvimento psíquico dos alunos⁵³, ambas também apresentadas neste livro. Para a realização das três pesquisas, foram realizadas entrevistas com os gremistas e com as professoras e filmagens das reuniões do grêmio. Além disso, pesquisadoras envolvidas participaram ativamente no planejamento das reuniões e auxiliaram os alunos nas atividades propostas por eles. Ressalta-se que a pesquisa foi realizada em uma escola municipal⁵⁴ de Bauru com turmas de ensino fundamental/anos iniciais, ou seja, de 1º ao 5º ano.

A pesquisa constitui-se como exploratória e foi desenvolvida com dez professoras de ensino fundamental/anos iniciais, que tinham em suas salas alunos participantes do grêmio estudantil (um total de treze alunos). De forma a garantir o sigilo sobre a identidade das participantes, as professoras foram nomeadas de P1 a P10 e os alunos de A1 a A13. Os gremistas foram eleitos por meio de uma votação na escola com a participação de todos os alunos. As crianças eram de diferentes salas, o que possibilitou a participação de diversas professoras.

A coleta de dados se deu em dois momentos: o primeiro no mês de abril de 2019, após a eleição dos gremistas, porém antes do início das reuniões da

53 PRATA, D. M. I. O papel da participação do grêmio estudantil no desenvolvimento psíquico de alunos de ensino fundamental I.

54 Os nomes da escola e das professoras foram suprimidos para preservar sua identidade de acordo com as recomendações éticas em pesquisa com seres humanos.

chapa; o segundo no mês de novembro do mesmo ano, na última semana de atuação do grêmio estudantil eleito.

No início do ano letivo, as participantes responderam a um formulário que continha questões abertas e fechadas sobre o comportamento dos gremistas em sala de aula e sobre sua relação com o ambiente escolar, com o objetivo de investigar a participação de cada criança nas aulas, seu comprometimento na realização das tarefas escolares, as notas obtidas em avaliações, a relação com os outros colegas de sala e a relação do estudante com a leitura e escrita.

No final do ano letivo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as professoras, com o objetivo de levantar novamente as informações que foram pedidas no questionário inicial. Assim, foi possível realizar uma comparação entre a visão das professoras antes de os alunos participarem do processo de formação do grêmio e depois. Adicionalmente, buscou-se compreender a visão das professoras acerca do papel do grêmio no contexto escolar.

Um termo de consentimento livre e esclarecido foi entregue às participantes e o projeto também foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade e à Plataforma Brasil⁵⁵.

Para o tratamento dos dados, foi realizada a leitura das informações de pesquisa, ou seja, dos questionários

55 Protocolo de aprovação CAAE: 15932119.2.0000.5398

iniciais, e a transcrição da entrevista final. Os dados foram agrupados e analisados para responder às questões de pesquisa, sendo realizada uma comparação entre: 1) o formulário e as entrevistas com as professoras dos alunos do grêmio; 2) as respostas dadas pelas professoras sobre o papel do grêmio na escola; e 3) quantos alunos elas consideraram terem-se desenvolvido em razão da participação e quais foram os aspectos desenvolvidos.

Resultados da discussão

Como se sabe, as professoras são as profissionais que acompanham quase que diariamente o desenvolvimento dos alunos e são responsáveis por transmitir o conhecimento sistematizado; com isso elas são importantes agentes na construção do processo democrático dentro do ambiente escolar. Viu-se, então, a necessidade de compreender como essas professoras definem o papel do grêmio na escola, para que seja possível analisar dialeticamente sua influência na construção da democracia escolar. Além disso, elas podem oferecer elementos importantes para pensar o grêmio e suas contribuições à comunidade escolar e aos alunos individualmente.

A análise está dividida em dois momentos: a comparação entre os instrumentos utilizados no início e no final do procedimento de pesquisa e a análise das respostas das professoras na entrevista final. O Quadro

1 apresenta a comparação entre as respostas dadas a cada categoria nos dois momentos de coleta de dados de forma bruta, ou seja, agrupando os resultados de todos os alunos. Para cada pergunta, as professoras tinham três opções de resposta: sempre, às vezes e nunca.

Em ambos os momentos foram realizadas as mesmas perguntas: o aluno costuma prestar atenção nas aulas? O aluno realiza as atividades propostas na aula? O aluno costuma obedecer aos combinados da sala? O aluno tem um bom desempenho nas atividades? O aluno tem uma escrita compatível com seu ano de escolarização? O aluno tem uma leitura compatível com seu ano de escolarização? O aluno tem um desenvolvimento da oralidade compatível com seu ano de escolarização (por exemplo, fala bem em público)? O aluno participa ativamente da aula?

As categorias que tiveram mais mudança do início para o final do ano foram: escrita compatível, oralidade compatível e participação nas aulas. As categorias realização das atividades e leitura compatível não tiveram alterações; e as demais tiveram mudanças mínimas.

Além das perguntas fechadas, no questionário inicial foram feitas três questões abertas: como é a socialização do aluno na escola? Como você considera o engajamento desse aluno com as atividades de classe? E como você considera o engajamento desse aluno com a escola? Porém as professoras não responderam ou responderam com poucas palavras, o que não gerou material para análise.

Quadro 1: Comparação das respostas iniciais e finais

Categorias	Frequência	Número de respostas no início do ano	Número de respostas no fim do ano
Atenção em aula	Sempre	11	10
	Às vezes	1	2
	Nunca	1	1
Realização das atividades	Sempre	11	11
	Às vezes	2	2
	Nunca	0	0
Obedece aos combinados	Sempre	10	8
	Às vezes	3	3
	Nunca	0	2
Tem bom desempenho	Sempre	9	11
	Às vezes	3	1
	Nunca	1	1
Escrita compatível	Sempre	8	10
	Às vezes	4	1
	Nunca	1	2
Leitura compatível	Sempre	10	10
	Às vezes	2	2
	Nunca	1	1
Oralidade compatível	Sempre	8	12
	Às vezes	5	1
	Nunca	0	0
Participação nas aulas	Sempre	8	11
	Às vezes	5	2
	Nunca	0	0

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Na entrevista realizada no final do ano, as professoras foram questionadas se consideravam que seus alunos haviam se desenvolvido em função da participação no grêmio. Das treze crianças, as professoras consideraram que onze haviam se desenvolvido.

Com base nisso, as professoras foram questionadas a respeito dos aspectos do desenvolvimento das crianças que elas acreditavam estarem relacionados à participação no grêmio. As respostas foram agrupadas a partir de uma análise temática de suas respostas, como é possível observar no Gráfico 1. Cinco categorias foram as que mais apareceram: 1) perder a vergonha/timidez; 2) outros: liderança, melhora no comportamento e coletividade; 3) mais consciente; 4) saber se posicionar e ouvir o outro; e 5) não soube dizer.

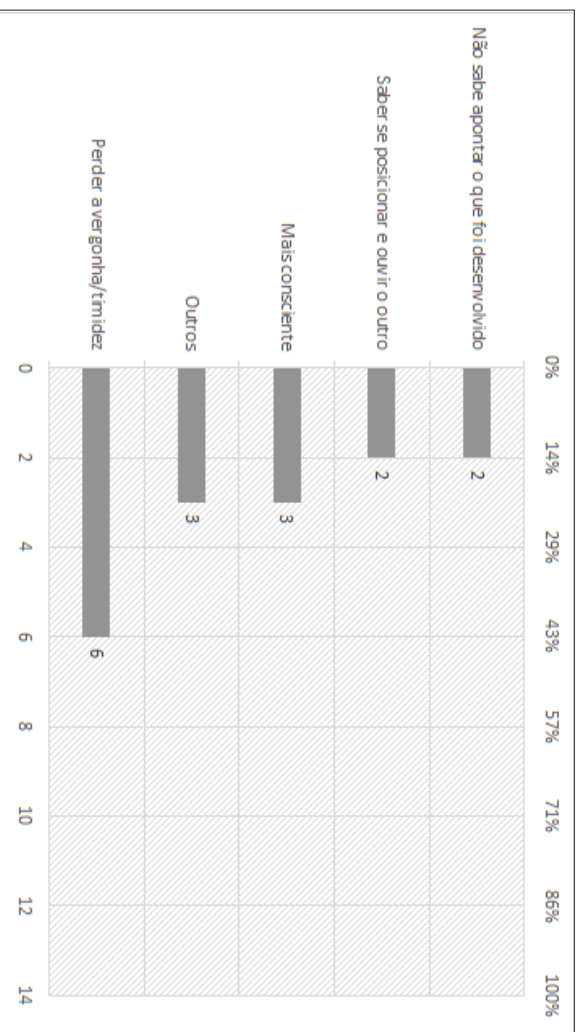
Na categoria “outros”, surgiram três tópicos: liderança, melhora no comportamento e coletividade. O primeiro foi citado pela P3, que afirmou que em sua aluna aflorou a liderança ainda mais após a participação; a P2 disse: *Eu achei que ele aprendeu mais a seguir as regras, por ele ter que dar esse exemplo*, referindo-se à responsabilidade de ser representante dos demais alunos e por isso ter que ser um exemplo aos colegas; outra docente disse que percebeu que o aluno melhorou seu comportamento em sala principalmente em relação à conversa excessiva.

Vale pontuar que a análise de afirmações como a da P2 deve ser feita com cuidado, levando em conta que os princípios que as professoras acham positivos estão vinculados a um valor social dado a eles:

Não se trata apenas do fato de que é preciso afirmar a importância de certos valores progressistas, mas, antes, de indicar a própria especificidade ontológica da atividade educativa, isto é, de constatar que a produção e a socialização de conhecimentos sempre carrega determinados valores, que encaminham os conteúdos em determinada direção na prática social. [...] Este estado de coisas se caracteriza por uma formação definida em função das demandas e dos valores do mercado, marcada por uma disciplinarização esvaziada, em condições precárias de estudo e ensino, com vistas ao treinamento, que tem por horizonte mecanismos de avaliação escolar também vazios de significado, senão para agências financiadoras, não raro estrangeiras. (NEVES, 2018, p. 107)

Essa discussão está intrinsecamente relacionada às respostas das professoras, que avaliam como positivo o comportamento do aluno de seguir regras, de manter-se em silêncio, não questionar etc. Uma das professoras que avaliou que seu aluno não se desenvolveu durante o ano disse: *Com a posição que ele tem [no grêmio] ficou mais corajoso, sabe, de não fazer mesmo. O grêmio deu um poder, não sei.* Em seu ponto de vista, esse comportamento de questionar as tarefas que eram dadas e de expressar suas vontades é prejudicial, sendo apoiado por um valor social. Porém é possível pensar nesse mesmo

Gráfico 1: O que as crianças desenvolveram na participação



Fonte: elaborado pela autora (2020).

comportamento como algo positivo. O que seriam dos movimentos sociais sem o questionamento e o enfrentamento? Avaliamos que esse questionamento pode ser mais bem desenvolvido em estudos futuros.

O último tópico da categoria “outros” foi “coletividade”. A P10 citou o desenvolvimento do pensamento coletivo que ela reparou em seu aluno gremista, exemplificando o caso com um episódio em que sua sala estava discutindo como a escola deveria usar o dinheiro que receberia da prefeitura: *A gente estava comentando sobre o tablete, né?, “ah, vou ficar com o tablete na sala”, mas tem que ser pra todos, não pode pensar só na nossa sala, se não puder comprar pra todos então vai ter que dividir com todos, né? Eu acho interessante esse tipo de reflexão, até pela própria idade, está certo que já estão passando dessa fase do egocentrismo, mas ainda são, né? E seria comum eles pensarem primeiro neles, mas aí ele já puxa, “mas e a escola? Isso vai ser legal pra escola?”.*

Os grêmios são entidades estudantis que surgiram com o objetivo de organizar a categoria para lutar pelos seus direitos, porém ainda estão em um processo de formação. Essa morosidade pode ter suas causas na falta de incentivo à participação dos jovens, assim como a muitos outros comportamentos que precisam ser aprendidos, como opinar, agir e pensar coletivamente (ASBAHR et al. 2017).

Paro (2000) pontua que muito se fala sobre a incompetência política da população brasileira, porém “não se vê a mesma ênfase na atribuição à escola de funções

formadoras das qualidades políticas e sociais que se reclamam dos cidadãos”. O autor postula também que o conhecimento sobre política e democracia se constrói na própria prática social. Ao dar espaço para um órgão colegiado como o grêmio estudantil, abre-se uma oportunidade para que prática social seja iniciada e, assim, uma formação que abranja a ação e o pensamento coletivos. As ideias de Caetano (2009) vão ao encontro dessa afirmação, uma vez defende que é necessário resgatar a importância da escola enquanto local de socialização, já que assim será possível desenvolver e fortalecer comportamentos coletivos.

A P10 exemplificou essa importância do grêmio estudantil ao ressaltar o desenvolvimento do pensamento coletivo em um aluno que foi gremista. Segundo as professoras, não só o pensamento coletivo se formou, como também aumentou a participação dos alunos em ambientes coletivos, como é possível observar no Quadro 1, em que o tópico “participação nas aulas” teve uma mudança positiva do início para o final do ano. Apesar de esse comportamento não ter sido analisado em outros ambientes, a mudança em sala de aula já é significativa, uma vez que ela se constitui como um espaço coletivo.

O desenvolvimento da participação pode ser relacionado a outras duas categorias: “perder a vergonha/timidez” e “saber se posicionar e ouvir o outro”. A categoria “perder a vergonha/timidez” foi a mais citada. Sobre uma aluna que entrou para o grêmio, a P3 disse: *ela fazia questão de se esconder, ela vinha perto de mim*

e falava muito baixinho no começo, né? Agora não, ela se posiciona [...]. A observação da P4 foi muito parecida: O que o grêmio acrescentou para ela foi a parte de oralidade mesmo, a parte dela que ela não tinha muito de falar, de conversar, de perguntar... às vezes nem pergunta ela fazia, então às vezes eu nem sabia se ela estava aprendendo ou não, tinha que ir lá ver se ela estava fazendo ou não, mas aí percebi que depois que ela entrou no grêmio ela passou a me perguntar “pro, olha, aqui eu não entendi”, e ela não tinha essa fala antes de ir perguntar.

Duas professoras, P6 e P10, citaram o “saber se posicionar e ouvir o outro”. A P6 disse: *Acho que, depois do grêmio, ela realmente entende que ela pode se posicionar, que ela não precisa ser agressiva ou falar mais alto, lógico que ela está em aprendizagem, está em desenvolvimento, mas é evidente.* A P10 salientou que seu aluno se tornou mais empático, tanto com ela quanto com seus colegas, mas que a principal mudança foi esta: *“percebi que durante o ano essa parte de ouvir o outro ele tem cada vez melhorado mais... e as ideias também, ele tem pensado coisas pra escola, não só pra sala de aula.*

Apesar de as professoras não relacionarem essas categorias ao conceito de participação, isso fica implícito em suas observações. Bianco e Nonato Junior (2008) dizem que a fragilidade no processo participativo está diretamente relacionada ao fato de a comunidade escolar (professores, pais, alunos e funcionários) não estar habituada a uma cultura democrática. Portanto, ao colocar as crianças em contato com essa cultura, ensiná-las

sobre a participação e incentivá-las a pensar coletivamente, foi possível que suas professoras percebessem essa significativa diferença.

Na categoria “mais consciente”, as professoras comentaram a mudança de comportamento em relação às brincadeiras ofensivas. A P7 disse: *ele melhorou bastante, não que ele seja uma criança que apronta, mas assim, ele é criança, então volta e meia saem umas brincadeiras, só que ele está mais consciente agora, que as vezes eu nem preciso falar nada*. A P8 disse que sua aluna demonstrou, depois da participação, uma consciência maior dos problemas do mundo em razão das discussões que o grêmio estudantil possibilitou sobre as questões sociais.

Toassa (2006), ao trazer a discussão do conceito de consciência em Vigotski, diz que esse é um sistema psicológico composto por estruturas como a memória, a atenção, sentimento, linguagem oral e escrita, e que não é um sistema estático. Está em constante desenvolvimento, uma vez que é mediado socialmente pelo meio no qual se encontra.

A afirmação de que as crianças estão mais conscientes vai ao encontro dessa perspectiva teórica, sendo que essa “nova” consciência que eles demonstram foi mediada socialmente pela participação grupal. No grêmio, foram realizadas discussões sobre coleta de lixo, reciclagem, a pouca oferta de alimentos para algumas famílias etc., que podem ter sido mediadoras para que a aluna da P8 se tornasse mais consciente sobre a realidade. Além disso, nas discussões do grupo, sempre foi

incentivado o respeito com os colegas e, em mais de um momento, houve discussão sobre o *bullying*. Ambas as situações podem estar relacionadas com o comportamento mais consciente do aluno da P7.

Por fim, duas professoras disseram não saber apontar quais comportamentos os alunos desenvolveram em função da participação no grêmio estudantil. Uma delas começou a dar aula para a aluna gremista somente três meses antes da entrevista e não se sentiu apta para opinar devido ao pouco tempo de contato. A outra professora, a P9, disse reconhecer que o grêmio possibilita um desenvolvimento, mas não soube apontar especificamente qual seria.

Considerando a pergunta “Para você, qual é o papel do grêmio estudantil dentro da escola?”, realizada ao final do ano letivo, na entrevista semiestruturada, o Gráfico 2 mostra as categorias que mais apareceram nas respostas: 1) contato com conceitos da democracia (democracia, representatividade, voto, equidade etc.); 2) desenvolvimento de responsabilidade; 3) outros (desenvolvimento de liderança, melhora da relação entre alunos/direção/coordenação, socialização entre as crianças); 4) visão da criança sobre a escola; e 5) desenvolvimento da participação.

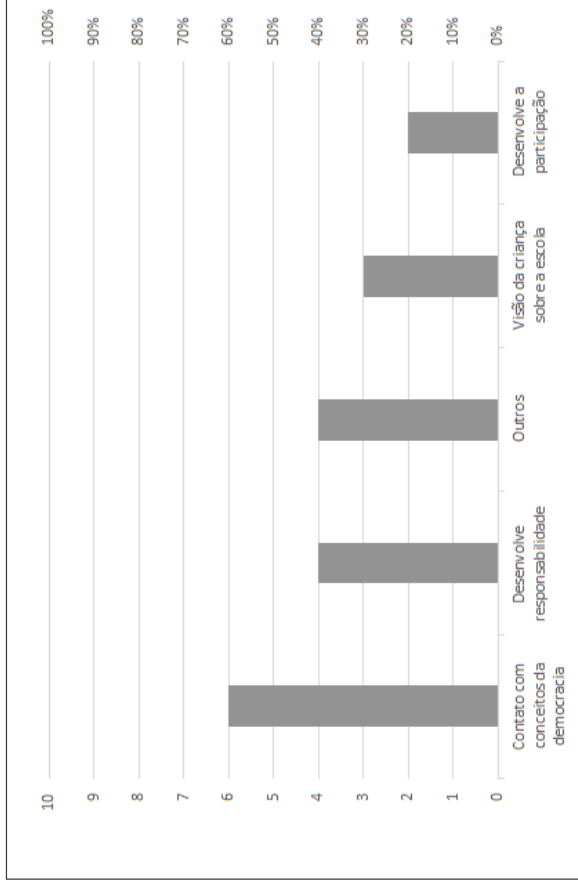
O tópico mais frequente na fala das professoras foi que o grêmio estudantil proporcionou contato com os conceitos da democracia. A P5 disse: *Eu acho que o grêmio é importante principalmente para introduzir a democracia, né? A criança começa a entender que ela tem direitos, mas*

que ela também tem deveres. A P10 enfatizou a importância do voto: Acho que é o primeiro passo para eles terem conhecimento sobre direitos, deveres e política, né? [...] eu vejo o grêmio como uma forma de que eles vivenciem isso dentro da escola, né? Então eles se organizam, votam, mas não tem que ir pela beleza, e sim pela proposta.

Em seguida, “desenvolve responsabilidade” foi o que mais emergiu nas respostas das participantes. A P2 afirmou: *Os alunos, eles pensam que vão ser exemplo para os outros, estão sempre repensando as atitudes deles.* Todas as professoras que citaram esse papel do grêmio estudantil disseram que, ao fazer parte do movimento, o aluno se torna um exemplo para o restante da escola, tendendo a se comportar com mais responsabilidade.

Scorsoline et al. (2005), em um estudo de caso, perceberam que o grêmio vinha cumprindo um papel de “executor de tarefas”, já que não consegue participar dos processos deliberativos dentro do ambiente escolar. Porém, ao avaliar as declarações das professoras, podemos perceber um movimento contrário, que valoriza a visão dos alunos sobre suas demandas. A P6 disse: *Porque essa participação deles é importante pra nós, pra eles verem como a escola funciona, o que necessita, o que precisa, é de fundamental importância mesmo.* A P8 também destacou: *Mas o grêmio, ele tem voz dentro da escola e ele pode apontar melhor aquilo que ele vê como aluno e também vê como escola.* Com isso, as respostas das professoras demonstram um avanço na forma de pensar o grêmio, mas também apontam a necessidade de discussões mais profundas.

Gráfico 2: O papel do grêmio na escola



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Duas professoras comentaram que o grêmio é um espaço que desenvolve a participação. A P3 disse: *A criança se desenvolve na questão da participação, na questão de propor as ideias. Quando ela propõe as ideias, daí ela começa a pensar no ambiente.* A P4 ressaltou: *Em sala de aula os alunos se sentem mais participativos, quando dou trabalho em grupo eles tentam ajudar mais.*

Todos esses tópicos vão ao encontro da proposta de uma gestão democrática da escola, que implica a participação de todos os membros da comunidade escolar (professores, pais, alunos, funcionários) nas decisões que visam a uma melhora na qualidade de ensino. Com esse tipo de gestão, o aluno tem voz ativa e pode participar das decisões que dizem respeito à sua aprendizagem, colocando em prática os conceitos de democracia, participação e coletividade.

A democracia é caracterizada por uma participação ativa de seus cidadãos e, para que possam exercer essa função, eles precisam estar aptos, tendo aprendido a ser participativos e defender suas demandas e opiniões. Assim, a educação deve capacitar esses sujeitos por meio de um ensino planejado para a formação do cidadão democrata (PARO, 2000).

Porém, para que isso ocorra, é necessário que os profissionais que atuam no ambiente escolar estejam preparados. Caetano (2008) resalta que a construção democrática na escola não depende apenas de regulamentações legais, mas de um “(re)conhecimento por parte de todos os agentes da mudança, acerca

das possibilidades, responsabilidades e benefícios do programa de gestão democrática”. E as dificuldades aumentam na medida em que a maioria dos docentes só entra em contato com o grêmio e as demais instâncias colegiadas quando vai trabalhar em escolas públicas, uma vez que esses temas não são discutidos em seus cursos de graduação (RUIZ e SANDANIEL, 2014).

Seria necessário uma formação que trouxesse ao profissional da educação discussões e reflexões acerca de múltiplos fatores que compõem a democracia para uma formação política:

Para tanto, a formação dos professores incorporaria o estudo de formas de apreensão dos saberes cotidianos construídos a partir da prática social dos indivíduos e, em paralelo, potencializaria no professor o conhecimento dos elementos explicativos da realidade, do nível micro ao macro, do local ao global, das simples às múltiplas determinações, do psicológico ao sociológico, da economia à política, base conceitual para a atuação política do docente. (VIRGINIO, 2012, p. 204)

Como é possível observar, as professoras da escola em que a pesquisa foi realizada trazem uma visão aberta e dialogada sobre o papel do grêmio. Mas é importante ressaltar que o projeto está presente em Bauru desde o ano de 2012 e já propiciou momentos de discussão

e reflexão sobre a participação estudantil. Contudo, ainda há posicionamentos que vão na contramão da busca por um espaço democrático.

Chagas (2009) fez uma análise de documentos relacionados ao grêmio estudantil no estado do Paraná. Ele percebeu que, na maioria desses textos, a entidade estudantil é descrita sem que seja reivindicado seu papel político, mas, muitas vezes, atribuindo-lhe a função de colaboradora da direção escolar ou um caráter recreativo. Esse discurso, que deixa de lado a dimensão política do grêmio estudantil, surgiu na resposta da P7: *O grêmio é importante porque faz essa ligação entre os outros alunos da escola e no caso da direção, coordenação, professores.*

No tópico “outros”, surgiram declarações que não corroboram com a ideia da gestão democrática. A P3, por exemplo, sugere que o grêmio estabeleça regras para que os alunos possam ou não participar: *Infelizmente para a gente participar das coisas é cobrado alguma coisa e nós, para você passar em um concurso tem que ter uma nota mínima, para trabalhar você precisa ter um bom... eu acho que para participar do grêmio, uma coisa mais constante de vocês cobrarem, porque vocês perguntam, mas não têm prova.* Sua argumentação estava relacionada a alunos que não cumprem as tarefas de sala ou não têm um bom comportamento, fugindo da ideia de equidade proposta pelos espaços democráticos e pelo movimento estudantil.

Para Asbahr et al. (2017), um dos desafios do projeto é estimular uma formação continuada que incentive a relação com processos escolares cada vez

mais democráticos e que possam incluir todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar.

Considerações finais

De acordo com a análise das professoras, a participação no grêmio estudantil contribui positivamente no desenvolvimento da participação dos alunos em sala de aula e também em outros ambientes, além de colocar em prática conceitos como democracia, política, representatividade e coletividade.

Também é possível observar um avanço na compreensão que as professoras têm sobre papel que o grêmio exerce no ambiente escolar (sobretudo na formação dos alunos), mas ainda de forma incipiente. Há necessidade de levar o tema para os espaços de formação de professores para auxiliar no processo de busca por uma gestão completamente democrática, que respeite, de fato, os ambientes de reivindicação estudantil e os demais órgãos colegiados.

Além disso, essa investigação demonstrou que existem desafios a serem superados pelos grêmios, tais como a necessidade da tutela de coordenadores e professores da escola e o papel de meros executores da direção escolar, alcançando mais autonomia para exercer e conquistar as reivindicações estudantis.

Esperamos que a pesquisa possa abrir portas para outras investigações, como, por exemplo, analisar se

as impressões dessas professoras se confirmam no relato de outros atores da comunidade escolar: funcionários, diretores, pais e alunos; avaliar se professores que tenham tido uma formação que inclui discussões sobre o tema desenvolveram outra visão sobre o grêmio estudantil e seus participantes; avaliar como a participação afeta os estudantes de diferentes faixas etárias e se essa participação desenvolve adultos politicamente ativos.

Referências

ASBAHR, F. da S. F. Atividade de estudo como guia do desenvolvimento da criança em idade escolar: contribuições ao currículo de ensino fundamental. *In*: MESQUITA, A. M. de; FANTIN, F. C. B.; ASBAHR, F. da S. A. (Org.). Currículo comum para o ensino fundamental. 2. ed. Bauru: Prefeitura Municipal de Bauru, 2016, p. 95-117.

ASBAHR, F. da S. F et al. Grêmios estudantis e a psicologia histórico-cultural: o exercício da democracia e seu papel no desenvolvimento psíquico. *In*: EUZÉBIO FILHO, A. (Org.). Psicologia(s) para além do consultório: reflexões e contextos de atuação. Curitiba: Juruá, 2017, p. 95-112.

BIANCO, A. A.; NONATO JUNIOR, R. A contribuição dos grêmios estudantis para o exercício da gestão democrática. Programa de Desenvolvimento da Educação do Paraná. Curitiba: Seduc, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2459-8.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2020.

BRASIL. Lei nº 7.398, de 4 de janeiro de 1985. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 4 jan. 1985. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7398.htm>. Acesso em: 27 jun. 2020.

BULHÕES, L. F. et al.; Formação de grêmios estudantis em escolas municipais: desafios e possibilidades. Rev. Ciên. Ext., v. 14, n. 2, p. 97-113, 2018.

CAETANO, M. R. Reflexões sobre gestão democrática e qualidade de ensino. 2009. Disponível em: <https://saga.faccat.br/p907/c_arquivo.php?chave=39> Acesso em: 20 jun. 2020.

CHAGAS, M. R. J. História da organização estudantil e os grêmios na atualidade. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/MARCOS%20artigo%20GT%2006.pdf>> Acesso em: 5 maio 2020.

DUARTE, N. Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

MARTINS, L. M. O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2013. v. 1, 336 p.

NEVES, J. V. T. Valores sociais, educação e resistência: fundamentos ontológicos e contradições históricas. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

LEONTIEV, A. Sobre o desenvolvimento histórico da consciência. In: O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

PARO, V. H. Educação para a democracia: o elemento que falta na discussão da qualidade do ensino. Revista Portuguesa de Educação, Braga, v. 13, n. 1, p. 23-38, 2000.

PASQUALINI, J. Contribuições da psicologia histórico-cultural para a educação escolar de crianças de 0 a 6 anos: desenvolvimento infantil e ensino em Vigotski, Leontiev e

Elkonin. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.

PISTRAK, M. A auto-organização dos alunos. *In: Fundamentos da escola do trabalho. Expressão Popular: São Paulo, 2000.*

RUIZ, M. J. F.; SANDANIEL, A. Formação docente e democratização da gestão na escola pública. *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, v. 6, n. 10, p. 111-124, 30 jun. 2014.

SCORSOLINE, A. B.; MOURA, M. R. L.; SANCTIS, J. O. Grêmios estudantis: desafios e impasses na construção da cidadania. *In: Revista HISTEDBR, Sorocaba, 2005.*

TOASSA, G. Conceito de consciência em Vigotski. *Psicologia USP*, n. 17, v. 2, p. 59-83, 2006.

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES. História da UNE. UNE, 2011. Disponível em: <<https://une.org.br/2011/09/historia-da-une/>>. Acesso em: 1 abr. 2020.

VIRGINIO, A. S. Educação e sociedade democrática: interpretações sociológicas e desafios à formação política do educador. *Sociologias*, v. 14, n. 29, p. 176-212, 2012.

Participação do aluno com deficiência no grêmio estudantil: uma revisão de materiais didático-pedagógicos

*Cássia Aparecida Magna Oliveira*⁵⁶

*Flávia da Silva Ferreira Asbahr*⁵⁷

*Vera Lucia Messias Fialho Capellini*⁵⁸

Este capítulo deriva da dissertação de mestrado “Aluno com deficiência em grêmio estudantil: um programa de formação visando a sua participação” (OLIVEIRA, 2019), que teve como objetivo geral analisar o efeito de um programa de formação com atividades didático-pedagógicas no desenvolvimento da autonomia e da participação no grêmio estudantil destinado

56 Mestre, membro do grupo de pesquisa A Inclusão da Pessoa com Deficiência, TGD/TEA ou Superdotação e os Contextos de Aprendizagem e Desenvolvimento. Coordenadora do projeto Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de Bauru, da Secretaria Municipal de Educação de Bauru/SP. Autora da dissertação.

57 Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru. Coordenadora do projeto Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de Bauru, da Secretaria Municipal de Educação de Bauru/SP. Coorientadora da dissertação.

58 Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem e do Programa de Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica, da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru. Vice-diretora da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru. Orientadora da dissertação.

a alunos que apresentam deficiência de turmas do 4º ano do ensino fundamental/anos iniciais.

É papel fundamental da escola promover a aprendizagem na perspectiva da educação inclusiva, de modo que todos os alunos possam ter acesso e participação e se desenvolver diante de todo o projeto escolar. Em relação ao quesito participação (BORDENAVE, 1994; PARO, 2011; BULHÕES et al., 2018), a escola precisa ir além da promoção, sua função deve ser a de ensiná-la e garanti-la.

Assim sendo, a formação do aluno para participar do grêmio não deve causar estranhamento na escola, uma vez que essa instituição, além da função geral de promover o desenvolvimento pleno dos estudantes, conforme a LDBEN nº 9.394/96 (BRASIL,1996), tem o papel de desenvolver habilidades e conteúdos atinentes à formação e à atuação de um cidadão crítico.

Ressalta-se que tais conteúdos já são apontados em diversos documentos oficiais que embasam a escola: Constituição Federal (BRASIL, 1988), LDBEN nº 9.394/96 (BRASIL,1996), Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2016).

A Constituição Federal (BRASIL, 1988, p. 1), em seu artigo 205, assegura que “[...] educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania [...]”. Entende-se que, na formação

para a cidadania, o marco legal pressupõe a participação do sujeito.

Igualmente, a LDBEN nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), em seu capítulo II, artigo 22, reitera que “[...] a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania [...]” e ainda acrescenta, no artigo 32, que a educação terá por objetivo a formação básica do cidadão: “III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores”.

Como se vê, todos os documentos ligam a finalidade da escola e dos conteúdos à cidadania, à formação de sujeitos críticos e à participação como direito, o que também parece estar implícito na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2016, p. 306), no campo das ciências humanas, no ensino fundamental/anos iniciais e anos finais.

Além dos documentos oficiais, outros autores enfatizam o papel da escola na formação da participação e da cidadania. Pistrak (2011), por exemplo, destaca que a escola não deve somente formar, mas também ajudar os alunos a organizarem a própria vida, com base em seus interesses, já que eles já fazem parte do coletivo social. Oliveira, Papim e Paixão (2018, p. 23) apontam também para a necessidade de uma organização da escola por meio do “coletivo e horizontal”, isto é, com a participação de todos os integrantes da escola, incluindo a família. Dessa forma, o ensino poderá impulsionar o

desenvolvimento dos estudantes, incluindo os da educação especial, possibilitando-lhes realizar novas ações de forma emancipatória, por meio do pensar (PUIG et al., 2000; ABDIAN; BULHÕES et al., 2018).

Nessa perspectiva, tomamos o grêmio como referência para uma educação que compreende o aluno em formação rumo às transformações para a democratização das relações escolares, a partir da ação dos próprios alunos, isto é, da participação, autonomia e protagonismo (DAL RI, 2012; ASBAHR et al., 2017).

Dentro desse desafio, é fundamental pensar, como recorte do trabalho, o ensino e a garantia da participação dos alunos intitulados de público-alvo da educação especial, com ênfase no aluno com deficiência (BRASIL, 2008; 2015). Ressalta-se, ainda, que os alunos com deficiência têm o mesmo direito que os demais de participar nos grêmios estudantis, conforme destacam Oliveira, Capellini e Asbahr (2019, p. 57):

[...] a participação do aluno com deficiência não é uma ideia simplista, mas sim uma forma de prepará-lo, assim como aos demais alunos, para ser ativo e vivenciar situações relacionadas à cidadania e à autonomia, as quais o preparem para o futuro.

Como o grêmio requer a atuação dos alunos e possibilita o desenvolvimento da sua autonomia (ASBAHR et al., 2017), a fim de avançar em propostas e decisões,

torna-se necessário olhar para as especificidades educacionais de cada um e proporcionar as flexibilizações⁵⁹ necessárias, com vistas ao seu desenvolvimento e participação (VIGOTSKI, 1997; BORDENAVE, 1994; CAPELLINI, 2017).

Levando em conta que documentos de base da escola preveem um ensino para a cidadania, prezando-se o ato de participar como uma ferramenta para construir um espaço democrático, e que as práticas educativas derivam da organização escolar, a escola deve proporcionar atividades que incentivem a participação de todos os alunos. No contexto dos grêmios, além do desenvolvimento das propostas pelas quais a chapa foi votada na escola, faz-se necessário o desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas para formação dos gremistas e dos demais estudantes da escola, com o objetivo de fomentar ações de todos os alunos, promovendo práticas a partir dos seus próprios interesses.

É importante destacar que muitos movimentos estudantis ou entidades e organizações ligadas aos estudantes têm elaborado materiais voltados para demonstrar formas de ação dos alunos, contendo desde orientações gerais de como montar um grêmio até sugestões de atividades práticas, a fim de desenvolverem meios de participação e protagonismo estudantil. O

59 São alterações nas estratégias das atividades, mantendo os conteúdos e objetivos. Todos os alunos podem se beneficiar, sem grandes alterações (FONSECA, 2011).

desafio está em avaliar o quanto esses materiais contribuem para um olhar que contemple todos, sem perder de vista as singularidades na escola, no que tange ao direito de participar (PRIETO, 2013; CAPELLINI, 2017).

Para tanto, este capítulo tem como objetivo apresentar uma compilação de materiais didático-pedagógicos acerca do tema grêmios estudantis e a participação de alunos com deficiência nesse movimento estudantil. Como poderá ser visto, todos são de contribuição ímpar para os grêmios estudantis, porém, em alguns, foi possível perceber seu caráter mais inclusivo, no que tange ao aluno com deficiência, seja no apontamento de atividades, seja também como personagem do material.

Materiais didático-pedagógicos sobre grêmios: atendendo a todas, todos e todes e a cada um

A fonte pesquisada foi a plataforma Google, tendo como critério de busca os materiais ligados a instituições, governamentais ou não, de luta pela representação dos alunos, publicados a partir de 2005.

Foram encontrados dezenove materiais, em formatos variados, como cartilhas, guias, cadernos, manuais e ferramentas de trabalho, todos objetivando contribuir para a criação, organização e o aprimoramento dos grêmios estudantis. Na seleção, foram descartados oito textos, os que não apresentavam ano de elaboração e

instituição a que os autores estavam vinculados e aqueles constantes de *sites* de cunho comercial.

Os onze trabalhos selecionados foram divididos em duas categorias: SEM atividades didático-pedagógicas a serem aplicadas na formação dos alunos e em atividades do grêmio, e COM atividades didático-pedagógicas passíveis de serem utilizadas por professores em sala de aula e por responsáveis pelos grêmios nas escolas.

Cada material foi descrito quanto ao seu conteúdo de informações e práticas e quanto à forma estilizada: textos e imagens e a relação entre esses aspectos. Outra preocupação foi evidenciar a referência ao aluno com deficiência como público ou protagonista da proposta. Além disso, atentou-se para registros que indicassem se, de alguma forma, houve um benefício a esse alunado.

Os materiais SEM as propostas de atividades, de forma geral, apresentam orientações quanto a dados históricos e conceituais ligados à formação de grêmios, composição de chapas, papel do grêmio, descrição de atribuições, documentos organizadores (como ata e os de ordem legal, como o regimento para o grêmio estudantil) e descrição na íntegra de um conjunto de leis que embasam a formação dos grêmios estudantis nas escolas ou apenas menção a elas (Quadro 1).

Dos materiais listados no Quadro 1, a cartilha *Grêmio estudantil: direito de todos os estudantes*, da UJE (2015), traz, de forma bem sintética, o conceito de grêmio e seu lugar na história. Também aponta algumas leis a ele atinentes e indica quatro passos para formar um grêmio, sempre utilizando um texto descritivo e poucas imagens.

Quadro 1: Materiais na plataforma Google SEM atividades didático-pedagógicas

Formato	Ano	Título	Instituição	Autor(es)	Link	Aponta aluno com deficiência
Cartilha	2015	<i>Grêmio estudantil: direito de todos os estudantes</i>	União dos Jovens Estudantes do Brasil (UJE)	UJE	http://www.uje.com.br/gremio/cartilha_2015/cartilha-como-montar-um-gremio-estudantil.pdf	não
Cartilha	2014	<i>Cartilha dos grêmios livres</i>	Câmara Municipal do Rio de Janeiro-RJ	Renato Cinco	https://www.pdf-archive.com/2014/03/27/cartilhafinal-web/cartilhafinal-web.pdf	não
Guia	2014	<i>Trilim... A hora do grêmio é essa!</i>	União Brasileira de Secundaristas	Zirardo/ UBES	https://issuu.com/contaregras/docs/cartilha_capa_mioio_45jji	não
Manual	2012	<i>Grêmio estudantil</i>	Secretaria do Estado do Paraná (SEE/PR)	SEE/PR	http://www.alunos.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/gremio_estudantil/manualgremioportal.pdf	não
Cartilha	2008	<i>Grêmio estudantil: é hora de participar</i>	Instituto Sou da Paz	Instituto Sou da Paz	https://soudapaz.org/o-que-fazemos/desenvolver/prevencao-da-violencia/violencia-nas-escolas/gremio-em-forma/?show=documentos#1875	não
Caderno	2005a	<i>Caderno Grêmio em Forma</i>	Instituto Sou da Paz	Instituto Sou da Paz	http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/1095.pdf	não

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Na *Cartilha dos grêmios livres*, de autoria de Renato Cinco (2014), são apresentados o conceito e a defesa do grêmio livre e suas prioridades. Nela argumenta-se que a agenda e as atividades do grêmio devem ser decididas exclusivamente pelos estudantes de forma autônoma, sem interferência de outros atores da escola. O material dá enfoque à formação do grêmio, a assembleias e ao modelo de gestão, exemplificando propostas a serem pleiteadas. Aborda, inclusive, o financiamento da entidade, além de apresentar agenda de datas comemorativas de movimentos políticos, modelos de documentos e legislações. Ao longo do material, é proposto um diálogo entre personagens nos moldes das histórias em quadrinhos, com questões contextualizadas.

O guia *Triiiim... A hora do grêmio é essa!*, ilustrado pelo cartunista Ziraldo, retrata um diálogo entre os alunos jovens a respeito de problemas escolares de ordem estrutural e pedagógica. O material evidencia traços da atualidade ao inserir nos diálogos, por exemplo, a sugestão de um aluno de publicar no “Face” a situação da escola. Traz ainda os passos para a concretização do grêmio.

O manual *Grêmio estudantil*, da SEE/PR (2012), destaca a importância do grêmio, dá dicas sobre sua formação e disponibiliza modelos de documentos e leis pertinentes ao tema. O material é composto por textos e apenas algumas imagens ilustrativas.

A cartilha *Grêmio estudantil: é hora de participar*, do Instituto Sou da Paz (2008), conta a história de uma

chapa eleita para o grêmio de uma escola e fala das dúvidas acerca de sua representatividade e autonomia para formar parcerias e planejar festas, campeonatos, palestras, festivais, debates etc. O livro procura expor e deixar claro o papel do grêmio e de cada parceiro na comunidade escolar. O texto tem formato de perguntas (dos alunos) e respostas (do autor), com uso de imagens para representar algumas das situações abordadas.

Da mesma autoria, o *Caderno Grêmio em Forma* (2005a) traz, além do conceito de grêmio, uma série de frases de autores renomados sobre cidadania e participação, para fins de reflexão; uma linha do tempo sobre o movimento estudantil; as legislações e os passos para formar a entidade, utilizando perguntas e respostas; e um quadro com sugestões de propostas divididas por área: cultura, esporte, política, social e comunicação. Há ainda um glossário com o significado de termos relacionados ao universo dos grêmios e, por fim, modelos de documentos a serem utilizados na escola, como a ata de reuniões.

Ressalta-se a importância desses materiais e de seus conteúdos para a organização dos grêmios. Em nenhum dos materiais descritos há menção à inclusão do aluno com deficiência. O termo *aluno* apresenta-se sempre de forma genérica, referindo-se ao grupo de estudantes da escola, sem especificações.

Já no Quadro 2, descrevem-se os materiais COM propostas didático-pedagógicas, possibilitando sua aplicação nos grêmios – para aplicá-las, os responsáveis

Quadro 2: Materiais na plataforma Google COM atividades didático-pedagógicas

Formato	Ano	Título	Instituição	Autor(es)	Link	Aponta aluno com deficiência
Caderno	2013	<i>Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: produções didático-pedagógicas</i>	Secretaria de Educação do Paraná	Tânia Regina da Silva	http://www.cidaaeducacao.pr.gov.br/portais/cadernosdepedbusca/producoes_pde/2013/2013_ufrp_ped_pdp_tania_regina_da_silva.pdf	Não
Guia	2013	<i>Participação cidadã dos adolescentes</i>	Unicef	Unicef	https://s25924.pcdn.co/wp-content/uploads/2017/11/Brazil-PCU-Adolescent-Participation-Portuguese.pdf	Não
Guia	2013	<i>A participação de crianças e adolescentes e os Planos de Educação</i>	Ação Educativa	Coleção De Olho nos Planos	http://www.deolhosplanos.org.br/wp-content/uploads/2013/04/Participacao_Crianças_Adolescentes.pdf	Sim
Ferramenta de trabalho	2012	<i>Competências para a vida: trilhando caminhos para a cidadania</i>	Unicef	Ação Educativa	https://www.unicef.org/brazil/media/1476/file/Competencias_para_vida-trilhando_caminhos_de_cidadania%20.pdf	Sim
Guia	2005b	<i>Grêmios em Forma</i>	Instituto Sou da Paz	Projeto Grêmio em Forma	https://soudapaz.org/lo-que-fazemos/desenvolver/prevencao-da-violencia/violencia-nas-escolas/gremio-em-forma/?show=documents	Não

Fonte: elaborado pela autora (2018).

devem observar aquelas que atendam sua realidade quanto ao nível educacional e objetivos. São elencados cinco títulos nessa categoria, todos acompanhados de descrição, com indicação dos que abrangem o aluno com deficiência (OLIVEIRA, 2019).

No caderno *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: produções didático-pedagógicas*, da Secretaria de Educação do Paraná (SILVA, 2013), há subsídios teórico-metodológicos para a formação de oficinas de preparação de alunos para participar dos grêmios. O material aborda o papel dos alunos como representantes e traça um breve histórico dos grêmios no Brasil e das escolas nas quais o trabalho acontece. Tais conteúdos e outros assuntos de ordem prática são trabalhados nas oficinas, cujo encaminhamento metodológico propõe discussões de temas variados, com utilização de recortes de letras de música de bandas e artistas renomados, como Caetano Veloso, Criolo, Gabriel O Pensador e Charlie Brown Jr. As oficinas são descritas em textos e sistematizadas em quadros (descrição de objetivos, participantes, procedimentos e materiais), com uso de imagens dos artistas e de algumas cenas da luta histórica por direitos civis.

O guia *Participação cidadã dos adolescentes* (BRASIL, 2013), do Fundo da Nações Unidas para a Infância (Unicef), inicialmente apresenta a articulação de propostas para a participação de adolescentes nas políticas públicas por meio de conferências organizadas pelos Conselhos Municipais dos Direitos da Criança

e do Adolescente (CMDCA) e pelo setores do Centro de Atenção Psicossocial Adulto (CAPSad), Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi), Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas), nos municípios. Traz ainda sugestões de novos movimentos no âmbito desses órgãos. Adentra o universo dos grêmios, apontando a importância da participação e sugerindo, por exemplo, sites e filmes para ajudar os alunos a montar uma rádio. Os textos são apresentados em blocos temáticos, que vão da discussão sobre a necessidade de se ampliar a participação dos adolescentes nas ações políticas, fora e dentro da escola, às metodologias de fortalecimento da efetiva participação.

Ainda em 2013, foi publicado o guia *A participação de crianças e adolescentes e os Planos de Educação*, da coleção De Olho nos Planos. O material nasceu de experiências vivenciadas nos debates sobre a construção do Plano de Educação do Município de São Paulo e traz vários capítulos com discussões sobre conquistas democráticas ao longo do tempo, processos participativos e suas normatizações para crianças e adolescentes, além de formas de participação com descrição de atividades no grêmio. Tem ilustrações apenas na contracapa. Esse material faz alusão à participação do aluno com deficiência na discussão do Plano de Educação e contém orientações para a formação do grêmio de forma inclusiva.

Transcreve-se abaixo parte do guia, que se revela inovador ao abordar a diversidade na composição das chapas para o grêmio:

É muito importante considerar na formação das chapas a diversidade de gênero, raça, deficiência, idade etc. Ou seja, chapas que sejam compostas por meninos, meninas, brancos, negros, indígenas; pessoas com deficiência; que reflitam a diversidade existente na escola. (2013, p. 52)

Outro material encontrado está categorizado como ferramenta de trabalho – de acordo com o autor, não é cartilha nem livro. Com o título *Competências para a vida: trilhando caminhos para a cidadania* (2012), traz um panorama da desigualdade no Brasil, com números que evidenciam desafios a serem superados, como pobreza e baixa escolaridade. Discute também quem é o adolescente enquanto sujeito de direitos, mostrando as competências que precisam ser desenvolvidas por ele. A partir daí, propõe atividades cujas instruções constam em fichas descritivas, com textos de pequena extensão. Além da parte escrita, há imagens ilustrando atividades e conceitos.

No material, as atividades são enumeradas. Na ficha de número 17, que trata da educomunicação, há um trecho sobre uma situação em que o alunado com deficiência foi beneficiado pelo grêmio, mais especificamente por

ações do grupo voltadas à necessidade de mudanças no ambiente escolar. Faz-se um recorte do contexto que precede a ação. O fato aconteceu quando o grupo do grêmio se dirigiu às salas de aula a fim de procurar alunos que tivessem interesse em contribuir com um novo projeto de rádio de forma voluntária. Ao sair de uma das salas, o grupo foi procurado por um aluno que mostrou interesse em participar da rádio, abordando a acessibilidade, como mostra o fragmento abaixo:

História de vida: Mateus, 15, menino tímido, não quis falar na hora, mas foi até o grêmio no recreio para se colocar à disposição. Sua primeira matéria seria sobre acessibilidade, questão que conhecia bem, já que seu irmão usava cadeira de rodas. Mateus iniciou uma pesquisa junto aos conselhos tutelares e de direitos, encontrou a lei sobre o assunto, entrevistou estudantes, professores e a direção [...]. Sua matéria gerou uma campanha, que resultou na construção de rampas na escola. (2012, p. 64)

Apesar de a situação inicial não ter a participação direta de alunos com deficiência, um familiar pôde começar um movimento com apoio do grêmio, o que resultou em benefício para aqueles que necessitam da citada adaptação arquitetônica.

O último material desse grupo, o guia *Grêmio em Forma* (2005b, p. 2), do Instituto Sou da Paz, tem a

proposta de indicar trabalhos que possam ser adaptados a diversas realidades escolares e utilizados na formação dos grêmios. Trata-se de um programa de formação que teve como objetivo “[...] facilitar e estimular a criação, o fortalecimento e a manutenção de Grêmios Estudantis, com base nos valores dos Direitos Humanos da justiça social e da democracia”. O conteúdo aborda direitos humanos, práticas cidadãs, cidadania participativa, democracia, constituição do grêmio, assembleia e comunicação. Recomenda ainda um caminho metodológico em três módulos, conceitual, formativo e prático, que propõe uma sistematização como forma de preparar os estudantes para enfrentar desafios e planejar ações, sempre partindo das situações mais genéricas para as mais específicas:

O módulo Conceitual pretende desenvolver as bases necessárias para a formação do grêmio estudantil, fundamentado nos valores dos direitos humanos, nas práticas cidadãs e democráticas. Compõem o módulo as oficinas: direitos humanos: afinal; do que se trata? A importância da cidadania participativa e democracia: o que é, para que e para quem? *O módulo Formativo* trata de questões referentes à criação e constituição do grêmio estudantil, demonstrando seu espaço, papel e limites dentro e fora da escola, além de auxiliar a criação das regras de funcionamento do

grêmio. As oficinas que compõem este módulo são: democracia na escola: a importância e o papel do grêmio, preparando a fundação do grêmio estudantil: o estatuto, preparando a fundação do grêmio estudantil: a assembleia geral e escolhendo a gestão: a preparação do processo eleitoral. Por fim, *o módulo Prático* busca preparar os estudantes para lidarem com as dinâmicas e desafios cotidianos do grêmio estudantil, assessorando a chapa no gerenciamento de suas atividades, projetos e ações. Constitui este módulo a oficina: plano e ferramentas para uma boa gestão. (p. 4)

Em relação à forma, o material apresenta somente textos, organizados em quadros e em parágrafos. Esse material chamou muito a atenção por sua organização em módulos, estabelecendo uma lógica no programa de formação proposto em Oliveira (2019).

Por vir ao encontro das necessidades da pesquisadora, esse material, dentre outros, foi o escolhido para a fase de atividades em sala de aula, descrita em Oliveira (2019). Seu conceito de divisão do programa em módulos foi utilizado como embasamento para nosso trabalho.

Analisando os dois grupos de materiais, COM e SEM propostas didático-pedagógicas, duas características em comum foram observadas. Primeiro, ambos apresentam materiais com base na Lei nº 7.398/85, que reconhece oficialmente os grêmios no ambiente

escolar. Em segundo lugar, foi apontado nos dois grupos que o grêmio deve incluir todos os alunos, no que tange tanto à participação quanto aos benefícios das ações por ele promovidas.

É importante ressaltar que mesmo os materiais mais recentes, posteriores a 2008, que fazem referência a aspectos da política de educação especial na perspectiva inclusiva, não absorvem as nomenclaturas da inclusão educacional na sua totalidade, ou as apresentam de forma tímida. No entanto, nos aspectos ligados ao espaço escolar nas ações democráticas e participativas, apesar da abordagem contextualizada, quando o público é tratado como TODOS, nem sempre se explica a perspectiva democrática inclusiva em sua totalidade.

É fato que muitas políticas públicas estão avançando e, por consequência, impulsionando mais ações inclusivas. Por isso, com o intuito de verificar se novas propostas estavam sendo construídas para subsidiar a prática nos grêmios e para finalizar o levantamento dos materiais, realizou-se uma nova busca na mesma fonte, em julho de 2018. Assim, os critérios das pesquisas anteriores foram mantidos, porém foi feito um recorte temporal: o período de 2017 a 2018. Foram elencados cinco trabalhos, sendo descartados quatro por tratarem o assunto de forma muito tangenciada, e foi selecionada uma cartilha, apresentada no Quadro 3, que, diferentemente das publicações anteriores, coloca o aluno com deficiência como protagonista do grêmio estudantil.

Quadro 3: Material didático encontrado na plataforma Google entre o fim de 2017 e 2018

Formato	Ano	Título	Instituição	Autor(es)	Link	Aponta aluno com deficiência
Cartilha	2018	<i>Cartilha grêmio estudantil (2ª edição)</i>	Câmara Municipal do Rio de Janeiro-RJ	Renato Cinco	https://issuu.com/lissandro/docs/cartilhaa5_web	Sim

Fonte: elaborado pela autora (2018).

A *Cartilha grêmio estudantil*, de Renato Cinco (2018), mostra um grupo de alunos discutindo o conceito e a necessidade de a escola ter um de grêmio estudantil. Segue retratando o processo para a formação do grêmio em uma escola, passando por: discussão sobre o conceito, divulgação e levantamento de propostas por grupos menores junto às salas de aula, levantamento de interessados em participar do grêmio, assembleia para decidir a formalização e forma mais democrática de condução da entidade na escola e, por fim, o processo eleitoral e início das atividades da chapa vencedora.

A forma como a situação é apresentada na história em quadrinhos organizada por Cinco (2018) difere das demais pesquisadas, pois coloca um aluno com deficiência física como participe da entidade nas discussões, na mobilização e na apresentação das ideias, estando ele junto ao grupo em todos os espaços da escola. É importante registrar com destaque um dos momentos protagonizados pelo aluno com deficiência, para que venham a surgir outros materiais dessa natureza: “É verdade! Além disso, não existem rampas de acessibilidade para eu me locomover melhor pela escola” (2018, p. 6).

Na obra, o aluno com deficiência ganha destaque quando o grupo que mobiliza a formação do grêmio discute as necessidades dos estudantes na escola e na sociedade. Seu discurso denota, além da opinião sobre a necessidade de mudança no ambiente escolar em relação à falta de acessibilidade, que o afeta diretamente,

seu protagonismo representativo na participação frente às mudanças a serem pleiteadas.

A partir dessa compilação e da constatação de que existe uma escassez de materiais didático-pedagógicos voltados para a participação do aluno com deficiência, ao final da dissertação que dá origem a este capítulo, houve a proposta de uma cartilha⁶⁰ intitulada *Construindo uma escola inclusiva: a contribuição do grêmio na educação básica*, ou seja, foi produzido um material didático e instrucional para ser utilizado com os alunos visando a sua participação nos grêmios em escolas de ensino fundamental/anos iniciais e anos finais.

Certamente, muitos outros materiais estão disponíveis, o que torna imprescindível sua compilação em novos trabalhos a fim de contribuir com práticas gremistas já implementadas e que levem em conta todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência.

Considerações finais

Acreditamos que o levantamento apresentado aqui não tenha somente importância para este livro, mas seja também relevante do ponto de vista social e escolar, no que concerne ao fortalecimento da participação do aluno com deficiência no grêmio estudantil.

60 A cartilha está disponível em: <<https://www.fc.unesp.br/Home/ensino/pos-graduacao/programas/mestradoprofissionalemducaciaparaaeducacaobasica/cartilha-construindo-uma-escola-inclusiva---a-contribuicao-do-gremio-estudantil-na-educacao-basica.pdf>>.

Todos os materiais encontrados contribuem de alguma forma para as práticas dos grêmios e podem ser modificados para que atendam cada vez mais alunos, porém são fundamentais aqueles que já mencionam o aluno com deficiência e o que o coloca como protagonista, pois, ainda que apresentem somente a pessoa com deficiência física, ensejam a discussão acerca da realidade escolar e da possibilidade da participação desse aluno, podendo inspirar a elaboração de novas publicações que abranjam a ideia de escola para todos e com todos.

Nesse contexto, observa-se pouca participação do aluno com deficiência na escola, apesar de as políticas públicas relativas ao tema e a participação política de pessoas com deficiência já constarem na literatura especializada.

Referências

ABDIAN, G. Z.; OLIVEIRA, A. A. Educação para todos e gestão escolar: interfaces a partir da construção coletiva do projeto político-pedagógico. *In*: ORRÚ, S. E. (Org.). Para além da educação especial: avanços e desafios de uma educação inclusiva. Rio de Janeiro: Wak, 2014, p. 1-20.

A PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E OS PLANOS DE EDUCAÇÃO. São Paulo: Ação Educativa, 2013. (Coleção De Olho nos Planos). Disponível em: <<http://www.deolhonosplanos.org.br/wpcontent/uploads/2013/04/ParticipacaoCriançasAdolescentes.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

ASBAHR, F. da S. F. et al. Grêmios estudantis e a psicologia histórico-cultural: o exercício da democracia e seu papel no desenvolvimento psíquico. *In*: EUZÉBIO FILHO, A. (Org.). *Psicologia para além do consultório: reflexões e contextos de atuação*. Curitiba: Juruá, 2017, p. 95-112.

BORDENAVE, J. E. D. *O que é participação*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. Disponível em: <<http://www.senado.leg.br/atividade/const/constituicao-federal.asp>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 23 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, Poder Legislativo, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 3 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1669>. Acesso em: 6 jul. 2020.

BRASIL. Plano Nacional de Educação 2014-2024: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências, Brasília, DF: Câmara dos deputados, Edições Câmara, 2014. 86p. (Série Legislações: nº 125). <Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/>> Acesso em: 2 dez. 2018.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2015a. Disponível em: <<http://www2>

camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13146-6-julho-2015-781174-norma atualizada-pl.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2020.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – 2ª versão. Brasília, DF: MEC/ CONSED/UNDIME, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

BRASIL. Competências para a vida: trilhando caminhos para a cidadania. Ação educativa, Brasília, DF: Unicef, jul. 2012. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/br_competencias_para_a_vida.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

BRASIL. Guia participação cidadã dos adolescentes. Unicef, dez. 2013, p. 44. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/guia_adolescentes_pcu_ed1316rev2.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BULHÕES, L. F. et al. Formação de grêmios estudantis em escolas municipais: desafios e possibilidades. Revista Ciência em Extensão, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 97-113, abr./jun., 2018. Disponível em: <http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1701>. Acesso em: 29 jun. 2020.

CADERNO GRÊMIO EM FORMA. Instituto Sou da Paz, 2. ed., 2005a. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/1095.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

CAPELLINI, V. L. M. F. O paradoxo da convivência no contexto escolar: há possibilidade de a educação não ser inclusiva? In: RONDINI, C. A. (Org.). Modernidade e sintomas contemporâneos na educação Unesp. São Paulo: Unesp – NEAD – Cultura Acadêmica, 2017, p. 134-142.

CINCO, R. Grêmio livre. Rio de Janeiro: Câmara Municipal, 2014. Disponível em: <<https://www.pdf-archive.com/2014/03/27/cartilhafinal-web/cartilhafinal-web.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

CINCO, R. Grêmio estudantil. Rio de Janeiro: Câmara Municipal, 2018. Disponível em: <http://renatocinco.com/teste/?p=8147>. Acesso em: 5 jul. 2020.

DAL RI, N. M. Organização escolar, gestão democrática e participação dos alunos. *In*: PINHO, S. Z.; OLIVEIRA, J. B. B. (Org.). Políticas públicas e organização escolar: núcleos de ensino da Unesp. v. 6. São Paulo: Cultura Acadêmica, E-Livros Prograd, 2012, p. 29-52.

FONSECA, K. A. Análise de adequações curriculares no ensino fundamental: subsídios para programas de pesquisa colaborativa na formação de professores. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97506>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

GRÊMIO EM FORMA. Projeto Grêmio em Forma. Instituto Sou da Paz, 2005b. Disponível em: <http://www.soudapaz.org/upload/pdf/guia_gremioemforma.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

GRÊMIO ESTUDANTIL. É hora de participar. Instituto Sou da Paz, 2008. Disponível em: <http://www.soudapaz.org/upload/pdf/cartilha_gr_mio_04_2008.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

GRÊMIO ESTUDANTIL: Direito de todos os estudantes. União dos Jovens Estudantes do Brasil, 2015. Disponível em: <http://www.uje.com.br/gremio/cartilha_2015/cartilha-como-montar-um-gremio-estudantil.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

OLIVEIRA, A. A. S.; PAPIM, A. A. P.; PAIXÃO, K. M. G. Educação especial e inclusiva: perspectivas e problematizações. *In*: OLIVEIRA, A. A. S.; PAPIM, A. A. P.; PAIXÃO, K. M. G. (Org.). Educação especial e inclusiva: contornos contemporâneos em educação e saúde. Curitiba: CRV, 2018, p. 13-32.

OLIVEIRA, C. A. M. Aluno com deficiência em grêmio estudantil: um programa de formação visando a sua participação. 2019. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181531>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

OLIVEIRA, C. A. M.; CAPELLINI, V. L. M. F.; ASBAHR, F. da S. F. Aluno com deficiência no grêmio estudantil: uma participação a ser formada. *In*: PAPIM, A. A. P.; ARAÚJO, M. A. (Org.). A estrutura das práticas pedagógicas na educação especial: o que indicam as pesquisas [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. 51-70.

PARANÁ. Curitiba. Secretaria da Educação. Manual Grêmio Estudantil. SEE, 2012. Disponível em: <http://www.alunos.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/gremio_estudantil/manualgremioportal.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2020.

PARO, V. H. Autonomia do educando na escola fundamental: um tema negligenciado. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 41, p. 197-213, jul./set. 2011.

PISTRAK, M. M. Fundamentos da escola do trabalho. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PRIETO, R. G.; ANDRADE, S. G.; SOUZA M. M. Inclusão escolar e novas exigências nos campos político, da gestão e pedagógico: focalizando práticas de professores de educação especial. São Paulo: Fapesp, 2013 (Relatório de pesquisa).

PUIG, J. M.; MARTÍN, X.; ESCARDIBUL, S.; NOVELLA, A. M. Democracia e participação escolar: propostas de atividades. São Paulo: Moderna, 2000.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Gremistas desenvolvem o protagonismo juvenil no ambiente escolar,

2017. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/gremio-estudantil>> Acesso em: 3 jul. 2020.

SILVA, T. R. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: produções didático-pedagógicas (Grêmio estudantil: a participação do aluno na gestão democrática. Secretaria da Educação do Paraná), 2013. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

VYGOTSKI, L. S. Obras completas. Tomo V. Fundamentos de defectologia. Trad. de Maria Del Carmen Ponce Fernandez. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

Grêmios estudantil e protagonismo juvenil: a experiência de estudantes egressas do grêmio

*Ana Carolina Franco dos Santos*⁶¹

*Flávia da Silva Ferreira Asbahr*⁶²

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a importância de movimentos sociais como o grêmio estudantil em uma escola da Prefeitura Municipal de Bauru. A pesquisa foi realizada em uma escola participante⁶³ do projeto de implementação de grêmios estudantis. Por meio de estudo de caso, buscou-se verificar o impacto que a participação no projeto causou nos alunos envolvidos. Assim, a investigação teve como objetivo principal analisar a importância do grêmio estudantil como movimento para o protagonismo juvenil, tomando como referência a opinião de

61 Mestre em Educação Escolar pela Unesp de Araraquara, mestre em Educação Assistida por Televisão Digital pela Unesp de Bauru, especialista em Psicopedagogia pelas Faculdades Fênix e graduada em Pedagogia pela Unesp de Bauru. Coordenadora pedagógica na Prefeitura Municipal de Bauru. Tutora do projeto Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de Bauru até 2018.

62 Professora doutora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru. Coordenadora do projeto Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de Bauru.

63 A escola atende estudantes de 1º a 9º ano do ensino fundamental.

duas adolescentes egressas do ensino fundamental que haviam participado do grêmio de sua escola.

Diante dos inúmeros ataques à democracia na atual conjuntura política e educacional, a escolha da temática justifica-se na relevância do fortalecimento dos movimentos estudantis como espaço de resistência, de diálogo e de participação. O trabalho busca nos referenciais teóricos da área subsídios para evidenciar a importância do grêmio nas escolas de ensino fundamental.

A metodologia empregada na pesquisa foi o estudo de caso, e o instrumento utilizado foi um questionário qualitativo que abordou a relevância da experiência para as duas alunas, egressas do projeto Grêmios⁶⁴. Avaliou-se também o engajamento dessas estudantes em sua vida educacional, sua sensação de pertencimento às esferas públicas diversas e os impactos da apropriação de conceitos sobre democracia e política.

O propósito do estudo de caso é analisar intensamente uma dada unidade social que se enquadra perfeitamente em fenômenos contemporâneos, como a mobilização dos movimentos estudantis, pois, através de um recorte de dados, é possível apreender as percepções e dificuldades da realidade: “O estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples

64 As estudantes finalizaram o ensino fundamental em 2015 e 2016.

sujeito ou de uma situação em particular” (GODOY, 1995, p. 25).

Apresenta-se abaixo o questionário utilizado.

Questionário “Grêmio estudantil: o estímulo para a protagonismo juvenil no ensino fundamental”

1. Você participou do grêmio em que ano? Qual ano (série) do ensino fundamental você estava frequentando quando se juntou à chapa vencedora?
2. Você considera a participação no grêmio uma experiência enriquecedora?
3. Ter integrado uma chapa de grêmio a ajudou a ser participativa na escola atual?
4. Você percebe que a participação no grêmio a deixou mais democrática? Você considera a participação dos alunos no funcionamento da escola importante?
5. O que foi mais inesquecível na sua participação no grêmio?
6. Você aconselharia outros alunos a participarem do grêmio? Por quê?

Com base nas respostas e na bibliografia vigente, ressalta-se a relevância do grêmio estudantil como estímulo ao protagonismo juvenil e como espaço de ampliação da formação de identidades.

Percebe-se, na atualidade, que ainda são múltiplos os desafios que a escola pública brasileira tem que

enfrentar para se democratizar, se tornar de fato um espaço formador de identidades e uma instituição de caráter coletivo, em que as decisões são tomadas a partir da participação integrada de todos os membros dos distintos segmentos da comunidade escolar.

O grêmio estudantil, como movimento estudantil de representatividade, ressurge na história do Brasil após a redemocratização, na década de 1980, quando foi sancionada a Lei nº 7.398, que garante aos alunos o direito de se organizarem na forma de grêmios. Segundo Carlos (2006), as principais mudanças legais pós-ditadura foram a extinção dos centros cívicos escolares, que haviam sido instituídos durante o regime militar, e a criação do conselho de escola deliberativo (Lei Complementar Federal nº 444/85, artigo 95).

Zonta et al. (2016) afirmam que o grêmio estudantil representa os interesses dos estudantes na escola e promove reflexões que podem resultar em diferentes ações na comunidade escolar. Segundo o autor, a Lei nº 7.398, de 1985, conhecida como Lei do Grêmio Livre, representou uma importante conquista após os grêmios serem proibidos durante todo o período da ditadura militar.

Fundamentação teórica

Para compreender o que tornou a educação atual tão distante da democracia, dos movimentos estudantis e do diálogo, é importante compreender o fenômeno

histórico de sucateamento a que essa instituição esteve sujeita desde o golpe de 1964.

Em meados daquele ano, os militares consagraram o golpe com apoio estadunidense e tomaram a presidência da República. O presidente João Goulart, que havia sido eleito democraticamente, não reagiu, fugindo para o Uruguai, e a presidência da República ficou nas mãos do general Castelo Branco. Tal acontecimento teve impacto na esfera educacional e na configuração da sociedade civil. Ramos (2007) afirma que o termo sociedade civil foi incorporado ao repertório cotidiano nas décadas de 1960 e 1970 como forma de demarcar o cenário social, contrapondo-se a sociedade militar. Constituíam-se como integrantes diferentes atores sociais de distintas classes, ideologias e partidos.

A noção de sociedade civil incorporou-se ao senso comum no Brasil nas décadas de 70 e 80 do século passado, durante a resistência política, desarmada, ao regime militar. Aquele foi um movimento que incorporou trabalhadores, empresários, líderes sindicais, executivos de empresa, estudantes, profissionais liberais, em um amplo espectro ideológico que se chamou de sociedade civil por sua oposição à ditadura militar. Aquele foi um movimento supraclassista, suprapartidário, supraideológico, identificado com o bem, ao passo que o mal era personificado pelos militares, mas não

apenas por estes, pois entre seus apoiadores estavam importantes aliados civis, que eram em sua maioria empresários e executivos, mas entre os quais se encontravam também trabalhadores, estudantes, profissionais liberais e lideranças sindicais. Ou seja, a dicotomia não era perfeita, mas era de fácil compreensão para a população: sociedade civil versus sociedade militar. (RAMOS, 2007, p. 21-22)

Ferreira Júnior e Bittar (2008) afirmam que a reflexão sobre o impacto da ditadura na educação é oportuna porque a escola pública foi a mais atingida pelo autoritarismo durante aquele período histórico. Também afirmam que, assim que os militares assumiram a presidência da República, de maneira coerente com o apoio que recebia (dos empresários e dos Estados Unidos), o governo instaurou medidas que ampliavam a urbanização e industrialização brasileiras, assim como a escola pública de base (sem prezar pela qualidade), visando à formação de mão de obra especializada para a indústria, iniciando um sucateamento da escola pública que foi reconduzido por políticas neoliberais de educação.

Haje (2007), em seu artigo “Comunicação, esfera pública e poder”, retrata a falência da sociedade civil na passagem do estado liberal de direito para o estado de bem-estar social. Usando como referencial Habermas (1984), afirma que o poder se configuraria no Estado, no mercado e na mídia, em detrimento das esferas públicas.

Com a incorporação de ideais liberais, a grande mídia legitimaria a racionalidade e o capital, e caberia às esferas públicas, fragmentadas tematicamente conforme os grupos de discurso identitário, se mobilizarem para a construção de um discurso através da ação comunicativa que ecoaria sobre essas instituições de poder.

Ainda em Haje (2007), vemos a necessidade do surgimento de esferas públicas autônomas que, ao contrariar o discurso e o poder da mídia de massa, ampliem o poder de comunicação desses grupos identitários. A construção de esferas públicas autônomas e capazes de ter ressonância no governo, na mídia e no mercado é essencial, portanto, para que os processos democráticos sejam dirigidos pelo poder comunicativo da sociedade civil (HAJE, 2007, p. 128).

Nesse novo conceito em prol de comunicações mais democráticas, Haje (2007) valoriza a importância da comunicação no mundo contemporâneo e apresenta um “horizonte” que implica em uma democracia centrada no discurso e baseada na mobilização social e na força comunicativa de seus integrantes. Inseridos nesse contexto, vemos a ampliação e a valorização contemporânea dos movimentos estudantis, que, com o discurso centrado nas mídias sociais, movimentam dentro das redes e fora delas seus participantes para a mobilização social.

O grêmio estudantil como movimento ressurgiu com a redemocratização pós-ditadura militar, representa a oportunidade de construção de esferas públicas mais

autônomas e tem grande potencial transformador. Como afirmam Zonta et al. (2016):

O grêmio estudantil é um órgão colegiado que representa os interesses dos estudantes na escola e que possibilita reflexões que podem resultar em diferentes ações na comunidade escolar. É também um espaço de aprendizagem, cidadania, convivência e trabalho em equipe. (p. 271)

A consolidação desses movimentos que simbolizam a possibilidade de construção de uma sociedade mais justa perpassa esses espaços que ensinam a participação social de forma didática e efetiva.

Em tempos de política polarizada, discurso de ódio e notícias falsas, é de grande relevância o estudo de ações que possam desencadear o protagonismo juvenil. Souza (2006) afirma que a noção de juventude contemporânea é utilizada para rever e reinterpretar eventos do passado. Segundo a autora, podem ser apontados como movimentos de protagonismo juvenil diversos episódios de nossa história, como o movimento abolicionista, a Semana de Arte Moderna, a criação do Partido Comunista, o tenentismo, entre outros que não deram à juventude a importância histórica que merecia.

Dessa forma, pensamos ser relevante analisar, por meio de um estudo de caso, se as ações desenvolvidas com um grêmio estudantil podem encorajar e estimular práticas de protagonismo.

Quadro 1: Comparação entre as respostas

Questões	Aluna 1	Aluna 2
<p>Você participou do grêmio em que ano? Qual ano (série) do ensino fundamental você estava frequentando quando se juntou à chapa vencedora?</p>	<p>Particpei no ano de 2015. Eu estava frequentando o 9o ano do ensino fundamental.</p>	<p>Em 2016. Estava no 9° na época.</p>
<p>Você considera a participação no grêmio uma experiência enriquecedora?</p>	<p>Sim, com certeza ganhei grandes experiências, como cooperar em grupo, com diversas idades. Aprendi a respeitar ainda melhor a visão do próximo, a olhar para alguns temas com prioridade e que muitas vezes iremos correr contra o tempo para realizar algumas atividades.</p>	<p>Sim, foi uma experiência que me trouxe muito aprendizado, com ela aprendi a ter mais responsabilidade, pois estava representando meus colegas, então tinha que cumprir aquilo que tinha prometido a eles.</p>
<p>Você pensa que ter integrado uma chapa de grêmio ajudou a ser participativa na escola atual?</p>	<p>Sim, eu vejo que hoje tenho mais liberdade para me expressar com as pessoas ao meu redor.</p>	<p>Muito, porque me fez ter mais vontade de agir e mudar coisas na minha escola atual. E hoje já faço parte do grêmio da minha nova escola.</p>

<p>Você percebe que a participação no grêmio a deixou mais democrática? Você considera a participação dos alunos no funcionamento da escola importante?</p>	<p>Claro, eu respeito melhor a opinião alheia, vejo que precisamos abrir o leque para outras oportunidades. A escola é construída pelos alunos, ninguém melhor que eles para dizer o que é preciso ser feito no ambiente para que haja melhora.</p>	<p>Sim, porque foi exatamente através da democracia que eu tive oportunidade de participar do grêmio. Importantíssimo, pois quem faz a escola é o aluno, então ele também tem que ter voz.</p>
<p>O que foi mais inesquecível na sua participação no grêmio?</p>	<p>Na escola, tivemos um curso de vídeo/filmagem e afins, no qual aprendemos muito, não só a gravar, mas como ganhar nossos eleitores. Também, por ser diretora de imprensa, a dar recados, tirar fotos, ouvir opiniões dos alunos.</p>	<p>O que foi mais inesquecível foi a forma como a chapa fez cada proposta apresentada, por mais difícil que fosse, sempre tentávamos fazer o nosso melhor. E no fim concluímos com sucesso!</p>
<p>Você aconselharia outros alunos a participarem do grêmio? Por quê?</p>	<p>Sem dúvida. O grêmio abrange todos os temas em que se pode pensar. Não é só político, é democrático, é social, enfim, tudo que se relaciona a uma sociedade. Aprende-se a ser cidadão e exercer cidadania.</p>	<p>Sim, é uma experiência que nos faz crescer e aprender, pois vemos que nem tudo é fácil, que tem obstáculos a serem vencidos, que temos que ser o exemplo para os nossos colegas e representar eles da melhor forma possível, mas que no fim quem ganha somos nós, porque saímos com uma bagagem para a vida.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Tendo em vista o caráter aberto e subjetivo das questões apresentadas para as alunas ex-participantes do grêmio, organizou-se um quadro para facilitar a comparação de suas percepções. Na sequência, voltaremos a cada ponto para uma análise mais detalhada das respostas.

Na primeira questão, perguntamos em que ano as alunas participaram do grêmio. A aluna 1 disse que foi em 2015, e a aluna 2 afirmou ter sido em 2016. Ambas estavam no 9º ano do ensino fundamental/anos finais quando foram gremistas.

Percebemos que, ao final do ensino fundamental, o jovem está mais focado na busca de identidade e à procura de novas perspectivas. Espaços para discutir representatividade e empoderamento tornam-se valiosos. Martins (2010) enfatiza o valor dos movimentos sociais nesse contexto, o que pode ser relacionado com os grêmios estudantis.

Contudo, a escola, ao que parece, tem se mostrado um local propício para efetivação do processo de construção identitária. As situações vividas em seu cotidiano refletem uma ação particular de seus atores de acordo com suas vivências e experiências. A autonomia, que é um objetivo dos movimentos sociais nas sociedades complexas, demonstra mudanças importantes nas formas de representatividade e deixa claro que, na atualidade, as

organizações políticas tradicionais parecem não ser o paradigma a ser seguido quando o tema é participação social da juventude. (MARTINS, 2010, p. 63)

Sendo o grêmio estudantil um movimento muito mais próximo dos jovens e suas necessidades contemporâneas, vê-se a relevância da organização e da educação para a democracia e para uma postura mais participativa na sociedade. Martins (2010) aponta que há uma infinidade de possibilidades para o jovem contemporâneo, sendo a participação estudantil uma dentre as tantas possíveis.

Na segunda questão, perguntamos se as jovens acharam a experiência enriquecedora. A aluna 1 disse: *Sim, com certeza ganhei grandes experiências, como cooperar em grupo, com [pessoas de] diversas idades. Aprendi a respeitar ainda melhor a visão do próximo. A olhar para alguns temas com prioridade. Que muitas vezes iremos correr contra o tempo para realizar algumas atividades.* A aluna 2 afirmou: *Sim, foi uma experiência que me trouxe muito aprendizado, com ela aprendi a ter mais responsabilidade, pois estava representando meus colegas, então tinha que cumprir aquilo que tinha prometido a eles.*

Ambas falaram sobre cumprir metas e ter responsabilidade. A aluna 1 falou em estipular prioridades e correr contra o tempo, e a aluna 2 sobre a responsabilidade de cumprir com as promessas. Ambas relataram que o grêmio, nesse caso, as auxiliou a se responsabilizar

com a escola e com o grupo. Zonta et al. (2016) explicam que “O grêmio representa uma das primeiras oportunidades de participação organizada para os(as) jovens e tem um grande potencial transformador” (p. 271).

Diante do compromisso despertado pelo movimento nas alunas, podemos afirmar que:

O grêmio estudantil é um órgão colegiado que representa os interesses dos(as) estudantes na escola e que possibilita reflexões que podem resultar em diferentes ações na comunidade escolar. É também um espaço de aprendizagem, cidadania, convivência e trabalho em equipe. (ZONTA et al., 2016, p. 271)

Na questão três, as alunas responderam se ter participado do grêmio as auxiliou para que adotassem uma postura mais participativa nas escolas em que estudam atualmente. A aluna 1 disse: *Sim, eu vejo que hoje tenho mais liberdade para me expressar com as pessoas ao meu redor*; enquanto a aluna 2 disse: *Muito, porque me fez ter mais vontade de agir e mudar coisas na minha escola atual. E hoje já faço parte do grêmio da minha nova escola*⁶⁵.

Nesse item, parece ficar evidente como a experiência empoderou as estudantes, tanto para se expressar

65 No momento da pesquisa, as duas adolescentes eram estudantes de escolas estaduais de Bauru/SP e cursavam o ensino médio.

com mais confiança quanto para se tornar membro de outro grêmio, representando outros alunos. “O grêmio estudantil pode se tornar um lugar concreto de prática social, e a escola, como arena relacional, pode se tornar lugar profícuo para o exercício de experiências sociais de participação” (MARTINS, 2010, p. 61).

Na pergunta quatro, provocamos as alunas perguntando se elas pensam que a experiência com o grêmio as tornou mais democráticas e se a participação dos alunos no funcionamento da escola é importante.

A aluna 1 respondeu: *Claro, eu respeito melhor a opinião alheia, vejo que precisamos abrir o leque para outras oportunidades. A escola é construída pelos alunos, ninguém melhor que eles para dizer o que é preciso ser feito no ambiente para que haja melhora.* A aluna 2 respondeu: *Sim, porque foi exatamente através da democracia que eu tive oportunidade de participar do grêmio. Importantíssimo, pois quem faz a escola é o aluno, então ele também tem que ter voz.*

Em ambos os casos, as entrevistadas enaltecem a importância da participação dos alunos e valorizam o fazer democrático. Na atual conjuntura social, educacional e política, tornam-se fundamentais os espaços de valorização da democracia, de fortalecimento das vozes de resistência e do empoderamento dos excluídos, por isso é tão relevante o fato de as estudantes enaltecem o processo democrático e a participação estudantil.

O autor⁶⁶ nos mostra que, nos últimos anos, o apoio à democracia entre os nossos jovens gira em torno de 50%. Alguns fatores influenciam o maior ou menor apoio ao regime. As estatísticas analisadas pelo autor (dados da pesquisa realizada pelo Instituto Cidadania, 2003) mostram que, à medida que o nível escolar aumenta, também cresce o apoio à democracia: 34% jovens escolarizados até o ensino fundamental, 59% até o ensino médio e 72% dos que chegaram até a universidade. Outro fator de influência na preferência pelo regime democrático é a renda, quanto maior o poder aquisitivo maior a preferência: 48% dos jovens com renda até dois salários mínimos, 57% dos que estão entre dois e cinco salários mínimos, 66% dos que estão entre cinco e dez salários mínimos e 68% dos que declaram mais de dez salários mínimos. (MARTINS, 2010, p. 49)

Na citação acima, vemos que, quanto maiores são os espaços de reflexão e de participação, quanto maior é o acesso ao saber historicamente construído, maior é a valorização da democracia. Logo, percebemos a relevância do grêmio na luta por uma escola pública capaz de transmitir os conteúdos e ensinar para a humanização.

66 KRISCHKE, Paulo. Perfil da juventude brasileira: questões sobre cultura política e participação democrática. [s.n.t.].

Na quinta pergunta, as alunas foram questionadas sobre alguma experiência inesquecível na trajetória com o grêmio. A aluna 1 disse: *Na escola, tivemos um curso de vídeo/filmagem e afins, no qual aprendemos muito não só a gravar, mas como ganhar nossos eleitores. Também, por ser diretora de imprensa, a dar recados, tirar fotos, ouvir opiniões dos alunos.* A aluna 2 disse: *O que foi mais inesquecível foi a forma como a chapa fez cada proposta apresentada, por mais difícil que fosse, sempre tentávamos fazer o nosso melhor. E no fim concluímos com sucesso!*

No discurso da aluna 1, vemos como foi relevante o trabalho com o grêmio relacionado às mídias como um todo. Sodré (2012) salienta que, independentemente das posições políticas, parece consensual a necessidade de todo projeto educacional contemporâneo de agir em sintonia com as exigências impostas pela tecnologização do mundo e suas injunções do mercado global. Na resposta da aluna 2, podemos ter uma visão do trabalho com o grêmio propriamente dito e perceber a satisfação pela concretização das propostas.

Na sexta e última questão, perguntou-se se elas aconselhariam os alunos a participarem de grêmios. A aluna 1 afirmou: *Sem dúvida. O grêmio abrange todos os temas em que se pode pensar. Não é só político, é democrático, é social, enfim, tudo que se relaciona a uma sociedade. Aprende-se a ser cidadão e exercer cidadania.* A aluna 2 disse: *Sim, é uma experiência que nos faz crescer e aprender, pois vemos que nem tudo é fácil, que tem obstáculos a serem vencidos, que temos que ser o exemplo para os nossos*

colegas e representar eles da melhor forma possível, mas que no fim quem ganha somos nós, porque saímos com uma bagagem para a vida.

Percebemos nas respostas das alunas que temos muito a avançar no projeto Grêmios, mas também já alcançamos muitos dos objetivos propostos.

Todo este trabalho desenvolvido com os conselhos escolares e grêmios estudantis indica que o empoderamento e desenvolvimento crítico dos (as) diferentes atores (atrizes) do processo educativo é possibilitado por vivências de situações de participação coletiva. (ZONTA et al., 2016, p. 271)

A participação coletiva e a vivência de espaços para tomadas de decisão podem ser uma oportunidade única de os estudantes refletirem e compreenderem a essencialidade da democracia e incorporarem, como militância pessoal, a luta contra o autoritarismo, tanto nas esferas civis quanto educacionais.

Considerações finais

Este trabalho apresentou a perspectiva de duas ex-alunas integrantes do projeto Grêmios, parceria entre a Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Bauru e o Departamento de Psicologia da Unesp de Bauru.

No artigo, trouxemos a percepção das estudantes levantada por meio de um questionário sobre a participação e envolvimento no projeto. Também foi possível avaliar pontos a serem fortalecidos nas atuais experiências com grêmios e mudanças a serem estruturadas na atuação dos movimentos estudantis dentro da instituição escolar.

Compreendemos que, apesar de ter muito a avançar em vários quesitos, o projeto Grêmios rompe com a escola autoritária cristalizada na educação pública atual, em que os alunos estão sempre em papel coadjuvante.

Pensamos que as atividades desenvolvidas e até mesmo as que não ocorreram como planejado auxiliaram os alunos a pensar e vivenciar a participação estudantil, experimentando desde a representatividade e empoderamento até o sentimento de frustração.

A frustração também deve ser experienciada, pois é uma forma de aprendizado fundamental na luta pela superação de práticas e preconceitos que ainda transitam no ambiente escolar e na sociedade. Um protagonista juvenil que defenda a democracia necessita saber que, nesse processo de luta por espaços de participação popular, há muita resistência e entraves que devem ser superados com diálogo e objetivos comuns claros.

Concluimos, portanto, que o envolvimento com movimentos estudantis como o grêmio, os conselhos escolares e afins torna o educando mais capaz de se expressar, reivindicar direitos e expor sentimentos e anseios referentes à organização e ao convívio escolar, ampliando a cidadania e tornando-se mais tolerante e democrático.

Referências

MESQUITA, A. M.; FANTIN, F. C. B.; ASBAHR, F. da S. F. (Org.). Currículo comum para o ensino fundamental municipal. 2. ed., 2016, p. 263-279.

CARLOS, A. G. Grêmio estudantil e participação do estudante. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

FERREIRA JÚNIOR, A.; BITTAR, M. A ditadura militar e a proletarização dos professores. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 97, p. 1.159-1.179, set./dez. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 6 fev. 2020.

GODOY, A. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 3, maio/jun., 1995, p. 20-29.

HAJE, L. Comunicação, esfera pública e poder. *In*: RAMOS, M. C.; SANTOS, S. (Org.). Políticas de comunicação: buscas teóricas e práticas. São Paulo: Paulus, 2007.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Ed. Loyola, 1984.

MARTINS, F. A. S. A voz do estudante na educação pública: um estudo sobre participação de jovens por meio do grêmio estudantil. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2010.

RAMOS, M. C.; SANTOS, S. (Org.). Políticas de comunicação: buscas teóricas e práticas. São Paulo: Paulus, 2007.

SODRÉ, M. Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, R. M. O discurso do protagonismo juvenil. 2006. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ZONTA, C. et al. Gestão democrática e instrumentos de representação: conselhos escolares e grêmios estudantis. *In*: MESQUITA, A. M.; FANTIN, F. C. B.; ASBAHR, F. da F. S. (Org.). Currículo comum para o ensino fundamental municipal de Bauru. Bauru: Prefeitura Municipal de Bauru, 2016. p. 263-279. Disponível em: <http://www.bauru.sp.gov.br/arquivos2/arquivos_site/sec_educacao/curriculo_ef2.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

PONDERAÇÕES FINAIS

Prospectivas para a formação de grêmios estudantis no Sistema Municipal de Educação de Bauru

Flávia da Silva Ferreira Asbahr⁶⁷

Este texto fecha nosso livro, e digo “nosso” porque sua realização só foi possível por ser escrito a várias mãos, em intenso movimento de colaboração, o que tem sido característico no processo de condução do projeto Formação de Grêmios Estudantis em Escolas Públicas Municipais de Bauru. Nossas reuniões de coordenação do projeto assemelham-se, tenho esta impressão, com um jogo ensaiado de uma equipe esportiva, cada um sabe onde deve jogar a bola, qual é seu papel em campo. As reuniões com tutores e extensionistas também têm uma dinâmica parecida. Participam mais de cinquenta pessoas, com suas diferentes opiniões e visões sobre a escola, mas as decisões, propostas e debates fluem no sentido da consolidação da participação estudantil nas escolas municipais de Bauru por meio dos grêmios.

67 Professora doutora do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru. Coordenadora do projeto Formação de Grêmios Estudantis nas Escolas Municipais de Bauru, da Secretaria Municipal de Educação de Bauru/SP. E-mail: flavia.asbahr@unesp.br

Nesse contexto, permito-me escrever em primeira pessoa com o objetivo de trazer uma reflexão mais pessoal sobre quais penso serem os principais desafios e prospectivas para o projeto. Há oito anos coordeno essa iniciativa em parceria com diversos profissionais do Sistema Municipal de Educação de Bauru (tanto os da Secretaria Municipal de Educação como os do chão da escola), com a Cássia (inicialmente representante da Faculdade Anhanguera, mas que permaneceu no projeto independentemente de seu vínculo profissional), com os estudantes de Psicologia das duas instituições de ensino superior envolvidas e especialmente com as crianças e adolescentes gremistas, fim último de nossas ações. A organização deste livro possibilitou retomar o percurso desenvolvido até agora e fazer um balanço: até onde fomos? Para onde queremos ir?

A primeira pergunta é mais fácil de responder. Os capítulos ora apresentados fazem uma síntese do que desenvolvemos: as principais ações com os estudantes gremistas; a formação de tutores; a realização dos fóruns infantojuvenis; as contribuições à formação profissional de futuros psicólogos e pedagogos; as pesquisas que já pudemos realizar. E o mais importante: os avanços no processo da aprendizagem da participação estudantil e no fortalecimento do grêmio como espaço de ação-reflexão para as crianças e adolescentes gremistas.

A segunda questão, “para onde queremos ir?”, implica uma análise teleológica que só pode ser feita

com o exame minucioso de quais valores e princípios teóricos nos orientam. Até o momento, tanto em nossas ações como nos capítulos do livro, conceitos como democracia, gestão democrática, participação, protagonismo e coletividade aparecem com pouca precisão e, em muitos casos, como se fossem um valor em si a ser defendido: a escola precisa ser democrática e os estudantes devem participar de suas decisões.

No momento histórico que estamos vivendo, no Brasil e no mundo, com ataques constantes à democracia representativa, com o desmantelamento de avanços legais⁶⁸ na conquista de direitos em várias campos da vida social, entre eles a educação, com a ascensão de valores autoritários e a apologia à violência e à ignorância, a palavra democracia tem aparecido cada vez mais esvaziada de sentido, usada de forma indiscriminada por defensores de concepções políticas antagônicas. Nessa perspectiva, é urgente a clareza de qual democracia estamos defendendo. E, por isso, não basta usar a palavra “democracia” sem adjetivá-la.

Particularmente, defendo que há uma impossibilidade estrutural da democracia na sociedade capitalista, e trouxemos essa concepção em um dos primeiros textos produzidos sobre a experiência com os grêmios (ASBAHR et al., 2017):

68 Digo avanços legais porque a garantia de um direito por meio de leis não significa necessariamente que ele esteja garantido de forma real, no cotidiano das pessoas.

No Brasil, ainda impera a hierarquia do autoritarismo social, que se exprime em nossa sociedade por meio da violência concretizada no racismo, no machismo, nas discriminações de classe social, na exclusão cultural e política, ou seja, em problemas sociais de tamanha proporção e profundidade que tornam a democracia concreta um sonho ainda muito distante.

Essa conjuntura redundante da polarização social entre a carência das classes populares e os interesses das elites dominantes a qual se configura em um entrave para alcançarmos a esfera dos direitos, os quais uma democracia de fato deveria necessariamente garantir. Na esfera política o que temos em última instância são instituições que mimetizam formalmente a lógica democrática, mas que ainda atuam dentro do modelo autoritário em defesa de uma minoria privilegiada. (p. 101-102)

No âmbito do projeto, essa discussão sobre que democracia queremos precisa ser fortalecida e debatida à exaustão para que não sejamos ingênuos defendendo uma participação estudantil apenas formal, circunscrevendo a atuação do grêmio a ações pontuais, sem alterações estruturais no funcionamento escolar.

No mesmo sentido, um de nossos desafios no projeto tem sido a formação dos profissionais do sistema

municipal de Bauru para que compreendam os objetivos e funcionamento dos grêmios estudantis. No caso de tutores e extensionistas, que participam das reuniões mensais do projeto e, no início no ano, de uma etapa de formação, avalio que temos tido resultados interessantes. Vários tutores, como vemos na parte II deste livro, têm produzido sínteses e reflexões relevantes sobre o papel do projeto no incremento da participação estudantil na escola.

No entanto, uma das preocupações desses profissionais é que o projeto é visto na escola como uma ação individual do tutor (ou, às vezes, do tutor e da gestão escolar⁶⁹), e não como uma ação fundamental na organização do trabalho pedagógico da unidade escolar como um todo. Assim, queixam-se dos impedimentos de alguns docentes para que os estudantes participem das atividades do grêmio e da pouca participação de outros professores e funcionários nas ações do projeto.

Nos dois primeiros capítulos do livro, de autoria dos coordenadores do projeto, trouxemos essa questão, e nossa inquietação tem sido a de envolver os demais profissionais da escola no projeto, além de tutores e gestores, de forma que também possam ser promotores da participação dos estudantes não só no grêmio, mas a partir da compreensão de que uma aprendizagem

69 Refiro-me ao trio gestor das escolas do Sistema Municipal de Educação de Bauru, diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico, parceiros fundamentais para que ocorra a implementação dos grêmios nas escolas.

consciente e integral só ocorre se o aluno é sujeito de sua atividade, se a atividade de estudo faz sentido para ele⁷⁰. Avalio, assim, que um de nossos desafios é trabalhar com a formação em serviço de docentes e servidores da escola em horários de reunião coletiva, fortalecendo a atuação do tutor na unidade escolar.

Na mesma perspectiva, família e comunidade têm sido pouco envolvidas no projeto, o que não deixa de ser um contrassenso, na medida em que defendemos uma gestão democrática radical (MARQUES, 2008) na escola pública. Em Zonta et al. (2016, p. 266), temos esta questão: como criar e consolidar canais de participação e estruturar “atividades que estimulem cotidianamente o envolvimento do(as) docentes, alunos(as), equipes de apoio, famílias e comunidade”?

Avalio que, nas escolas do sistema municipal de educação de Bauru, haja um trabalho consolidado de formação e atuação dos conselhos escolares, mas ainda com pouca articulação com os grêmios estudantis. Fica aqui uma perspectiva a ser desenvolvida.

Da mesma maneira, temos defendido a participação de todos no grêmio estudantil e, quando falamos todos, nos referimos à totalidade dos estudantes das escolas, em uma perspectiva inclusiva. No entanto, ainda há pouca participação de estudantes público-alvo

70 Tomamos como referência o conceito de atividade de Leontiev (2021). A análise do processo de atribuição de sentido pessoal à atividade de estudo tem sido tema central em minhas pesquisas. Uma síntese dessas discussões pode ser vista em Asbahr (2019).

da educação especial (PAEE), seja como candidatos do grêmio, seja como alunos participantes das chapas eleitas. Cássia Oliveira tem trazido essa discussão de forma contundente e, nas atividades de formação do projeto, tem nos instigado a pensar formas de participação das crianças e adolescentes PAEE, o que traz a necessidade de ajustes apontados no estudo de Fonseca (2011) acerca das ações com os discentes, para que sejam verdadeiramente inclusivas. Em sua pesquisa de mestrado (OLIVEIRA, 2019), aplicou, por exemplo, um programa de atividades formativas sobre grêmio para os estudantes que pode ser desenvolvido com todos os discentes. Como consequência das discussões e formações sobre o tema, em 2018 e em 2019, tivemos participação de estudantes com deficiência nos grêmios de duas escolas, resultado interessante, mas ainda incipiente. Há aqui, sem dúvida, um grande campo a ser explorado, no sentido de que os grêmios estudantis possam ser cada vez mais inclusivos.

Por último, mas sem a pretensão de esgotar as perspectivas para a continuidade de nossas ações, o projeto tem se demonstrado campo fértil para a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, dimensões indissociáveis da função social da universidade pública. O conhecimento produzido no projeto de extensão é matéria-prima para conteúdos de ensino em disciplinas que ministram, e várias pesquisas foram geradas a partir das perguntas e inquietações produzidas no projeto, como vemos na segunda parte deste livro.

Ainda há, sabemos, muitas questões a serem transformadas em perguntas de pesquisa. Falta, por exemplo, realizarmos uma investigação profunda tendo os tutores como sujeitos de pesquisa, acompanhando de forma mais sistemática sua formação no decorrer do projeto e o desenvolvimento de suas ações na escola. Também sinto a necessidade de produzir, de forma mais rigorosa, um processo de avaliação dos impactos da participação no grêmio no desenvolvimento psíquico dos estudantes, colocando em foco o papel dos coletivos infantis na formação da atividade de estudo (DAVIDOV e MARKOVA, 1987). Ou seja: há inúmeras questões de investigação a serem produzidas e possibilidades fascinantes de articulação entre extensão e pesquisa.

Obviamente, há outros desafios e perspectivas que poderiam ter sido apresentados aqui, mas tomei a liberdade de ater-me aos aspectos que considero centrais à consolidação dos objetivos do projeto, no sentido da defesa contundente do papel da escola na educação para a democracia e na formação do estudante como sujeito livre e emancipado. Encerro, assim, com um trecho de uma canção de Caetano Veloso que sempre fica martelando na minha cabeça depois dos encontros com os estudantes do grêmio:

“Gente é pra brilhar,
não pra morrer de fome”

Referências

ASBAHR, F. da S. F. Significado e sentido e a questão da metodologia do trabalho pedagógico no ensino fundamental. *In: MILLER S., MENDONÇA S. G. de L., KOHLE, E. C. (Org.). Significado e sentido na educação para a humanização. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019, v. 1, p. 195-212.*

ASBAHR, F. da S. F. et al. Grêmios estudantis e a psicologia histórico-cultural: o exercício da democracia e seu papel no desenvolvimento psíquico. *In: EUZÉBIO FILHO, A. (Org.). Psicologia(s) para além do consultório: reflexões e contextos de atuação. 1. ed., Curitiba/PR: Juruá, 2017, v. 1, p. 95-112.*

DAVYDOV, V.; MARKOVA, A. La concepcion de la actividad de estudio de los escolares. *In: DAVYDOV, V.; SHUARE, M. La psicologia evolutiva y pedagogia en la URSS: antologia. Moscu: Editorial Progreso, 1987. p. 316-337.*

FONSECA, K. A. Análise de adequações curriculares no ensino fundamental: subsídios para programas de pesquisa colaborativa na formação de professores. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97506>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

MARQUES, L. R. Democracia radical e democracia participativa: contribuições teóricas à análise da democracia na educação. *Educ. Soc., Campinas, v. 29, n. 102, p. 55-78, abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 ago. 2020.*

LEONTIEV, A. Atividade Consciência Personalidade. Bauru: Editora Mireveja, 2021.

OLIVEIRA, C. A. M. Aluno com deficiência em grêmio estudantil: um programa de formação visando a sua participação. 2019. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019.

Esta obra foi composta em
Chaparral Pro e impressa em papel
Pólen Soft para a Editora Mireveja.